

UNIVERSIDADE FEEVALE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PROCESSOS
E MANIFESTAÇÕES CULTURAIS
Mestrado

DANIELA SCHMITT

DISCURSO E PRÁTICA: A FUNÇÃO SOCIAL DO MUSEU HISTÓRICO VISCONDE
DE SÃO LEOPOLDO SOB A ÓTICA DAS POLÍTICAS CULTURAIS

Novo Hamburgo

2016

DANIELA SCHMITT

DISCURSO E PRÁTICA: A FUNÇÃO SOCIAL DO MUSEU HISTÓRICO VISCONDE
DE SÃO LEOPOLDO SOB A ÓTICA DAS POLÍTICAS CULTURAIS

Dissertação de Mestrado apresentada como requisito
à obtenção do título de Mestre pelo Programa de
Pós-Graduação em Processos e Manifestações
Culturais pela Universidade Feevale.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Antônio Gloger Maroneze

Novo Hamburgo

2016

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

Schmitt, Daniela.

Discurso e prática: a função social do museu histórico Visconde de São Leopoldo sob a ótica das políticas culturais / Daniela Schmitt. – 2016.

122 f. : il. ; 30 cm.

Dissertação (Mestrado em Processos e Manifestações Culturais) – Feevale, Novo Hamburgo-RS, 2016.

Inclui bibliografia e apêndice.

“Orientador: Prof. Dr. Luiz Antônio Gloger Maroneze”.

1. Cultura. 2. Identidade. 3. Função social. 4. Museu Histórico Visconde de São Leopoldo. I. Título.

CDU 008

Bibliotecária responsável: Bruna Heller – CRB 10/2348

DANIELA SCHMITT

Dissertação do Mestrado em Processos e Manifestações Culturais, com título **Discurso e prática: a função social do Museu Histórico Visconde de São Leopoldo sob a ótica das políticas culturais**, submetida à banca examinadora, como requisito necessário para obtenção do título de Mestre.

Aprovada por:

Prof. Dr. Luiz Antônio Gloger Maroneze
(Orientador) Universidade Feevale

Prof.^a Dr.^a Claudia Schemes
Universidade Feevale

Prof. Dr. Diego Lemos Ribeiro
Universidade Federal de Pelotas

Novo Hamburgo, 7 de janeiro de 2016.

Aos meus pais.

AGRADECIMENTOS

São inúmeros projetos e pessoas que fizeram parte desses últimos dois anos, que considero essenciais para a minha formação e para o meu crescimento – pessoal, profissional e acadêmico –, este que ainda precisa se moldar e se adaptar diante dos novos paradigmas e percalços a fim de ir ao encontro do aprendizado contínuo. Deste modo, agradeço:

- ao tempo;
- à Capes – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, órgão de fomento à pesquisa – e à Universidade Feevale, que tornaram possível cursar o Mestrado em Processos e Manifestações Culturais;
- aos professores do Programa de Pós-Graduação em Processos e Manifestações Culturais por proporcionarem diferentes olhares à luz da interdisciplinaridade;
- ao meu orientador, Luiz Antônio Gloger Maroneze, pela sua dedicação e pela sua paciência ao me orientar para novos conceitos e abordagens na pesquisa;
- aos museus e seus gestores que acreditaram no meu trabalho;
- ao Museu Histórico Visconde de São Leopoldo e a toda sua equipe. Em especial, agradeço à Ingrid pela sua receptividade, ao Márcio pela confiança, ao Rodrigo pelo apoio, ao Sr. Gunter pela dedicação ao Museu, à Kárin pela ajuda de sempre, à Regina pela contribuição, à Elisandra, Camila e Clair por compartilharem todas as informações do Museu sem medir esforços e por colaborarem com este trabalho, bem como à dona Hanny e à Ana;
- aos meus pais, Gerson e Viviane, por estarem ao meu lado, por incentivarem o estudo e acreditarem em mim;
- à minha família, em especial às minhas irmãs, Michele e Juliana, que me apoiam incondicionalmente e aos meus avós, Claudete e Edwino, que sempre estiveram ao meu lado quando precisei;
- ao Guilherme, por acreditar junto comigo nos meus sonhos e enfrentar os desafios. Por todas as vezes que me auxiliou. Obrigada pela paciência, pela atenção e pela dedicação.
- à Maribel e ao João, por tantas vezes terem me auxiliado e por colaborarem com o meu deslocamento de Igrejinha à Feevale. Obrigada pela confiança.
- aos meus colegas de Mestrado, aqueles que me acompanharam e me abraçaram em todos os momentos que precisei;
- à vida, por me proporcionar momentos únicos de aprendizado e, acima de tudo, a humildade perante o outro.

“O público da minha idade não é muito com a cara dos museus. Não que seja algo irrelevante, mas preferimos coisas que interagem, pois somos inquietos e ficar parado olhando objetos velhos não é algo divertido. Todavia, se arranjassem uma forma diferente e criativa de apresentar o acervo, com certeza, atrairia mais pessoas. Vocês precisam se adaptar. Por isso, tem que pensar diferente e ser estratégico”.

Estudante (2º ano do Ensino Médio), 16 anos.

Visitou o MHVSL duas vezes.

RESUMO

O estudo tem caráter exploratório e busca identificar como se dá a função social do Museu Histórico Visconde de São Leopoldo (MHVSL) e com quais tendências, sob a ótica das políticas culturais – em especial no âmbito dos museus –, na gestão 2014/2016. Para tanto, propõe situar o Museu diante do contexto contemporâneo, sem deixar de posicioná-lo no ano de sua fundação, em 1959. A partir dos conceitos de *cultura*, *memória* e *identidade* busca analisar o discurso social do Museu imbricado em suas ações, documentos e posicionamentos sob a perspectiva, também, de seu público e na relação de poder entre os indivíduos. Desta forma, o trabalho intui contribuir para a reflexão das ações de uma instituição museológica específica a fim de diagnosticá-la e direcioná-la ao encontro de sua função social.

Palavras-chave: Cultura. Identidade. Políticas culturais. Museu Histórico Visconde de São Leopoldo. Função social.

ABSTRACT

This study has an exploratory nature and aims to identify how the social function of the *Museu Histórico Visconde de São Leopoldo* (MHVSL) [Visconde de São Leopoldo Historical Museum] occurs and with which trends, based on the cultural policy perspective – especially in the museum scope – in the 2014/2016 management. Thus, this study aims to place the Museum in face of the contemporary context, while still positioning it in the year of its foundation, 1959. From the concepts of culture, memory and identity, it aims to analyze the social discourse of the Museum imbricated in its actions, documents and positionings under the perspective of its public as well and in the power relation among the individuals. This way, the study intends to contribute to the reflection of the actions of a specific museological institution in order to diagnose it and direct it to its social function.

Keywords: Culture. Identity. Cultural policy. Visconde de São Leopoldo Historical Museum. Social function.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Tríade das funções do museu	24
Figura 2 – Prédio do MHVSL, registrado no ano de 2015	30
Figura 3 – A primeira sede.....	31
Figura 4 – Proposta de Russio (1984) explorada por Cândido (2007)	37
Figura 5 – Divisão geográfica das sete regiões museológicas do Sistema Estadual de Museus (SEM-RS)	50
Figura 6 – Biblioteca do Museu.....	67
Figura 7 – Parte do acervo tridimensional e documental do MHVSL.....	68
Figura 8 – Parte do acervo tridimensional, máquinas de escrever, do MHVSL.....	68
Figura 9 – Estantes com o acervo fotográfico em caixas de polionda.....	69
Figura 10 – Álbuns de fotografias em exposição.....	70
Figura 11 – <i>Hall</i> de entrada do MHVSL e parte da exposição relacionada ao índio.....	72
Figura 12 – Carro na exposição	74
Figura 13 – Expositores relacionados aos escravos.....	75
Figura 14 – Painel de fotografias dispersas	76
Figura 15 – Passeio ciclístico na Praça do Imigrante - Monumento ao Centenário da Imigração Alemã	78
Figura 16 – Atividade do projeto de extensão Museu como espaço de ação.....	78
Figura 17 – Oficina de teatro	79
Figura 18 – Oficina de dança	79
Figura 19 – Imagem via satélite do entorno do MHVSL.....	91
Figura 20 – Fachada do prédio do MHVSL em 2015.....	92
Figura 21 – Fachada do prédio da Receita Federal em 2015.....	92

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Entrevistados pelo aplicativo <i>WhatsApp</i>	96
---	----

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Análise da Lei 11.904/2009 junto às ações desenvolvidas pelo MHVSL.....	59
Tabela 2 – Público 2014.....	82
Tabela 3 – Público 2015.....	82

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	CULTURA E MUSEU	19
2.1	TEORIA DOS PROCESSOS: CULTURA, MEMÓRIA E IDENTIDADE	19
2.2	OS MUSEUS E A CRISE DA MODERNIDADE	22
2.3	MHVSL: PROCESSO E MANIFESTAÇÃO CULTURAL	30
3	A FUNÇÃO SOCIAL DIANTE DO CONTEXTO CONTEMPORÂNEO: DISCUSSÕES E DESDOBRAMENTOS	35
3.1	NOVA MUSEOLOGIA OU VELHA MUSEOLOGIA?	35
3.1.1	As cartas	40
3.1.1.1	<i>Santiago</i>	40
3.1.1.1	<i>Quebec</i>	42
3.1.1.1	<i>Caracas</i>	43
3.1.2	Os profissionais de museus como atores sociais	46
3.1.3	Contextualizando o MHVSL	50
3.2	A FUNÇÃO SOCIAL SOB A ÓTICA DAS POLÍTICAS CULTURAIS	52
3.2.1	Plano Nacional de Cultura	54
3.2.2	Política Nacional de Museus	55
3.2.3	O Estatuto de Museus sob a ótica do MHVSL	58
4	MUSEU HISTÓRICO VISCONDE DE SÃO LEOPOLDO	62
4.1	O MHVSL: ESTRUTURA FÍSICA E INSTITUCIONAL	62
4.1.1	Estatuto: discurso e poder	62
4.1.2	O acervo e o prédio	66
4.1.3	Exposição: seus signos e a cidade	71
4.1.4	Projetos e ações educativas e culturais	77
4.1.5	Público em números	81
4.1.6	O voluntariado no espaço do Museu	83
4.2	DIFERENTES OLHARES	84
4.2.1	O Museu pelo olhar do profissional	88
4.2.2	Sob o contexto da cidade	89
4.2.3	O olhar do público	93
5	DISCURSO E PRÁTICA: A FUNÇÃO SOCIAL DE UM MUSEU HISTÓRICO	100
5.1	ESPAÇO DE MEMÓRIA E DE PODER	101
5.2	AÇÃO EDUCATIVA E CULTURAL PARA QUEM?	105
5.3	CRISE OU ADAPTAÇÃO: REPENSANDO A FUNÇÃO SOCIAL	107
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	111
	REFERÊNCIAS	114
	APÊNDICES	119
	APÊNDICE A – QUADRO DE FUNCIONÁRIOS E FORMAÇÃO	120
	ANEXOS	121
	ANEXO A – CARTAZ 1º SEMINÁRIO PATRIMÔNIO HISTÓRICO DE SÃO LEOPOLDO	122

1. INTRODUÇÃO

Pensar a atuação do Museu Histórico Visconde de São Leopoldo (MHVSL) na cidade de São Leopoldo e seu papel para o município e região no contexto contemporâneo é a preocupação maior deste trabalho. Busca-se, nesse sentido, entender a função social do Museu através dos discursos produzidos em seus espaços e pela comunidade, bem como interpretá-la no âmbito da Política Nacional de Museus (PNM). Para isso, analisa-se a exposição de longa duração do Museu a partir de diferentes discursos: institucional, público, visitante em potencial. Consideram-se os documentos voltados para a discussão da Nova Museologia – Santiago do Chile, Quebec e Caracas – e o Estatuto Brasileiro de Museus.

Verifica-se o Museu Histórico Visconde de São Leopoldo, inaugurado em 1959, como um importante espaço cultural da cidade de São Leopoldo. Dessa forma, deve ser palco e confronto da pesquisa científica. Avalia-se, portanto, a importância de estudar essa instituição museal através da linha de pesquisa em Memória e Identidade. Também são identificados e comparados os diferentes discursos do MHVSL, presentes na instituição museal, sob a ótica das políticas culturais, enquanto discurso social. Localiza-se o Museu diante do contexto de crise da modernidade.

O trabalho se dá pelo questionamento das ações desenvolvidas no Museu. A partir da formação em Museologia e da naturalidade leopoldense da autora, percebeu-se a importância de desenvolver um estudo voltado para o primeiro museu visitado durante sua infância. As imagens da exposição e dos objetos ficaram armazenadas em sua memória. Ainda hoje os mesmos objetos seguem expostos.

Também se apresenta o Museu como espaço de poder sob a perspectiva de documentos norteadores que afirmem a importância da função social no meio museal. Para tanto, examina-se a dispersão dos discursos e questiona-se se os mesmos autenticam a adoção das políticas culturais no espaço do Museu. Verifica-se uma conquista de espaço de memória por meio de prévias ações que foram assinaladas em diversas reuniões de municípios da região do Vale do Sinos e que se formaram graças à colonização alemã.

Pretende-se promover uma reflexão sobre as ações museológicas diante da aceleração dos processos culturais. Considera-se que o estudo de um museu específico possibilita a visualização do processo de adaptação do espaço às novas estratégias de ação. Acredita-se que o caso do Museu Histórico Visconde de São Leopoldo é um exemplo da complexidade que envolve esta adaptação histórica. Diante dessa proposta, o trabalho pretende promover a reflexão sobre a forma como os museus se inserem no contexto histórico contemporâneo,

marcado pela chamada modernidade líquida¹ (BAUMAN, 2013), pelas novas tecnologias e pelo consumismo. Problematiza-se, assim: **de que forma o Museu Histórico Visconde de São Leopoldo cumpre com a função social (e com quais tendências), considerando as políticas culturais?**

A fim de solucionar o problema, objetiva-se a investigação das práticas e do discurso do Museu de São Leopoldo no âmbito de seu espaço de atuação, bem como se busca verificar quais são as posições históricas em relação às comunidades em que atua.

Estuda-se, ainda, como o Museu cumpre com sua função social. Identificam-se quais são as ações educativas e culturais voltadas para a sociedade, analisa-se a relevância das políticas culturais nacionais no Museu de São Leopoldo, avalia-se a comunicação do Museu por meio de suas exposições, expõem-se os diferentes discursos a partir da multiplicidade dos mesmos e da cultura, compara-se o discurso com a prática do Museu e, por fim, apresenta-se o Museu como espaço de memória e de poder.

O trabalho justifica-se pelo fato de o MHVSL ser um importante espaço de memória referente à imigração alemã. Vale salientar que esse espaço vem se adaptando ao longo dos seus 50 anos. Além disso, vem adquirindo novos objetos relacionados a outras etnias e a tudo aquilo que estivesse ligado à história de São Leopoldo. Contudo, acredita-se que o MHVSL é invisível aos olhos da cidade, tendo ênfase, na maioria das vezes, nas festividades do 25 de julho – data da chegada dos alemães em São Leopoldo, no ano de 1824.

A partir da gestão 2014/2016 dessa instituição, definem-se os discursos a serem analisados para entender como o Museu cumpre com sua função social. Analisa-se, também, se existe o reconhecimento das políticas culturais, discutidas em nível nacional, nas ações advindas dos funcionários e da diretoria do MHVSL. Lembre-se que, mesmo sendo uma instituição privada, o Museu tem caráter público.

A ideia inicial era averiguar alguns documentos específicos. Todavia, se acredita que junto às ações do Museu estão seus gestores, ou seja, os indivíduos. Por isso, definiu-se para a análise do MHVSL diante do contexto contemporâneo a averiguação das ações de uma gestão específica, colocando-a sob a luz do exercício ou não da função social – amparada nas considerações e recomendações de documentos e políticas da área museológica. Evidencia-se, assim, o discurso e a prática dos mesmos sob o olhar do público, dos funcionários e dos voluntários do Museu.

¹ Conceito utilizado por Zygmunt Bauman (2013) para denominar o formato atual da condição moderna.

A transmissão da memória e da tradição de uma geração à outra ocorre por meio dos chamados semióforos² que se constituem como suportes de memória. Assim, a exposição é a comunicação entre o museu e o público. Ou seja, são os meios – porém, não o único, embora seja o mais potente - onde esses bens culturais são ressignificados. Sendo assim, parte-se dessa ação à percepção do questionamento voltado para o cumprimento da função social discutida pela Nova Museologia, desenhada a partir de 1972 durante a Mesa Redonda de Santiago do Chile, quando foi traçado um novo conceito de museu, separando-o do conceito tradicional. A discussão estava voltada não mais para instituições com valores colecionistas, mas, sim, para espaços preocupados com a vida cotidiana da sociedade, atentando aos problemas sociais, econômicos e políticos mais patentes das comunidades em que estão inseridos, buscando solução para estes problemas (RIBEIRO, 2007).

Já a Política Nacional de Museus (BRASIL, 2003) afirma que as instituições museológicas servem como ferramenta estratégica de aprimoramento dos processos democráticos para a valorização do patrimônio cultural. Essas considerações são pensadas no campo de políticas públicas de caráter mais amplo. Para isso, “os museus devem ser processos e estar a serviço da sociedade e do seu desenvolvimento” (BRASIL, 2003). Verifica-se, a partir desse trecho da PNM, a relevância da criação do Museu em São Leopoldo e o seu importante papel na valorização do patrimônio cultural ao preservar, investigar e comunicar seu acervo.

Segundo a Lei 11.904/2009, que institui o Estatuto de Museus, um dos princípios fundamentais das instituições museológicas é o cumprimento da função social, exposto no Art. 2º, sendo vinculado aos princípios basilares do Plano Nacional de Cultura. Sendo assim, averíguam-se os discursos relacionando-os com as políticas culturais e identificando de que forma contribuem para a função social do Museu.

A pesquisa se dá no espaço do Museu Histórico Visconde de São Leopoldo. Analisa-se a exposição de longa duração do MHVSL, bem como a dispersão dos discursos. Avalia-se, ainda, se eles corroboram para o desenvolvimento das políticas culturais no espaço do Museu. Consideram-se os seguintes discursos: fundadores do Museu, membros da diretoria do Museu, funcionários do Museu, público, voluntários, escolas, estatuto do Museu. Com isso, pretende-se identificar como a instituição museológica em questão cumpre com sua função social e se o seu discurso é utilizado na prática.

Por se tratar de um museu específico, onde ainda são verificadas ações tradicionais,

² “[...] um semióforo é alguma coisa ou algum acontecimento cujo valor não é medido por sua materialidade e sim por sua força simbólica, por seu poder para estabelecer uma mediação entre o visível e o invisível, o sagrado e o profano, o presente e o passado, os vivos e os mortos...” (CHAUI, 2006, p. 8).

optamos por considerar sua exposição, bem como suas ações referentes ao tratamento dado ao seu acervo. Mesmo se tratando da perspectiva da função social, através da observação participante percebemos que há muito a ser percorrido por este Museu para, de fato, compreender sua posição no território em que está inserido.

Para tanto, a pesquisa bibliográfica é concretizada no primeiro momento. Realiza-se, igualmente, o levantamento dos diferentes discursos/práticas por meio de aplicação de questionários e da análise do estatuto do Museu e da sua exposição. Parte-se da premissa de que é um tema contemporâneo e, por isso, são aplicadas estratégias para tornar possível a visualização dos discursos e da prática no Museu sob a esfera da função social. A pesquisa contou, ainda, com a observação participante.

A análise dos dados ocorre por meio do teste empírico, envolvendo a “comparação entre o observado durante a pesquisa e as hipóteses deduzidas de uma teoria” (PRODANOV; FREITAS, 2013). Inicialmente fez-se um levantamento preliminar do quadro de funcionários, dos integrantes da diretoria e dos visitantes.

O estudo configura-se como uma pesquisa comparativa em relação ao método científico utilizado. Realizou-se a análise propriamente dita, dedução e interpretação, por meio da comparação dos diferentes discursos do Museu e sobre o mesmo a partir do seu contexto sócio-histórico e, do mesmo modo, a fundamentação teórica, dentro dos objetivos propostos neste trabalho. No cruzamento da análise, buscou-se, também, comparar a proposta inicial do Museu e sua posição atual em relação à função social. Tal pesquisa relaciona-se de forma interdisciplinar entre as áreas da Antropologia, da História, da Sociologia e da Museologia. O estudo tem como base os conceitos de cultura, memória, identidade e discurso. Em relação ao conceito de cultura, toma-se por referência o pensamento do antropólogo Clifford Geertz (1989), que interpreta a cultura sob um prisma semiótico. A partir da percepção do que é cultura e da análise sócio-histórica do Museu e da cidade, far-se-á uma categorização das representações discursivas encontradas no espaço do MHVSL, analisando as diferentes percepções e processos culturais para a sua construção identitária.

Contextualiza-se o espaço do Museu Histórico Visconde de São Leopoldo a partir do referencial bibliográfico de Roswithia Weber³ (2012; 2013). Weber (2006) também auxilia na contextualização da imigração alemã e da história da cidade de São Leopoldo, tal qual faz Martin Dreher (2014).

³ Dra. Roswithia Weber é professora titular na Universidade Feevale (Novo Hamburgo/RS), atuando nos cursos de História e Turismo, assim como no Mestrado Profissional em Letras. Integra a diretoria do MHVSL como coordenadora de Arquivo.

No museu, a exposição é um discurso. Ela busca a identidade por meio da representação da memória (LEAL, 2010). De acordo com Leal (2010), para entendermos a exposição, é preciso avaliar os códigos de representação ali presentes no discurso montado sobre a história de uma determinada instituição, cidade, povo, nação, entre outros, e muito, particularmente, e a autoria da mesma e a concepção de mundo e sociedade apresentados para o público.

Ao ser construída, a Política Nacional de Museus⁴, de 2003, implica a renúncia da visão ingênua em relação aos museus e a adoção de uma perspectiva museológica. O objetivo geral da PNM (2003) é “promover a valorização, a preservação e a fruição do patrimônio cultural brasileiro, considerado como um dos dispositivos de inclusão social e cidadania”.

O estudo da dispersão dos discursos repensa a instituição museológica, considerando os aspectos expostos para a pesquisa, e visa à importância do discurso social e da função social em ambientes culturais.

Para o desenvolvimento do trabalho, no capítulo 2 estudamos os conceitos de *cultura*, de *memória*, de *identidade* propostos por autores como Clifford Geertz (1989), Waldisa Russio (1984), Fernando Catroga (2001), Edgar Morin (1999) e Stuart Hall (2006) – considerados como principais para a realização do estudo. Outros pesquisadores são trazidos para o debate, dadas as suas pertinentes contribuições. Consideram-se, ainda, as mudanças no contexto da crise da identidade vivenciada em diferentes museus a nível nacional. Ainda no capítulo 2, busca-se expor um panorama sobre a história do Museu Histórico Visconde de São Leopoldo como processo e manifestação cultural na cidade de São Leopoldo.

A função social no contexto contemporâneo é o tema do capítulo 3. Nele, procura-se apresentar uma discussão conceitual e os aspectos da Nova Museologia, além de sua relação com as discussões voltadas para a função social dos museus. Especificam-se os profissionais de museus como atores sociais, bem como se contextualiza o MHVSL nesse panorama. A definição e apresentação das políticas culturais se dão pelo estudo do Plano Nacional de Cultura, da Política Nacional de Museus e de alguns pontos do Estatuto de Museus considerando as ações desenvolvidas no espaço do MHVSL.

O capítulo 4 apresenta o Museu Histórico Visconde de São Leopoldo sob diferentes olhares, bem como sua estrutura física e institucional. Destacam-se os personagens do Museu – funcionários, voluntários, diretoria e público. Apresenta-se o acervo museológico, a exposição do Museu e seu estatuto. Verifica-se o espaço de forma crítica a fim de apresentar de fato esta instituição à sociedade.

⁴ Considera-se que as discussões foram promovidas em diferentes momentos.

Os conceitos expostos, as discussões teóricas e a apresentação do Museu e de sua relação com seu entorno permitem a elaboração da análise exposta no capítulo 5, que discute como se dá a função social no espaço do Museu Histórico Visconde de São Leopoldo. Para isso, são analisados sua exposição e seu público através da observação participante. Verificam-se, ainda, os projetos educativos e culturais desenvolvidos pela instituição museológica e sua inserção na comunidade. Por fim, analisa-se o Museu considerando uma possível crise. Todavia, a adaptação está em jogo. Para tanto, a função social é repensada a partir do estudo voltado para o Museu Histórico Visconde de São Leopoldo.

2. CULTURA E MUSEU

Espaço de memória, bem como de poder, que guarda informações e pesquisas, o museu também vive no fluxo da História. Assim, torna-se necessário contextualizar a questão dos museus no quadro das teorias contemporâneas para, depois, analisar o Museu Histórico Visconde de São Leopoldo em busca dos conceitos que possibilitem o entendimento do processo discursivo e sua influência sob a ação voltada para a função social da instituição.

2.1 TEORIA DOS PROCESSOS: CULTURA, MEMÓRIA E IDENTIDADE

O estudo tem como base o conceito de *cultura* utilizado pelo antropólogo Clifford Geertz (2008). O teórico observa a cultura como “um conjunto de mecanismos de controle – planos, receitas, regras, instruções [...] – para governar o comportamento” (GEERTZ, 2008, p. 2). Para Geertz, cultura é comunicação. No espaço museal, para existir o compartilhamento de informações, esses mecanismos são fundamentais, pois o posicionamento do museu deve estar conectado aos mesmos. De acordo com Geertz (2008, p. 4), “o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu”. A cultura formaria as teias e a sua análise se daria através da ciência interpretativa que estaria à procura do significado. Dessa forma,

[...] cultura é um padrão, historicamente transmitido, de significados incorporados em símbolos, um sistema de concepções herdadas, expressas em formas simbólicas, por meio das quais os homens se comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas atitudes acerca da vida (GEERTZ, 1989, p. 89).

O museu é responsável por garantir às diferentes gerações suas coleções. Estas possuem seus símbolos, onde estão imbricados os significados. Assim, a herança cultural é transmitida de geração em geração. O Museu Histórico Visconde de São Leopoldo, por exemplo, está há mais de cinco décadas contribuindo para essa concepção.

Edgar Morin (1999, p. 28) afirma que “a sociedade nasce das interações entre indivíduos, mas com sua cultura, com seu saber, ela retroage sobre os indivíduos e os produz para se tornarem indivíduos humanos”. Aqui, a cultura é vista como um processo interdisciplinar. Ela não se encontra no âmbito da especialização. O Museu precisa seguir esta linha interdisciplinar, pois, é fundamental dialogar com as diferentes áreas do conhecimento, em um processo lento. Para isso, o grupo deveria corroborar – sendo o principal estrategista para a qualificação interdisciplinar.

Morin (1999) conceitua a cultura como uma “emergência social que retroage sobre os

indivíduos, lhes dá a linguagem e o saber, e, por isso, os transforma. Não apenas o todo é mais que a soma das partes” (MORIN, 1999 p. 28). Os processos culturais orientam os indivíduos no universo de sua língua e práticas tradicionais, tanto para a totalidade quanto para a singularidade dos grupos.

Na perspectiva da Museologia, Waldisa Russio (1984, p. 62) diz que a “cultura é essencialmente fazer e viver, é o resultado do trabalho do homem, seja ele um trabalho intelectual, seja ele um trabalho refletido materialmente na construção concreta”. Aqui, a cultura é vista como uma ferramenta, ela se concretiza no trabalho, material ou imaterial, do indivíduo. Ou seja, mesmo em uma visão mais materialista da cultura, é o “saber fazer” que localiza os indivíduos em seu meio.

Verifica-se, a partir da exploração do conceito de cultura, a criação das condições ideais diante do trabalho desenvolvido por diferentes personagens ligados aos assuntos culturais da cidade de São Leopoldo e região para a preservação dos bens culturais em uma instituição museológica, o MHVSL. Esta pode ser visualizada na exposição, onde, na maioria das vezes, ou não, é observada a memória do grupo e não do indivíduo. Visualiza-se como exemplo o espaço expositivo do MHVSL, onde o que está exposto é essa memória, de um grupo específico da sociedade, bem como a memória de uma São Leopoldo – a cidade, antiga. Cabe à metamemória “o papel de acentuar as características inerentes à chamada memória social ou coletiva e às modalidades de sua construção e reprodução” (CATROGA, 2001, p. 47).

Segundo Catroga (2001, p. 48), a

[...] memória só poderá desempenhar a sua função social através de liturgias próprias, centradas em reavivamentos, que só os traços-vestígios do pretérito são capazes de provocar. Portanto, o seu conteúdo é inseparável dos seus campos de objectivação e de transmissão – linguagem, imagens, relíquias, lugares, escrita, monumentos – e dos ritos que o reproduzem. O que mostra que, nos indivíduos, não haverá memória colectiva sem suportes de memória ritualisticamente compartilhados.

Desta forma, os suportes de memória, bens culturais, são fundamentais para a existência da memória coletiva. O conceito de metamemória “define as representações que o indivíduo faz da sua própria memória e o conhecimento que tem e afirma ter desse facto” (CATROGA, 2001, p. 43- 44). Um objeto no espaço do Museu pode representar para cada indivíduo uma lembrança distinta.

De acordo com Stuart Hall (2006), as mudanças na identidade das pessoas fazem parte de um processo maior, de um processo de mudanças na sociedade. Com isso, o trabalho busca estudar como se dá a relação dos indivíduos com o Museu diante do contexto de globalização, o que pode ser visualizado no compromisso de familiares dos antigos parceiros da instituição.

Os mesmos optam em não dar continuidade à parceria, afastando-se do MHVSL. Talvez isso ocorra por não se identificarem com o espaço. Verifica-se, então, a crise.

A partir de vários conceitos relacionados ao pós-moderno, a crise da modernidade é explorada por Morin (1999) que diz que ela se dá a partir da ideia de aceleração do tempo e do fim de um modelo cultural centralizador. Já Hall (2006) avalia que a identidade é formada e transformada através da representação, ou seja, não surgimos com ela. Conforme Woodward (2012), a cultura molda a identidade ao dar sentido à experiência e ao tornar possível optar. A identidade é construída a partir do local em que habitamos, elas adquirem sentido por meio da linguagem e dos sistemas simbólicos pelos quais elas são representadas (WOODWARD, 2012). Neste caso, os museus têm o papel de representação da identidade de um determinado grupo – ou de vários.

Assim, o discurso da cultura constrói identidades, marcadas por símbolos (WOODWARD, 2012), que são dispostas entre o passado e o futuro – o Museu é o espaço-tempo, presente. Ela – a cultura – se divide entre retornar ao passado, para recuperar as identidades de um tempo perdido, e avançar em direção à modernidade (HALL, 2006). O Museu Visconde teve o desafio de recuperar a identidade de um determinado grupo que até então estava se distanciando de suas tradições. A instituição museológica lhe deu um novo sentido, corroborando para sua ressignificação e difusão através dos objetos/documentos.

A possibilidade de enraizar no passado a experiência atual de um grupo se perfaz pelas mediações simbólicas. É o gesto, o canto, a dança, o rito, a oração, a fala que evoca, a fala que invoca. No mundo do arcaico tudo isto é fundamentalmente religião, vínculo do presente com o outrora-tornado-agora, laço da comunidade com as forças que a criaram em outro tempo e que sustentam a sua identidade (BOSI, 1992, p. 15).

Percebe-se, assim, através da passagem de Alfredo Bosi (1992), a missão do Museu de recuperar a presença do imigrante de forma a criar laços, novamente, através dos bens culturais. A exposição do MHVSL afirma a diferença do imigrante alemão perante o outro. A percepção se dá através dos usos e costumes a partir da tradição trazida de sua terra e perpetuada no lugar onde se instalaram: a colônia de São Leopoldo.

Nesta mesma linha, Bosi acrescenta que a

[...] colonização é um projeto totalizante cujas forças motrizes poderão sempre buscar-se no nível do *colo*: ocupar um novo chão, explorar os seus bens, submeter os seus naturais. Mas os agentes desse processo não são apenas suportes físicos de operações econômicas; são também crentes que trouxeram nas arcas da memória e da linguagem aqueles mortos que não devem morrer. (BOSI, 1992, p. 15)

Desta forma, a colonização traz consigo suas memórias. Estas permanecem através da própria cultura que se verifica nas práticas, nas técnicas, nos símbolos e nos valores passados às novas gerações a fim de garantir a representação de um sentido de uma condição de coexistência social (BOSI, 1992). Sendo assim, essa redescoberta do passado “é parte do processo de construção da identidade que está ocorrendo neste exato momento e que, ao que parece, é caracterizada por conflito, contestação e uma possível crise” (WOODWARD, 2012, p. 12). A musealização tem significado não somente o apontamento do passado, mas a preservação do presente e antecipação do futuro (CÂNDIDO, 2007).

Portanto, as identidades não estão livres do jogo de poder, de divisões e contradições internas, de lealdades e de diferenças. Para Woodward (2012, p. 25) “a luta política se caracteriza pela competição e pelo conflito entre as diferentes identidades, o que tende a reforçar o argumento de que existe uma crise de identidade no mundo contemporâneo”. O MHVSL, assim como os museus em geral, é espaço de poder e, junto a isso, acrescenta-se o discurso político a partir da relação que se dá com a municipalidade e com os vários grupos sociais.

Os museus passam também pelo processo de crise de identidade. Stuart Hall (2006) desenvolve esse conceito. De acordo com ele, a identidade fica vulnerável diante da globalização, pois o acesso aos diferentes processos culturais de distintos lugares do mundo é atraído por alguns museus. A identidade fica exposta às influências externas. Dessa forma, pode-se dizer que essa passagem contribui para compreendermos as novas discussões voltadas para a transformação da Museologia, em especial na América Latina, com o intuito de perceber esses lugares de memória como espaços de educação, comunicação, interação, indo além da ideia colecionista.

Diante desse contexto, verifica-se que a globalização tem um efeito pluralizante sobre as identidades, possibilitando novas formas de identificação, tornando as identidades mais posicionais, mais políticas, mais plurais e diversas; menos fixas, unificadas ou trans-históricas. Entretanto, há aquelas que gravitam em torno da tradição. A partir desse cenário, passamos para a próxima exploração, os museus e a crise da modernidade.

2.2 OS MUSEUS E A CRISE DA MODERNIDADE

Os museus foram e são fundamentais para o processo e ressignificação da identidade da sociedade em que atuam. Eles participam das discussões do desenvolvimento cultural, mesmo que de forma ainda tímida em alguns lugares. Em 1922, o Movimento da Semana de Arte

Moderna do Brasil buscava a identidade nacional. Nesse contexto, cria-se o Museu Histórico Nacional sob a responsabilidade de Gustavo Barroso, diretor do Museu.

Identifica-se a importância desses espaços de memória para a busca identitária dos lugares e das pessoas, pois os museus são instituições que preservam referências patrimoniais e, através delas, propõem reflexões abertas sobre o homem, seu meio ambiente e suas atividades – ou seja, ao fato museal, desenvolvido no próximo capítulo. Por isso, vinculam-se necessariamente ao conhecimento interdisciplinar.

O processo de valorização da identidade nacional leva ao projeto de criação da Superintendência do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), em 1937. O mesmo foi elaborado por Mário de Andrade a pedido de Rodrigo Melo Franco de Andrade, que chefiou o SPHAN desde sua fundação até o ano de 1968. Nesse contexto, percebe-se a importância da valorização do patrimônio para o desenvolvimento cultural do País.

Os museus passam a reavaliar suas ações a partir das reflexões de uma Nova Museologia. Os debates, considerados no trabalho, iniciam no ano de 1972, na Mesa Redonda de Santiago do Chile. Os conceitos e discussões foram ampliados em 1984 com a Carta de Quebec e refletidos, novamente, em Caracas no ano de 1992.

As instituições museológicas também se fortaleceram com a criação, em 2003, da Política Nacional de Museus. Começava, portanto, o delineamento de um novo percurso de discussões no âmbito museal brasileiro. Em 2009, é criado o Instituto Brasileiro de Museus (Ibram), afirmando a força e a importância das instituições museológicas que somam mais de três mil unidades em todo o País.

Conforme o Estatuto Brasileiro de Museus – Lei nº 11.904/2009 –, é considerada museu a instituição sem fins lucrativos que conserva, investiga, comunica, interpreta e expõe, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer outra natureza cultural, aberta ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento.

Segundo Padilha (2014), percebem-se, assim, três funções básicas do museu – fundamentais para refletir sobre o processo museológico –: preservar, pesquisar e comunicar. Podemos, ainda, pensar o processo de musealização como um encadeamento de ações que incorpora as ações de aquisição, salvaguarda e comunicação. “O processo está todo interligado, pois comunicar é preservar, sem pesquisa não há comunicação e assim por diante; afora, a pesquisa em todos os processos” (RIBEIRO, 2016)⁵.

⁵ Anotações do professor Dr. Diego Lemos Ribeiro para a banca de defesa desta dissertação, em 7 de janeiro de 2016.

A Figura 1 apresenta a tríade museal. Todas essas ações devem estar conectadas para que exista o melhor desempenho de ambas. Se houver ruídos em uma dessas ações, haverá problemas para as outras.

Figura 1 – Tríade das funções do museu



Fonte: elaborada pela autora

A preservação está ligada ao processo de documentação museológica e à conservação, bem como ao processo de patrimonialização, tanto do ponto de vista fenomenológico, jurídico e operacional⁶. Elas garantem a salvaguarda dos bens culturais. A pesquisa é essencial para o reconhecimento dos objetos/documentos, bem como da própria instituição museológica. Ela garante a comunicação que está voltada para a exposição, à ação educativa e cultural, às publicações. Ou seja, tudo aquilo que esteja relacionado à interação com o público. Parte-se, assim, dessas ações para o entendimento do funcionamento do MHVSL e de sua relação com a sociedade. Todavia, o discurso voltado para a função social ficará exposto a partir da adoção ou não dessas práticas. Além das ações de salvaguarda e de difusão da memória, o museu está a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento. Pode-se dizer, portanto, que ele é uma ferramenta cultural favorável “para a formação de identidades locais articuladas a uma consciência nacional mais ampla” (CHAGAS, 2006, p. 12). O Museu Histórico Visconde de São Leopoldo foi e é um importante espaço na cidade para a construção do processo identitário, local e regional.

Nesta linha, Meneses (1993, p. 211) diz que “os museus dispõem de um referencial sensorial importantíssimo, constituindo, por isso mesmo, terreno fértil para as manipulações

⁶ Ideia complementada pelo professor Dr. Diego Lemos Ribeiro, na banca de defesa no dia 7 de janeiro de 2016.

das identidades”. Pode-se dizer assim que, no caso do MHVSL, as instituições museológicas, por meio de seus discursos, são espaços de poder. Logo, tudo que é exposto possui relevância cultural para o Museu.

A instituição museal deve criar também condições para conhecimento e entendimento do que seja identidade, de *como, por que e para que* ela se compartimenta, quais os mecanismos e direções das mudanças e de que maneira todos esses fenômenos se expressam por intermédio das coisas materiais (MENESES, 1993). Esse ponto se torna emblemático no MHVSL, pois, como veremos mais à frente, existem distintos ruídos na exposição. Um deles é a falta das condições necessárias para esse entendimento do que seria a identidade. Um desafio é lançado aos museus diante da crise da modernidade porque o que predomina é a fluidez.

Um embate entre a modernidade e o chamado pós-moderno também é percebido no papel dos museus nessa sociedade. De acordo com Luiz Maroneze (2007, p. 24), “a situação deste início de século associa, assim, uma crise de passado aberta pela própria modernidade e uma crise do futuro e do devir que solapam a própria modernidade”. Os museus estão no contexto da crise da modernidade, bem como diante da crise da identidade. Em presença disso, criam-se mecanismos para o patrimônio cultural, que serão vistos mais à frente.

Os museus, diante desse quadro, são obrigados a pensar em transformações práticas e em mudança acelerada, pois ficam expostos à globalização. A Política Nacional de Museus, apontada no capítulo 3, auxilia nesse processo. Em outras palavras, o que se deve propor é que “os museus tenham sempre e obrigatoriamente uma *postura crítica* em relação à problemática da identidade” (MENESES, 1993, p. 213). É preciso questionar até onde as instituições museológicas, espaços de celebração e rememoração, podem se adaptar, haja vista que elas pretendem ser referência para a identidade dos lugares onde estão inseridas. Assim se dá a estratégia de proteção da patrimonialização de referentes culturais, posta como obsessão pelo passado. Esta ancorada na conservação de identidades centradas diante da valorização tanto do patrimônio quanto da memória, servindo “como resposta às pressões das forças da globalização, ao desconforto do presente e às incertezas do futuro” (ANICO, 2005, p. 75).

Embora seja importante o estado de permanência, também devem ser consideradas as adaptações nessas instituições museológicas, pois é preciso que o museu dialogue com o seu entorno. Verifica-se que o espaço vem mudando ao longo dos anos e, para isso, o museu precisa se adequar. Desta forma, segundo Bauman (2013), a cultura não consiste em proibições, mas sim em ofertas. Os museus precisam se promover de forma a atrair seu visitante, bem como o público em potencial.

Se há uma coisa para a qual a cultura hoje desempenha o papel de homeostato, esta não é a conservação do estado atual, mas a poderosa demanda por mudança constante (embora, ao contrário da fase iluminista, se trate de uma mudança sem direção, ou sem um rumo estabelecido de antemão). Seria possível dizer que ela serve nem tanto às estratificações e divisões da sociedade, mas a um mercado de consumo orientado para a rotatividade (BAUMAN, 2013, p. 13).

Os museus ficam expostos às mudanças diante do mercado de consumo⁷ – voltado para a rotatividade. Com isso, o museu tradicional e o interativo se fundiram perante as novas possibilidades expositivas. Afirma-se, assim, que as instituições museológicas, em especial de tipologia histórica, devem ser fóruns e não templos. O museu precisa oferecer condições para a compreensão de como se dá a construção da tipicidade numa sociedade formulada nos diferentes lugares sociais, bem como de que maneira se articulam entre si a partir dos diversos vetores materiais emblemáticos de objetos, práticas e valores, bem como estes são revelados e seus suportes utilizados. (MENESES, 1993).

É importante que a instituição museológica perceba sua função como espaço não-formal de aprendizagem. Para isso, é preciso pensar em propostas fixadas por meio da interação com seu público em que a informação não esteja pronta, mas em processo, à espera do visitante para sua construção e sua reformulação. No museu, há o risco de que uma exposição se resuma à apresentação de coisas, das quais se podem induzir paradigmas de valores para os comportamentos humanos, e não à discussão de como os comportamentos humanos produzem e utilizam coisas com as quais eles próprios se explicam (MENESES, 1993). Esse é o ponto que se teme no espaço expositivo do MHVSL.

O terreno museológico propõe a presença dos objetos com escopo discursivo para a organização dos enunciados que o museu produz na exposição. Essa visão de que o conhecimento se constrói na interação observador/objeto é motivada por implicações de toda ordem. A perspectiva discursiva apontada como oportuna à exposição implica na problemática da identidade e da alteridade (MENESES, 1993). Dependendo do espaço, preserva-se a dimensão crítica do museu. Sem isso, é provável o descomprometimento com a sua responsabilidade social.

Existe um contexto de “incertezas” em presença dos espaços de lazer e de consumo. De acordo com Edgar Morin (1999, p.27), “trata-se de saber como vamos fazer para dialogar entre certeza e incerteza, separação e inseparabilidade”. O museu se especializou no âmbito da interdisciplinaridade. Ele precisa se abrir e se adaptar para não perder o sentido.

A Nova Museologia propõe que o museu seja espaço de diálogo e de questionamento,

⁷ Com a criação de leis de incentivo à cultura que permitiram e impulsionaram a consolidação do papel central do mercado na cultura do País (SIMÕES; VIEIRA, 2010, p. 33).

de forma a pensar na sua função social e estar a serviço da sociedade. Sem dúvida, o campo museal é campo de tensão e, por isso mesmo, nele há espaço para múltiplas e diferentes práticas, abordagens e enfoques. O MHVSL foi criado em presença de uma Museologia que se dizia tradicional. Basta saber se está aberto para novos diálogos e novas ações.

Para Otilia Arantes, os novos museus se colocaram como um autêntico emblema das políticas de animação cultural produzidas pelos Estados capitalistas ocidentais, ‘no intuito de criar grandes monumentos que sirvam ao mesmo tempo como suporte e lugar de criação da cultura e reanimação da vida pública’. Nesse processo, é como se as novas responsabilidades econômicas estivessem devolvendo aos indivíduos a ‘cidadania’, através de atividades “lúdico-culturais” patrocinadas pelas grandes empresas. Os novos museus se apresentam, segundo a autora, como “sucedâneos de uma vida pública inexistente” (ARANTES, 1993 apud MEIRA, 2010, p. 1).

Muitos grupos sociais, em todo o mundo, passaram por uma forte mudança no que diz respeito ao relacionamento tradicional com o passado. O que vem acontecendo é “uma crítica das versões oficiais da História”, e, ainda, “conflitos envolvendo lugares ou monumentos simbólicos; uma proliferação de museus”, conforme Pierre Nora (2009). Nessa perspectiva, considera-se o Museu pesquisado e sua relação com a cidade de São Leopoldo-RS.

Nessa linha de pensamento, a urbanista Françoise Choay (2001) enfatiza que a excessiva preocupação com a preservação patrimonial é uma alegoria que mostra justamente a dificuldade de se lidar com a aceleração do tempo na época do ciberespaço. Para ela, o patrimônio tenta “fazer hoje o papel de um vasto espelho no qual nós, membros das sociedades humanas no fim do século XX, contemplaríamos a nossa própria imagem” (CHOAY, 2001, p. 240). Os museus são instituições que sofrem também esse impacto da “inflação do patrimônio” e são forçados a se reinventarem.

No início do século XX, o País tinha em torno de 12 museus. Já no século XXI, ultrapassa o número de 3 mil unidades museológicas. O *boom* dos museus se deu a partir da década de 1980. Porém, mesmo com a proliferação das instituições de memória, no Brasil, o percentual de cidades que possuem museus é de cerca de 25%⁸. Ou seja, o crescimento se dá de forma pontual nos grandes centros do País. Desafia-se, assim, o poder dos museus diante da sociedade, pois em grande maioria se encontram em lugares em que existe um alto índice de migrações, abalando a sua permanência e seu discurso social.

Os museus conquistaram notável centralidade no panorama político e cultural do mundo contemporâneo. Deixaram de ser compreendidos por setores da política e da intelectualidade brasileira apenas como casas onde se guardam relíquias de um certo passado ou, na melhor das hipóteses, como lugares de interesse secundário do ponto de vista sócio-cultural. Eles passaram a ser percebidos como práticas sociais

⁸ Palestra proferida por Mário Moutinho, no Museu de Ciências e Tecnologia-PUC/RS, em agosto de 2014.

complexas, que se desenvolvem no presente, para o presente e para o futuro, como centros (ou pontos) envolvidos com criação, comunicação, produção de conhecimentos e preservação de bens e manifestações culturais. Por tudo isso, o interesse político nesse território simbólico está em franca expansão (BRASIL, 2007, p. 18).

Dessa forma, os museus utilizam o critério de autenticidade e buscam a representatividade. Eles procuram elementos que representem os modos de ver e compreender os grupos sociais, permitindo, assim, novas possibilidades para diferentes tipos de representação. Visualiza-se na exposição do Museu Histórico Visconde de São Leopoldo seu discurso, na maior parte, voltado para os grupos sociais da cidade berço da colonização alemã no Brasil.

O museu local/regional seria aquele em que os processos de identidade encontrariam o espaço mais aceitável de expansão. Entretanto, não há por que excluí-los dos riscos. Não há, em nossa sociedade, realidade regional/local que seja homogênea e estática. Daí o perigo de tais museus exercerem papéis compensatórios de refúgio para simbolicamente "recuperarem" uma unidade perdida ou (o que é pior) de espelhos em que narcisisticamente se procure a devolução da imagem que já tinha sido atribuída a si própria (MENESES, 1993, p. 214).

O público do museu precisa ser percebido, também, como participante e colaborador. Esse mesmo público é formador de opiniões. Ele questiona o museu. Com isso, se dá a retroalimentação entre instituição e visitante.

É importante destacar que essa “maratona no museu” assumiu diversos ritmos nos últimos anos, devido às alterações ocorridas com a conjuntura econômica internacional e com a política cultural dos países [...]. O que se constata é a “transformação da cultura de elite em atração de massas, cujo capítulo brasileiro confirma pelo menos o vínculo indispensável com o processo global de financeirização da riqueza” (MEIRA, 2010, p. 5).

Os museus, no contexto contemporâneo, estão em constante debate e negociação dos diferentes discursos, bem como do aprendizado crítico e autorreflexivo perante o conhecimento, o poder e a representação cultural revelando um potencial crítico em torno da história. Com isso, alguns museus acabam por abraçar diferentes histórias, indo além da sua proposta inicial e da sua missão institucional. Este pode ser o caso do Museu em questão. Talvez o discurso predomine sobre a prática.

Esse apoderamento de novos discursos se dá pelas gestões do museu e sua relação com a cidade. Marília Xavier Cury (2009) apresenta o indivíduo (ou o próprio museu) “como representante do poder que engendra o discurso” (CURY, 2009, p. 87). O indivíduo tem atitudes perceptivas – como percebe e age dentro da estrutura maior – e, então, constrói e difunde

conhecimento. Segundo Cury, podemos

[...] dizer que a comunicação museológica só se efetiva quando o discurso do museu é incorporado pelo visitante e integrado ao seu cotidiano em forma de um novo discurso. O público se apropria do discurso museológico, (re) elabora-o, e então cria e difunde um novo discurso e o processo recomeça, sendo que esse novo discurso será apropriado por outros e a história se repete. [...] O público é um dos vários sujeitos do museu (CURY, 2009, p. 89).

Ao analisarmos os discursos, nos deparamos com a multiplicidade. Mesmo porque “o museu é espaço de inúmeros sujeitos, do passado e do presente, daqui e de outros lugares, de culturas diferentes, com o mesmo ponto de vista ou com divergentes e diferentes posições” (CURY, 2009, p. 90). Diante do espaço-tempo entre a criação do Museu, em 1959, e os anos de 2014 e 2015, percebe-se a construção do seu discurso através da passagem de distintos sujeitos e suas posições relacionadas à preservação dos bens culturais de outras etnias.

Para Michel Foucault (2013, p. 10), “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar”. Essa passagem remete ao processo do dominante e do dominado, do colonizador e do colono. É o museu que domina a cidade ou a cidade que domina o museu? Se o museu cria um discurso que se solidifica diante de seus simpatizantes e visitantes, ele terá o poder. Desse modo, segundo Anico (2005, p. 84), a

[...] sobrevivência das instituições museológicas e patrimoniais exige assim, que quer a sua identidade, quer a sua missão, objectivos e projectos sejam repensados e articulados de forma a ir ao encontro das necessidades de um conjunto de destinatários cada vez mais heterogéneo, tornando-se mais aberto a diferentes narrativas e às circunstâncias locais, conduzindo a uma reconceptualização da sua função social e estilo comunicacional.

Destaca-se que a permanência dos museus deve considerar a forma de colaborar com a preservação dos bens culturais para que no futuro as novas gerações possam usufruir desses espaços de memória. Os museus apresentam a construção identitária de suas cidades ou regiões. A fim de afirmar e preservar, ele divulga e difunde seus acervos sem deixar de ser arena.

Nesse sentido, as instituições museológicas na crise da modernidade devem estar atentas às mudanças nos padrões culturais para que possam reelaborar suas funções sem perder seu caráter essencial: ser referencial e parâmetro reflexivo para uma sociedade agora múltipla e fragmentada. Desta forma, parte-se para a contextualização do MHVSL com o intuito de verificar como a Instituição está posicionada diante da aceleração dos processos culturais.

2.3 MHVSL: PROCESSO E MANIFESTAÇÃO CULTURAL

Os museus são testemunhos dos processos e manifestações culturais, pois participaram e participam ativamente da construção e da reconstrução da identidade, seja local ou nacional, por meio da salvaguarda da memória através de seus acervos e de seus espaços expositivos. Registra-se que o Museu Histórico Visconde de São Leopoldo foi criado pela demanda da sociedade de não se deixar cair pela perda e pelo esquecimento de tudo aquilo que refere à imigração alemã.

Silenciar não é, necessariamente, o que foi esquecido, calado ou apagado da memória. Em algumas localidades do Rio Grande do Sul, houve tentativas de “apagar” memória, de silenciá-la. Elas o experimentaram durante o “Estado Novo” de Getúlio Vargas. Sua polícia pensava: Silenciou, esqueceu. Agora, silenciar não significa dizer que algo não tenha acontecido, não tenha existido. Nada disso. Há sempre motivos para se silenciar. No entanto, o silencioso existe, está em repouso, esperando para ser despertado, como o sugere a etimologia da palavra silêncio. Até alguns anos atrás, dizia-se das regiões em que se instalaram imigrantes alemães que eram pacatas, “ordeiras e trabalhadoras”. Eram ordeiras e trabalhadoras, pois os “maus elementos” haviam sido todos retirados dela (DREHER, 2014, p. 7).

Martin Dreher afirma, ainda, que o discurso do Estado Novo, utilizando-se dos instrumentos de imprensa e propaganda, “buscara desqualificar de tal maneira as populações descendentes de imigrantes que a mera abordagem da temática imigração suscitava medos e ressentimentos” (DREHER, 2014, p. 19). Diante desse contexto, a criação de um espaço de memória se tornara essencial. O MHVSL, que teve sua fundação em 1959, localiza-se na cidade de São Leopoldo, no Estado do Rio Grande do Sul. Tem sede – ilustrada na Figura 2 –, desde o ano de 1985, na Avenida Dom João Becker, 491. É uma associação civil de direito privado sem fins lucrativos ou econômicos.

Figura 2 – Prédio do MHVSL, registrado no ano de 2015



Fonte: Registro da autora

Já a Figura 3, a seguir, apresenta a primeira sede, que funcionou em uma sala do antigo Seminário Nossa Senhora da Conceição (ao lado da Igreja Matriz), por iniciativa do padre Urbano Thiesen. A imagem mostra o professor e diretor – na época, Telmo Lauro Müller – apontando para o prédio. Telmo foi essencial para a criação do Museu.

Figura 3 – A primeira sede



Fonte: Museu Histórico Visconde de São Leopoldo

Para a década de 1950, inclusive, pode-se dizer que Telmo era um vanguardista, por instigar, junto a Germano Moehlecke⁹ e Kurt Schmeling¹⁰, o problema da ausência de um espaço voltado à história da imigração alemã. Suas manifestações diante da sociedade, bem como de sua boa relação com os indivíduos ligados à política local, fizeram com que sua concepção de fundar um museu fosse concretizada. Assim, após diversas reuniões e assembleias, criou-se o Museu Histórico Visconde de São Leopoldo, “que deveria ter o caráter de museu regional de imigração” (WEBER, 2006, p. 75).

Nos anos seguintes à fundação do MHVSL, foi divulgada a ação de doação de acervo, pretendendo a reconstrução da identidade do grupo por meio dos bens culturais que poderiam colaborar para a história da imigração e colonização alemã. De acordo com Weber (2006, p. 79) “uma grande campanha foi feita para angariar o que podemos chamar de ‘memória privada’, permitindo a constituição de uma memória coletiva e pública e a reconstrução da identidade de um grupo”. Pode-se dizer que esse processo cultural promovido pelos indivíduos responsáveis pelo Museu, desde sua criação até a sua campanha de arrecadação de acervo, fez com que a Instituição dialogasse com a sociedade desde o princípio.

⁹ Germano foi presidente do MHVSL desde sua fundação. Atualmente é presidente de honra.

¹⁰ Na época, o arquiteto Kurt Schmeling era diretor e professor na Fundação Evangélica, em Hamburgo Velho, e foi nomeado 1º secretário do Museu.

Todavia, observa-se que a falta de planejamento estratégico relacionado à política de acervo, como aquisição e descarte, fez com que o Museu sentisse as consequências ao longo dos anos. A proposta de ter um museu que contribuísse com a memória da região, tornando-o um espaço de referência de guarda e de pesquisa, acarretou em milhares de objetos e documentos que ainda não possuem identificação. É preciso ter sentido não só para guardar, mas para divulgar e difundir o acervo museológico. São esses objetos, muitas vezes entulhados em alguns museus, que deveriam traduzir as marcas identitárias deixadas pelos seus antepassados, além aquelas ligadas à história da cidade e de seu entorno. Analisa-se o museu exposto também nesse sentido.

O MHVSL é uma entidade cultural privada mantida por sócios mantenedores. Verifica-se, desde sua fundação, um declínio constante de sócios, pois as famílias desfazem a ligação com o Museu em decorrência do falecimento do então sócio. Percebe-se que não há a continuidade, pois, os laços se esvaem com a perda do indivíduo. Entretanto, na fundação do MHVSL o quadro era distinto. Diferentes personagens se fizeram presentes. O sentimento de pertencimento se fazia atual.

A cidade de São Leopoldo-RS¹¹, a qual se dá o título de *Berço da Imigração Alemã*¹², foi escolhida para receber o MHVSL porque foi nela que desembarcaram os imigrantes vindos da Alemanha, no dia 25 de julho de 1824, contratados pelo Governo Imperial de D. Pedro I.

Para Hofmeister (1987), o Governo Imperial Brasileiro, ao perceber que não havia mais um exército suficiente, interessou-se pelos alemães para formar seu novo exército e, para não ser notado como um movimento militarista, a solução foi contratar também colonos que ocupassem as terras sulinas. Vieram colonos e artesãos que possuíam diferentes conhecimentos profissionais ligados ao meio rural e urbano.

Além da comunidade leopoldense, foram convidados a participar da criação do Museu os municípios que tiveram ligação com a Colônia Alemã de São Leopoldo, sendo eles Campo Bom, Feliz, Montenegro, Nova Petrópolis, Novo Hamburgo, Rolante, Sapiranga, São Sebastião do Caí e Taquara. A sessão solene da fundação foi realizada na Prefeitura Municipal de São Leopoldo, em 20 de setembro de 1959, quando se criou, então, o primeiro museu dedicado à imigração alemã no País.

¹¹ O primeiro núcleo de colonização alemã deu origem à Colônia de São Leopoldo, que recebeu este nome em homenagem à Imperatriz Leopoldina.

¹² A Lei nº 12.394/2011 confere ao Município de São Leopoldo, no Estado do Rio Grande do Sul, o título de Berço da Colonização Alemã no Brasil.

No âmbito da cultura, percebe-se o Museu como essencial para apresentar as manifestações culturais de uma sociedade em um espaço de memória que, ao mesmo tempo, em seu discurso, também é de poder. Essas manifestações podem ser visualizadas através dos instrumentos musicais, do tiro ao alvo, dos registros das festas, das sociedades, do pinheiro de Natal, etc. Percebe-se que, assim como citado por Geertz (2008), a cultura é inerente ao homem e através dela se formam as identidades de grupo.

Ao longo de sua existência, o Museu foi se adaptando a novos discursos, incumbindo-se de preservar a história da cidade de São Leopoldo e dando vez a outras etnias. Mesmo sendo privado, possui caráter público. Abriga, ainda, o antigo Arquivo Municipal que possui livros e documentos relativos à Administração Municipal de São Leopoldo desde o tempo do Império Brasileiro, principalmente quando foi elevada à categoria de Vila, em 1846, e passou a ter uma Câmara Municipal de Vereadores.

De acordo com Renato Janine Ribeiro¹³ (1994), a palavra *público* tem dois sentidos fundamentais nas línguas e pensamentos modernos. O *público* se opõe ao *privado* e se faz parecido do bem comum, do patrimônio coletivo, daquilo que não pode ser alvo de usufruto egoísta ou particular. Ribeiro (1994) alerta que isso não quer dizer *estatal*, pois “pode haver uma esfera pública que não pertença ao Estado, por exemplo, uma associação ou entidade que não tenham por finalidade apenas o bem de seus donos” (RIBEIRO, 1994, p. 31-32). Assim, o público e o privado possuem vários sentidos e são portadores de diferentes tensões. Afirma-se, então, novamente, que o Museu Visconde tem o caráter público, mas não estatal.

Segundo a historiadora Roswithia Weber (2006), percebe-se hoje que a cultura alemã serve como ferramenta para sua resistência e como manifestação cultural nas comemorações da cidade, indo além da festa do dia 25 de julho. O MHVSL está presente nessas discussões, tais como as comemorações do Sesquicentenário da Imigração Alemã no País e a *São Leopoldo Fest*. No mesmo ano do Sesquicentenário, em 1974, foi lançado o I Simpósio de História da Imigração e Colonização Alemã no Rio Grande do Sul, que ocorreu de 12 a 15 de setembro na cidade de São Leopoldo. De acordo com Weber (2013), a retomada das festas, publicações e edições especiais sobre a imigração assinalam um novo cenário, favorável à reformulação identitária, em que o Museu opera de forma participante.

O MHVSL participa do Conselho Municipal do Patrimônio Cultural de São Leopoldo (COMPAC) e do Instituto São Leopoldo 2024. Além disso, contribui com diferentes entidades voltadas para o patrimônio e para o meio ambiente, bem como com os clubes sociais da cidade.

¹³ Filósofo político.

Participou, ainda, do processo de implantação do Museu do Trem – único museu público de São Leopoldo –, sendo responsável pela direção do mesmo durante os anos de 1976 a 1983.

A missão do Museu está em seu estatuto, Art. 1º, que diz que ele “tem por fim adquirir, estudar, ensinar, catalogar, colecionar e expor, sistematicamente, documentos e objetos concernentes aos devidos aspectos relativos principalmente à colonização e imigração alemã no Brasil, bem como de outras etnias”. O mesmo foi aprovado em março de 2012, substituindo o aprovado em março de 2005. Para entender melhor essas ações, os capítulos 4 e 5 irão contribuir para o aprofundamento de contextualização das partes e para a análise do Museu.

Percebe-se, assim, a cultura – no espaço do MHVSL – como um processo dinâmico que compreende rituais de inclusão ou de exclusão a partir de seu posicionamento discursivo que pode ser interpretado através dos símbolos, vinculados ou não à sua prática. Para tanto, é preciso posicionar a função social diante das políticas culturais de forma a explicar a relevância dessas diferentes ações e evidenciar que o museu deve, sim, ser um espaço crítico, que questione e permaneça participe dos processos e manifestações culturais de sua cidade, bem como do seu próprio espaço. Passa-se, assim, para a explanação do conceito da função social, bem como à contextualização das políticas culturais e seus desdobramentos.

3. A FUNÇÃO SOCIAL DIANTE DO CONTEXTO CONTEMPORÂNEO: DISCUSSÕES E DESDOBRAMENTOS

A função social precisa ser levada a sério pelo museu, de forma a estar apto a dialogar com os grupos sociais. Conforme Maria Cristina Bruno (1995) a função social se dá pelo exercício do direito à memória, à história e à educação. Todavia, verifica-se que nem toda instituição museológica se apropria desse discurso. Analisa-se, assim, a trajetória voltada para as discussões da função social do museu de forma a perceber se há mudanças, em especial no contexto contemporâneo, onde a aceleração do tempo na cultura, de acordo Edgar Morin (1999), acaba por influenciar as ações na sociedade e, em especial, as ações desenvolvidas pelas instituições museológicas.

Abordamos aqui uma questão que é objeto de uma abundante literatura e cuja discussão ultrapassa o marco deste estudo. Daremos conta de alguns documentos que consideramos fundamentais para a discussão deste trabalho: as Cartas de Santiago do Chile, de Quebec, de Caracas; Plano Nacional de Cultura; Política Nacional de Museus; Estatuto dos Museus. Percebe-se a ausência dessas discussões voltadas para o nosso objeto de estudo, o Museu Histórico Visconde de São Leopoldo. Diante desse contexto, o capítulo intui corroborar para a reflexão crítica perante o problema exposto em torno de documentos basilares da área museal.

3.1 NOVA MUSEOLOGIA OU VELHA MUSEOLOGIA?

Por muitos anos a Museologia esteve ligada ao estudo de coleções. O questionamento sistemático sobre a função dos museus na sociedade gerou uma profícua crise de identidade, a partir da qual novos papéis são incorporados. É a partir da reunião de Santiago do Chile, em 1972, que o papel social dos museus passa a fazer mais fortemente parte da agenda de discussões da Museologia, sobretudo na América Latina (CÂNDIDO, 2007). Foi necessário um distante percurso de diálogos e reflexões até a Museologia tomar consciência de seu papel social no mundo contemporâneo. Diante de novas possibilidades de ações, criam-se documentos bases que se tornam norteadores para as ações das instituições museológicas.

Para contextualizar o processo da Museologia, analisemos os seguintes documentos: Seminário Regional da UNESCO sobre a Função Educativa dos Museus; Mesa Redonda sobre o Papel do Museu na América Latina, Santiago do Chile; Princípios de Base de uma Nova Museologia, Declaração de Quebec; Seminário A Missão dos Museus na América Latina Hoje: Novos Desafios, Caracas. (CÂNDIDO, 2007).

Considera-se, também, o Seminário Regional da UNESCO sobre a Função Educativa dos Museus, que ocorreu no ano de 1958 no Rio de Janeiro, que é considerado precursor nas discussões de um novo contexto para o meio museal. Pensava-se na aproximação do museu com seu público. Ou seja, a relação do museu com a educação, exposições renovadas sem serem impositivas, caráter científico da Museologia, o objeto como essência do museu, papel transformador do museu, destaque na relação museu-escola.

De acordo com José do Nascimento Junior e Mário de Souza Chagas (2007),

[...] os documentos produzidos em 1972, (durante a Mesa Redonda de Santiago do Chile), e em 1984 (durante a reunião internacional de Quebec), produziram impactos teóricos e práticos no Brasil. Os desafios de pensar e desenvolver práticas de uma museologia popular e comunitária e os desafios de refletir e agir sobre o patrimônio, considerando-o como agente de mediação, foram assumidos por praticantes da museologia (BRASIL, 2007, p. 16).

Destaca-se que a Nova Museologia¹⁴ marcou uma nova direção para os museus, diante de um contexto contemporâneo em que estão a serviço da sociedade e devem refletir e fazer cumprir a sua função social. Ou seja, as ações devem ser desenvolvidas em conjunto para que exista a troca de informação entre museu e público a partir da exposição, gerando o conhecimento que deverá ser difundido através da linguagem. É nesse contexto de discussões de uma nova posição dos museus diante da sociedade que o Museu Histórico Visconde de São Leopoldo amplia seu espaço para sanar as dificuldades em relação aos objetos, ao público, à exposição e à pesquisa. No ano de 1985, assim, inaugurou-se esse novo espaço.

As cartas, que serão exploradas no próximo subcapítulo, tornaram-se base para pensar a Museologia. Entretanto, questiona-se até onde alcançamos, de fato, as práticas museais. Percebe-se que parte dos museus está longe de aderir às ações propostas. Neste caso, o MHVSL pode ser um exemplo. O mesmo compreende a relevância das discussões, porém o Museu não reflete e debate as perspectivas museológicas. A equipe não conhece esses documentos. Afirma-se que isso se dá pela falta de um profissional contratado, neste caso, um museólogo.

A Nova Museologia dá ênfase ao público. É estabelecida uma nova forma de estudá-lo. Ele faz parte das ações e da construção do museu, bem como de seu entorno. A Figura 4 mostra o novo museu proposto ligado à população, ao patrimônio e ao território. Verifica-se, assim, que deveria existir uma maior aproximação do Museu Histórico Visconde de São Leopoldo junto ao homem, objeto e cenário. Porém, há um distanciamento da instituição diante desse

¹⁴ A Nova Museologia se dá diante da crise de identidade dos museus. Iniciam-se discussões voltadas para o museu contemporâneo, que contemple o fato museal trabalhado por Waldisa Russio (1984). Ou seja, o novo museu deve ser a relação entre população, patrimônio e território.

cenário proposto pela Nova Museologia – ou Velha Museologia? São necessários novos debates para sinalizar o cenário real do contexto contemporâneo e fazer das políticas culturais o caminho para a profissionalização dessas instituições.

Figura 4 – Proposta de Russio (1984) explorada por Cândido (2007)

Fato museal	relação entre	HOMEM	-	OBJETO	-	CENÁRIO
Modelos institucionais	}	museu tradicional	=	público	-	coleção - edifício
		novo museu	=	população	-	patrimônio - território

Fonte: Cândido (2007)

É importante analisar a Museologia, e os museus como um todo, em especial no Brasil e no Rio Grande do Sul, sem priorizar etnias, classes sociais, ou tipologias de museus. Com isso, podemos traçar o quadro real das instituições de memória, de seus profissionais e seu diálogo com a sociedade. Assim, o novo – ou velho – contexto pensava o museu como um espaço crítico. Ou seja, um lugar voltado para refletir e cooperar com a sociedade e a cidade, indo além do material, agora com um pensamento, pode-se dizer, sociológico e antropológico, uma Museologia interdisciplinar.

Nessa mesma linha de pensamento, Cândido (2007, p. 5) fala dos novos paradigmas, “a chamada crise de identidade dos museus gerou, portanto, novos modelos conceituais e institucionais cujo cerne passa pela redefinição de quem é seu público e como se dirigir a ele”. Deste modo, outros documentos, como os de Quebec e Caracas, vieram para pensar as ações desenvolvidas a partir de 1972, além de afirmar a importância dos museus dialogando com o seu entorno. Verifica-se ainda, em Caracas, a relevância da criação de políticas museológicas nos setores da cultura.

Importante destacar que os museus, mesmo sendo espaços de poder, devem ser vistos como espaços apartidários. O debate poderia se alongar especialmente para os museus públicos, onde muitas vezes não é o profissional que recebe o cargo de direção na instituição, mas sim o indivíduo filiado a um partido que participou de campanha política. Ou seja, o cargo existe para a troca de interesses e de favores, sem que haja profissionalização ou medidas para concursados. Neste trabalho, o Museu em questão é privado, mas também se pode afirmar que o mesmo deve ser apartidário. Seu posicionamento deve estar voltado para a defesa do patrimônio cultural da cidade, bem como dos interesses voltados para a sociedade, de forma a garantir o direito à memória, à educação e à história, como já citado.

Para isso, o MHVSL precisa conhecer os documentos norteadores da museologia. Só

assim ele poderá se posicionar e promover discussões a fim de assegurar seus direitos e deveres. Porém, é preciso ter cautela ao que tange às políticas culturais. Não se podem mostrar aos administradores dos museus as suas obrigações, mas é preciso que o caminho se realize através de uma “pedagogia museológica”. É preciso ensinar aos gestores o que esses espaços representam e evidenciar as suas dinâmicas, além da complexidade das ações voltadas para a preservação, à pesquisa e à comunicação, com o intuito de verificar, desta forma, como se dá a percepção do valor da função social na instituição museal. O Movimento da Nova Museologia (MINOM) conduz a esse caminho.

Para contextualizar o Movimento da Nova Museologia, verificam-se dois conceitos bases e complementares para o desempenho das ações museológicas sugeridas pelo mesmo – a participação e a autogestão. A primeira está voltada para a distribuição de poder, enquanto a autogestão é vista como o meio mais aperfeiçoado de participação. Uma das políticas identificadas em organizações de autogestão é a avaliação, que acompanha todas as etapas dos projetos a serem realizados pela instituição (SANTOS, 2009).

Maria Célia Santos (2009) considera o processo museológico, na relação teoria-prática: museologia/museografia. Constata-se que

[...] admitindo que o patrimônio cultural é o referencial básico para o desenvolvimento das ações museológicas, considero que os processos museais de *museologia ativa* gestados, ao longo dos anos, contribuíram, de modo efetivo, para a ampliação do conceito de patrimônio, na medida em que o conceitua como a relação do homem com o meio, ou seja, o real, na sua totalidade: material, imaterial, natural e cultural, em suas dimensões de tempo e espaço. Consequentemente, os bens culturais a serem musealizados também foram ampliados. Nesse sentido, as ações museológicas não serão processadas somente a partir dos objetos, das coleções, mas tendo como referencial o patrimônio global, tornando assim necessária uma ampla revisão dos métodos a serem aplicados nas ações de pesquisa, preservação e comunicação, nos diferentes contextos (SANTOS, 2009, p. 125).

Verifica-se de acordo com a autora, que a ampliação do conceito de patrimônio se relaciona com as novas categorias de museus – ecomuseus, museu comunitário, museu de vizinhança, entre outros. Suas ações estão voltadas a um território com uma população. Assim, a ideia é que esses espaços dialoguem fora de um lugar restrito, corroborando para novos processos de musealização, bem como para a pesquisa, preservação e comunicação.

A pesquisa, como construção do conhecimento, tomando como referencial o cotidiano, qualificado como patrimônio cultural. Este conhecimento é construído na ação museal e para a ação museal, em interação com os diversos grupos envolvidos, objetivando a construção de uma nova prática social. Não se trata da pesquisa que se esgota na mera descrição e análise dos objetos. A pesquisa alimenta todas as ações museológicas, em processo (SANTOS, 2009, p. 125-126).

A preservação considera a coleta, a classificação e o registro. Os últimos não se limitam ao registro, mas “busca-se através da cultura qualificada, produzir conhecimento, elaborado no processo educativo, por meio das ações de pesquisa” (SANTOS, 2009, p.126). Já a conservação é “um processo de reflexão para uma ação que se dá em um contexto social e não somente a aplicação de técnicas em determinados acervos” (SANTOS, 2009, p.126). Busca-se, assim, sensibilizar e formar conservadores na sociedade a partir de suas atitudes.

A comunicação não confere somente à exposição, pois esta é, ou deveria ser, um produto de um trabalho interativo e de reflexão, dando origem ao conhecimento exposto estabelecido no processo antecedente à exposição. A pesquisa e a preservação também fazem parte da comunicação. Santos (2009, p. 128) verifica, ainda, que é interessante ressaltar que as ações museológicas apresentadas “estão integradas entre si, aos objetivos dos diferentes projetos e às características dos diversos grupos sociais, em um processo constante de revisão, de adaptação e de renovação”. Essas ações não podem ser dissociadas, mas antes de tudo é necessário fazer com que os seus responsáveis percebam, também, desta forma.

Para tanto, destacam-se os princípios básicos que norteiam as ações da Nova Museologia, resumidos de acordo com Maria Célia Santos (2009, p. 115):

- *Reconhecimento das identidades e das culturas de todos os grupos humanos;*
- *Utilização da memória coletiva como um referencial básico para o entendimento e a transformação da realidade;*
- *Incentivo à apropriação e reapropriação do patrimônio, para que a identidade seja vivida, na pluralidade e na ruptura;*
- *Desenvolvimento de ações museológicas, considerando como ponto de partida a prática social e não as coleções;*
- *Socialização da função de preservação;*
- *Interpretação da relação entre o homem e o seu meio ambiente e da influência da herança cultural e natural na identidade dos indivíduos e dos grupos sociais;*
- *Ação comunicativa dos técnicos e dos grupos comunitários, objetivando o entendimento, a transformação e o desenvolvimento social.*

[...] a Nova Museologia pode ser então caracterizada como um movimento, organizado a partir da iniciativa de um grupo de profissionais, em diferentes países, aproveitando as brechas, ou seja, as “*fissuras*” dentro do sistema de políticas culturais instituídas, organizando museus de forma criativa, interagindo com os grupos sociais, aplicando as ações de pesquisa, preservação e comunicação, com a participação dos membros de uma comunidade, de acordo com as características dos diferentes contextos, tendo como objetivo utilizar o patrimônio cultural como um instrumento para o exercício da cidadania e do desenvolvimento social (SANTOS, 2009, p. 19)

Considera-se, a partir das exposições de Maria Célia Santos (2009), que a Nova Museologia é um movimento que se deu pela iniciativa de um grupo de profissionais. Os mesmos aproveitaram as lacunas dentro do sistema de políticas culturais, para estruturar os museus de forma inovadora, priorizando a interação entre os indivíduos, a fim de garantir o usufruto do patrimônio cultural como ferramenta para o exercício da cidadania e do desenvolvimento social.

3.1.1 As cartas

Para falar da Nova Museologia é preciso contextualizar três documentos que consideramos norteadores para pensarmos os museus no contexto contemporâneo. Entretanto, verifica-se que ambos se situam no século XX, sendo o último datado do ano de 1992. Intui-se para uma percepção das considerações e contribuições dos mesmos, sem deixar de percebermos que eles podem ser considerados ultrapassados – ou não – diante de uma nova percepção das instituições museológicas no atual século, além de estarem sob um contexto de crise da modernidade, em que a aceleração do tempo acaba por influenciar as ações e processos museológicos. Inicia-se, assim, a discussão a partir de Santiago do Chile, onde aconteceu a Mesa Redonda sobre o Papel do Museu na América Latina, em 1972.

3.1.1.1 Santiago

Paulo Freire foi convidado para transpor suas ideias de educador em linguagem museológica. Porém, o delegado brasileiro junto à UNESCO se opôs formalmente à designação de Paulo Freire, evidentemente, por razões puramente políticas. Foi preciso reformular os novos debatedores. Um deles, “provocou a revolução nos espíritos”, segundo Hugues de Varine (1995). O então diretor do Instituto Torquato Tella de Buenos Aires, Jorge Enrique Hardoy, especialista em Urbanismo, falou durante dois dias diante da Mesa Redonda. Diante do discurso de Hardoy, os museólogos e profissionais de museus perceberam que “não conheciam as cidades onde habitavam, onde trabalhavam, onde haviam educado seus filhos” (VARINE, 1995, p. 18). Sendo assim, após as intervenções de Jorge Hardoy e de mais três especialistas, os participantes chegaram ao conceito de “museu integral”: ditas “Declaração de Santiago”.

De acordo com Hugues de Varine (1995, p. 18), “quando se relê, hoje, os textos de Santiago, percebe-se que eles, evidentemente, envelheceram, tanto na forma quanto no conteúdo; mas é sempre possível reencontrar seu sentido verdadeiramente inovador, senão revolucionário”. Para Varine (1995), o que existe de mais inovador são duas noções que

aparecem nas considerações do documento e não nas resoluções. Uma que versa sobre museu integral, ao considerar a totalidade dos problemas da sociedade; e outra que é exposta sobre museu enquanto ação, ou seja, instrumento dinâmico de mudança social. Deixando assim, de lado, o que se evidencia como a vocação do museu, de coletar e conservar (VARINE, 1995).

Portanto, começa-se a delinear, em Santiago, talvez de forma não intencional, o que, no nosso entender, é o marco mais significativo da evolução do processo museológico na contemporaneidade: **a passagem do sujeito passivo e contemplativo para o sujeito que age e transforma a realidade**. Nessa perspectiva, o preservar é substituído pelo apropriar-se e reapropriar-se do patrimônio cultural, buscando a construção de uma nova prática social. (SANTOS, 2009, p. 111)

Entretanto, todas as discussões e considerações de Santiago não chegaram nos cursos de Museologia, em destaque, no Brasil. De acordo com Maria Célia Santos (1999, p. 12), “no curso de Museologia da UFBA, somente dez anos depois, ou seja, na década de 1980, é que tivemos acesso ao documento da Mesa Redonda do Chile”. Nesta passagem, ela destaca que isso se deu em decorrência dos sistemas autoritários e paternalistas instituídos na América Latina que dificultaram a iniciativa comunitária.

Hugues de Varine (1995) diz que a noção de museu, antes de 1972, era desconhecida como instrumento de desenvolvimento. Porém, percebia-se que já era admitida. Para a noção de função social do museu, acontece o mesmo. No entanto, pode-se questionar, após vinte anos da afirmação de Varine (1995), se essa concepção realmente é vista e entendida pela sociedade ou se ainda está somente sob o domínio acadêmico e intelectual.

A seguir, expõem-se alguns pontos que foram decididos na Mesa de Santiago do Chile. Consideram-se as ações desenvolvidas ou não pelo Museu Histórico Visconde de São Leopoldo.

- *Que os museus devem intensificar seus esforços na recuperação do patrimônio cultural, para fazê-lo desempenhar um papel social e evitar que ele seja dispersado fora dos países latino-americanos;* o MHVSL cumpre com seu papel de garantir a salvaguarda do patrimônio cultural da cidade e da região, participando ativamente das discussões e pareceres sobre o patrimônio. Exemplo disso é a Casa do Imigrante.
- *Que as técnicas museográficas tradicionais devem ser modernizadas para estabelecer uma melhor comunicação entre o objeto e o visitante;* neste caso o MHVSL continua com o caráter colecionista, expondo grande parte de seu acervo, deixando de lado, muitas vezes, os processos museológicos: preservação, pesquisa e comunicação.
- *Que os museus devem criar sistemas de avaliação que lhes permitam determinar a eficácia de sua ação em relação à comunidade;* não existe uma metodologia adotada pelo

MHVSL de forma a garantir uma avaliação continuada de suas ações.

- *Que os “museus de cidade” deverão insistir de modo particular no desenvolvimento urbano e nos problemas que ele coloca, tanto em suas exposições quanto em seus trabalhos de pesquisa; não há um trabalho voltado, tanto expográfico quanto de pesquisa, para pensar o Museu diante da desagregação da cidade moderna.*
- *Os museus deverão organizar exposições especiais ilustrando os problemas do desenvolvimento urbano contemporâneo; em alguns momentos o MHVSL expõe sobre o meio ambiente, em especial, enfatizando o Rio dos Sinos, com o intuito de garantir sua preservação através da conscientização.*
- *Os museus deverão dar ênfase à difusão dos conhecimentos científicos e técnicos, por meio de exposições itinerantes que deverão contribuir para a descentralização de sua ação; não existe uma ação específica nesse contexto no Museu analisado.*
- *Um serviço educativo deverá ser organizado nos museus que ainda não o possuem, a fim de que eles possam cumprir sua função de ensino; cada um desses serviços será dotado de instalações adequadas e de meios que lhe permitam agir dentro e fora do museu; o MHVSL está distante desta discussão. Não há um programa educativo voltado para a exposição. Todavia, acontecem, eventualmente, ações pontuais devido à Semana de Museus, no mês de março, e à Primavera de Museus, no mês de setembro.*
- *Deverão ser integrados à política nacional de ensino, os serviços que os museus deverão garantir regularmente; neste caso, o Museu, de forma tímida, corrobora ao atender as escolas.*
- *Deverão ser estabelecidos programas de formação para professores dos diferentes níveis de ensino; o MHVSL ainda não possui um trabalho voltado para os professores. Isso garantiria maior participação dos alunos e melhor aproveitamento da visita viabilizando o aprendizado não-formal.*

3.1.1.2 Quebec

A Declaração de Quebec foi o documento fundador do Movimento Internacional para uma Nova Museologia (MINOM), no ano de 1984. Segundo Mário Moutinho (1995), o movimento surgiu com a desilusão diante da atitude segregadora do Conselho Internacional de Museus (ICOM), e, em particular, do ICOFOM, abertamente manifestada na reunião de Londres de 1983. Queria-se uma museologia de caráter social. Verificava-se indispensável a interdisciplinaridade na Nova Museologia, opondo-se aos saberes isolados, contribuindo para

a abertura de novos territórios voltados à reflexão científica, empírica ou até pragmáticos (MOUTINHO, 1995).

O público é visto de outra forma, ele é partícipe das ações do museu, é colaborador. Não só observa, mas sim, realiza, reflete, intervém. Assim, “a exposição museológica era, ou deveria ser, antes de tudo, um processo de formação permanente e não objeto de contemplação” (MOUTINHO, 1995, p. 27). Nessa linha, analisa-se o posicionamento do MHVSL que é contrário a esse posicionamento. O público não tem acesso ao livro de sugestões¹⁵ ou a outra forma de manifestar suas contribuições para o espaço.

De acordo com Maria Célia Santos (1995), a mudança dos museus perpassa “o reconhecimento e a valorização das identidades e das culturas de todos os grupos humanos inseridos no seu meio ambiente, no quadro da realidade global do mundo; por uma participação ativa desses grupos no trabalho museológico” (SANTOS, 1995). Para tanto, é necessário que os museus se abram de forma a garantir a participação do outro a fim de se posicionar diante do contexto contemporâneo e de uma nova realidade na área da museologia. Talvez as discussões do Movimento da Nova Museologia ainda não tenham chegado ao espaço do Museu Histórico Visconde de São Leopoldo ou seus gestores ainda não o reconhecem.

3.1.1.3 Caracas

O Seminário *A Missão do Museu na América Latina hoje: novos desafios* foi realizado em Caracas, Venezuela, no ano de 1992, através de iniciativa da Oficina Regional de Cultura para a América Latina e o Caribe (ORCALC) e do Comitê Venezuelano do ICOM, com o apoio do Conselho Nacional de Cultura (CONAC) e da Fundação Museu de Belas Artes da Venezuela (HORTA, 1995).

A proposta em Caracas era de discutir os conceitos formulados em Santiago do Chile, vinte anos antes, bem como de renovar os compromissos assumidos considerando o contexto de processo acelerado de mudanças América Latina e da proximidade do século XXI (HORTA, 1995). Para isso, foi integrado um participante de cada país, tais como Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Cuba, Equador, México, Peru e Nicarágua. A Venezuela contou com dez representantes. O programa foi intenso nos debates, reuniões e grupos de trabalho, somando 23 dias. Para isso, os participantes elaboraram documentos de base com o intuito de contextualizar a realidade de seus países, com os seguintes aspectos:

¹⁵ Meio utilizado pelos museus a fim de dar voz ao seu público.

Políticas Culturais e museus, inserção das políticas museológicas nos planos do Setor Cultura, em seu país; o Museu frente ao entorno, reflexão sobre a ação social dos museus e sua reação perante as mudanças político-sociais e ambientais; comentários sobre a realidade nacional; tipologia tradicional de museus e novas propostas (econômicas, “museu integral”, parques, experiências nacionais inovadoras, etc); os “públicos” dos museus-conhecimento, segmentação, estratégias de captação e formação, respostas do público a experiências dos museus; os recursos humanos, o perfil dos profissionais, programas de formação, resposta do Museu às novas necessidades e à interdisciplinaridade; a estrutura organizativa do Museu, estatutos jurídicos, administração, a situação financeira do Museu, a crise econômica, o apoio da empresa privada, a capacidade de geração de recursos (HORTA, 1995, p. 33).

Desta forma, foram selecionados cinco temas para o documento final de Caracas, sendo eles: Museus e Comunicação, Museus e Gestão, Museus e Liderança, Museus e Recursos Humanos, Museus e Patrimônio.

As discussões foram positivas para o âmbito museal. Basta saber o que elas alcançaram passados mais de vinte anos. No MHVSL, percebem-se algumas ações em destaque na declaração. Porém, estas não ocorrem pelo fato dos funcionários conhecerem as cartas, mas se dão pela abertura do Museu, em alguns pontos, para o novo. Desta forma, serão considerados os temas e o espaço do Museu Histórico Visconde de São Leopoldo diante das percepções de Caracas.

O tema **Museu e Comunicação**, por exemplo, considerou um aspecto que o trabalho reflete sobre o discurso museológico que deve utilizar uma linguagem aberta, democrática e participativa, no caso de Caracas, o museu integral. Percebe-se que todo o museu no contexto contemporâneo deveria estar de acordo com esse posicionamento, porém, a realidade de distintas instituições ainda é outra. Um exemplo é o Museu estudado.

A partir dessa e de outras considerações, a carta recomendou alguns itens que destacamos pertinentes para a análise.

- *Que o museu busque a participação plena de sua função museológica e comunicativa, como espaço de relação dos indivíduos e das comunidades com seu patrimônio, e como eles de integração social, tendo em conta em seus discursos e linguagens expositivas os diferentes códigos culturais das comunidades que produziram e usaram os bens culturais, permitindo seu reconhecimento e sua valorização;* o MHVSL nos últimos anos vem trabalhando para evidenciar, ainda de forma tímida, as outras etnias que contribuíram para a construção da cidade e da região.
- *Que o museu oriente seu discurso para o presente, enfocando o significado dos objetos na cultura e na sociedade contemporânea e não somente em como e por que se constituíram em produtos culturais no passado;* neste sentido, o processo interessa mais que o

produto; verifica-se que o MHVSL não evidencia os bens culturais no presente, isso se dá pela ausência de um programa educativo e de pesquisa.

- *Que se levem em conta os diferentes modos e níveis de leitura dos discursos expositivos por parte dos múltiplos setores do público, buscando novas formas de diálogo, tanto no processo cognitivo como no aspecto emocional e afetivo de apropriação e internalização dos valores e bens culturais; novamente, percebe-se a falta do programa educativo e de pesquisa. Estes seriam essenciais para a acessibilidade universal no espaço do Museu.*
- *Que se desenvolvam investigações mais profundas e amplas sobre a comunidade em que está inserido o museu, buscando nela a fonte de conhecimento para a compreensão de seu processo cultural e social, envolvendo-a nos processos e atividades museológicas, desde as investigações e coleta dos elementos significativos em seu contexto, até sua preservação e exposição; o MHVSL falha diante dessa perspectiva, pois o trabalho de história oral, por exemplo, deveria ser explorado pela instituição.*
- *Que se valorize constantemente a comunicabilidade dos discursos e sistemas expositivos, buscando novas formas e parâmetros de análise que ultrapassem a perspectiva simplista e quantitativa de medidas de comportamento e reações no espaço da exposição, ou seja, da absorção de informações; a exposição aos poucos está mudando, mas está longe de garantir a comunicabilidade com o seu público, de forma a interagir com o mesmo sem a presença de um mediador, neste caso, na figura do diretor ou da presidente do Museu.*

O tema **Museu e Patrimônio**, por sua vez, considerou que os inventários não possuem uma correta organização na maioria dos museus. Desta forma, não se tem o controle de suas coleções. Constata-se que esse ponto é a base para que o museu possa cumprir com a sua função social, pois, para que exista o direito à memória, à história e à educação, a instituição deve conhecer e ter o controle de seu acervo.

O documento recomendou que fossem reformuladas as políticas de formação de coleções, bem como de conservação. A ideia era ter uma relação mais próxima com a sociedade.

Além disso, o estabelecimento de sistema de inventário se torna fundamental. Evidencia-se que o MHVSL não possui livro de registro ou livro tomo de seu acervo. A sistematização do acervo museológico é precária.

Museu e Liderança contextualiza a realidade latino-americana que abre ao museu “a possibilidade de um grande espaço de atuação: o resgate da função social do patrimônio como expressão da comunidade e da cultura, entendida esta como o conhecimento integral do homem em seu cotidiano” (Declaração de Caracas, 1995, p. 42). Logo, torna-se uma oportunidade para

o museu participar da ressignificação dos valores da sociedade. O mesmo recomenda que a instituição museológica “assuma sua responsabilidade como gestor social”, considerando o seu público, além de refletir por meio de suas exposições, uma linguagem comprometida com a realidade sendo essa o único meio para transformá-la.

Museu e Gestão delibera que a instituição defina sua missão que lhe dá sentido diante da sociedade que está inserida. Além disso, recomenda que se promovam políticas culturais para que exista a continuidade da gestão do museu. A profissionalização dos funcionários de museus deve ser uma prioridade, exposto no item *Museu e Recursos Humanos*. “Sua formação deve capacitá-lo para desempenhar a tarefa interdisciplinar própria do museu atual”, pois acarretará elementos que garantirão o exercício de uma liderança social, de uma gerência eficiente e de uma comunicação adequada.

Em ambos os casos, tanto na Gestão quanto nos Recursos Humanos, percebe-se carência por parte do MHVSL. Sua missão não está clara para seus funcionários nem para o seu público. Isso é reflexo da profissionalização da equipe que possui deficiência em número, bem como de capacitação dos funcionários voltada para área museal. Para tanto, a seguir, dar-se-á destaque para os profissionais de museus, colocando-os como atores sociais das instituições.

3.1.2 Os profissionais de museus como atores sociais

As instituições museológicas são espaços de celebração, de memória e, em especial, de poder. Esse é atrelado ao profissional de museu, pois é a partir de sua percepção de mundo que irá definir o que será exposto no museu. Por isso, é importante que o indivíduo tenha uma concepção cultural aberta para a diversidade, de forma a contemplar os diferentes públicos de acordo com a missão da instituição.

Postura do museólogo não apenas cientista, mas trabalhador social é exatamente de registrar uma memória que seja informação e uma informação para a ação. Em termos concretos, o que é isso? É você não apenas constituir um acervo sistêmico, significativo, pesquisado, concreto, etc., mas tornar esse acervo evidenciado através da exposição, que é o dado mais concreto do museu, embora tenhamos várias outras atividades além da exposição (RUSSIO, 1984, p. 66).

A exposição é uma releitura da cidade, e, neste caso, da história dos imigrantes alemães. Nela existe uma representação, assim como a relação do homem com a realidade. Através do processo informacional expositivo, o ideal é que seja despertada a consciência crítica. Waldisa Russio (1984, p. 66) diz que “essa consciência crítica é que leva o homem a perceber melhor o seu mundo, a perceber as relações com os outros homens e a se perceber também como um projeto inacabado”. Como resultado, percebe-se o desejo de mudança e a ação para a mudança.

No Rio Grande do Sul, segundo os dados disponibilizados no *site* do Conselho Regional de Museologia – 3ª Região¹⁶, somam-se 117 museólogos. Consideram-se museólogos aqueles que possuem Bacharelado, Mestrado ou Doutorado em Museologia. O Estado totaliza quase 400 instituições museológicas. Percebe-se o desafio de implementar tais políticas culturais, bem como de pensar um museu voltado para essa Nova Museologia.

Afirma-se aqui que os profissionais de museus são fundamentais para o processo museal. A equipe deve ter caráter interdisciplinar, porém, a presença de um museólogo se torna essencial para a capacitação e aperfeiçoamento do museu. O “museólogo contemporâneo” irá contribuir de forma a pensar o museu trabalhando com a sociedade, sendo espaço de diálogo e apresentando através de seu discurso a fragmentação da cidade no mundo pós-moderno, e, de acordo com Jenkins (2013), repensando a história.

De acordo com Waldisa Russio (1984, p. 68) “se recolher a memória e de se passar uma informação, e, também, de operá-la”, é um dado concreto. Esse é o desafio do profissional de museu, pois ele deve passar a informação para um público mais diversificado possível, para não isolar o outro. Além disso, a museóloga coloca que “o problema fundamental com o qual se está defrontando o museólogo hoje é exatamente o de evidenciar esses testemunhos, que são, sobretudo, objetuais, na linguagem mais acessível possível” (RUSSIO, 1984, p. 70). Dependendo como o profissional trabalha com a informação poderá acarretar em ruídos na exposição. Um exemplo é quando são colocados diversos textos e livros à disposição de um público carente, que não possui intimidade com a leitura, ou até mesmo analfabetos. O profissional de museu precisa perceber os contextos culturais específicos onde está atuando.

A Museologia é uma disciplina aplicada, voltada para a comunicação do conhecimento produzido por áreas básicas e que se insere em um campo relacional: homem-objeto-cenário (BITTENCOURT, 2003). O museólogo deve ser sensível a essa relação e tornar possível as ações voltadas para o entorno do museu.

A presença de uma equipe interdisciplinar no museu, de acordo com a sua tipologia, é essencial para que a instituição museológica possa adequar seu quadro técnico permitindo que existam discussões referentes à elaboração de suas ações. Morin (1999) situa a cultura como interdisciplinar, considerando que o caminho não são mais especializações. É preciso que exista a interação entre as diversas áreas. No Art. 17, o Estatuto de Museus dispõe que os museus manterão funcionários devidamente qualificados, observada a legislação vigente (BRASIL, 2009). De acordo com Cury (2009, p. 89), são

¹⁶ Disponível em: <<http://www.corem3.com.br/#!profissionais-registrados/c6mwy>>. Acesso em: 1 dez. 2015

[...] sujeitos todos aqueles profissionais de museu que atuam coletando, conservando, documentando, estudando e comunicando, que participam ativamente da construção dos múltiplos – e às vezes fragmentários – sentidos que são atribuídos consciente e sucessivamente no decorrer da trajetória museológica do objeto. Esses atores participam também da construção do discurso museológico que alimenta os discursos comunicacionais.

Diante do contexto contemporâneo, é essencial para o museu a transformação do museólogo, cuja formação deve ser tripla (científica, técnica e de desenvolvimento) (CÂNDIDO, 2007). As atuações do museólogo estariam permeadas por perigos como a centralização no objeto, a mentalidade colecionista, a obsolescência da informação, o afastamento da realidade social, a carência de embasamento teórico, a não valorização dos trabalhos de pesquisa e o enfoque autoritário. Assim, entre as exigências atuais destaca-se a interdisciplinaridade.

O museólogo está apto a desenvolver as diferentes ações dispostas na Lei nº 7.287/1984 que regulariza a profissão no Brasil. Porém, o profissional deveria se aprofundar em uma área a fim de exercer de forma mais eficaz. O profissional de museu deve estar, ainda, atento às novas tecnologias, às novas formas de fazer do museu um espaço interativo, de diálogo, de trocas com o intuito de propagar o conhecimento. Ou seja, o profissional de museu deve ir além de suas atribuições tradicionais, “deve ser um investigador, um interlocutor da realidade” (GRANATO, 2008, p. 54). Nesta linha de pensamento, Granato (2008) argumenta sobre o problema da comunicação.

Creio poder afirmar que um dos principais problemas nesse universo é a COMUNICAÇÃO. Em muitos momentos, verifiquei que as pessoas crêem estar sendo claras em seus discursos para o outro, mas, na maioria das vezes, isso não é o que ocorre. Quem escuta, escuta a partir de seu conjunto de aspectos culturais e de vida e muitas vezes escuta mensagens diversas daquelas que são pronunciadas. Isso leva a muitas situações de conflito. (GRANATO, 2008, p. 49)

A comunicação do museu acontece por meio de seus funcionários, em especial sob o indivíduo que é o curador da exposição e o indivíduo que é o diretor da instituição museal. No MHVSL, se dá pelo diretor e pela presidente. Os discursos oscilam entre um e outro, porém, é preciso que ambos compreendam que “o objeto é um suporte de informação e por isso ele deve ser preservado ao lado de outros meios de informação” (BRUNO, 1995, p. 51). Considera-se que os membros envolvidos com as instituições museológicas devem perceber seus papéis de atores sociais. Assim, suas ações irão refletir diretamente nas ações do museu. É preciso ter cautela perante os posicionamentos extremos de forma a garantir a integridade da instituição perante a sociedade.

Os responsáveis devem conhecer as políticas culturais voltadas para área museal, além disso, é preciso que as reuniões rotineiras sejam tomadas, também, como trocas através do debate em torno da museologia, e não somente discutir aspectos administrativos. O enfoque deve estar voltado para a reflexão museu e sociedade.

Na atualidade, acho que, mesmo nos museus ditos oficiais, as discussões começam a ser embasadas pelos princípios da participação, da relação passado-presente, e pelo engajamento nos problemas da sociedade, não por iniciativa da política oficial, mas pela atuação de técnicos que procuram estar atualizados com a evolução do processo museológico e que, mesmo modestamente, têm provocado estas reflexões no interior desses museus, que não são, em sua concepção, o museu gestado em Santiago, e nem poderiam ser, mas que hoje estão sendo influenciados pelas diretrizes ali delineadas, o que, talvez, nos leve a inferir que a questão da inserção dos museus na sociedade não é de categoria ou tipo de coleção, mas de concepção e dos objetivos que são estabelecidos para esses órgãos (SANTOS, 2009, p. 107-108).

É visível nas reuniões e nas ações do MHVSL o conceito que a equipe tem da museologia e de museu. Reconhece-se que os caminhos apontados pelo Movimento da Nova Museologia sequer começaram a serem traçados – pela falta de conhecimento das experiências construídas nesse processo. Porém, há de certa forma um diálogo com parte da sociedade, pois a maioria não o conhece ou o reconhece. Nessas condições, a interdisciplinaridade e a função social conduzem a uma mudança do papel e da função do museólogo, o que implica uma formação nesse sentido (SANTOS, 2009, p. 113). Ainda nesta linha, a autora afirma que

[...] com certeza, esse novo caminhar nos conduz, urgentemente, à necessidade de se repensar o perfil do profissional museólogo, tanto no aspecto formal como no aspecto político. Nesse sentido, considero que o Movimento da Nova Museologia fornece dados importantes para se repensar, tanto os currículos dos cursos de museologia como o papel que as universidades devem desempenhar junto à sociedade. O Movimento da Nova Museologia foi um impulso necessário à renovação, contribuindo, efetivamente, com o enriquecimento do processo museológico e, sobretudo, com um fazer museológico mais ajustado às diversas realidades. Da construção concreta de museu, com base na interação e na participação, conseguimos avançar também em relação aos aspectos teórico-metodológicos da Museologia (SANTOS, 2009, p. 128).

No Brasil, a multiplicação dos museus comunitários, assim como dos pontos de memória¹⁷, se deu pelo incentivo das políticas culturais. No Rio Grande do Sul, um exemplo é o Museu Comunitário Lomba do Pinheiro em Porto Alegre, que, além de ser museu também é

¹⁷ O Programa Pontos de Memória tem como objetivo apoiar ações e iniciativas de reconhecimento e valorização da memória social. Com metodologia participativa e dialógica, os Pontos trabalham a memória de forma viva e dinâmica, como resultado de interações sociais e processos comunicacionais, os quais elegem aspectos do passado de acordo com as identidades e interesses dos componentes do grupo. Disponível em: <<https://www.museus.gov.br/acessoainformacao/acoes-e-programas/pontos-de-memoria/programa-pontos-de-memoria/>>. Acesso em: 8 dez. 2015.

ponto de memória. Nele, a comunidade está presente e suas ações são voltadas para o seu entorno, além disso existe a parceria e o apoio da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em que os alunos do Curso de Museologia realizam seus estágios e projetos de extensão junto aos professores.

Outro caso é o Museu Histórico de Esteio, que, por estar discutindo intensamente o Plano Nacional de Cultura, fez com que a criação do museu fosse realizada junto à sociedade, desde a criação do seu nome, da elaboração do plano museológico e da escolha de sua logomarca. No primeiro espaço, existem técnicos, porém, no segundo, os profissionais não têm formação voltada para área museal. Entretanto, em ambos os indivíduos são atores sociais, pois seus trabalhos são guiados através da participação e da interação com o outro. A partir dessas afirmações, parte-se para o posicionamento do Museu Histórico Visconde de São Leopoldo nesse contexto.

3.1.3 Contextualizando o MHVSL

O Museu Histórico Visconde de São Leopoldo existe desde o ano de 1959. Ele perpassou por todas as mudanças referentes às discussões museológicas. Na figura do professor e diretor Telmo Lauro Müller, historiador e museólogo, o Museu participou das ações voltadas para o Rio Grande do Sul. Conforme Márcia Bertotto (2013), a partir da criação do Sistema Estadual de Museus (SEM/RS) – através de decreto nº 33.791/1991 – a divisão do mapa do RS em sete partes, ilustrada na Figura 5, foi proposta por dois museólogos: Tarcísio Taborda e Telmo Lauro Müller. Sugeriram que cada parte tivesse um representante eleito democraticamente pelos museus partícipes.

Figura 5 – Divisão geográfica das sete regiões museológicas do Sistema Estadual de Museus (SEM-RS)



Fonte: Sistema Estadual de Museus/RS¹⁸

¹⁸ Disponível em: <<http://www.sistemademuseus.rs.gov.br/semrs/>>. Acesso em: 5 out. 2015.

O MHVSL pertence à 1ª Região Museológica do Sistema Estadual de Museus (SEM-RS). Como se verifica na Figura 5, a divisão foi feita de forma geográfica e foi aprovada durante o II Fórum Estadual de Museus, em 1990. Pretendia-se a divisão tipológica, econômica, bem como de afinidade cultural (BERTOTTO, 2013).

Müller, como já citado, foi vanguardista na área da museologia no Estado. Foi idealizador do Museu Histórico Visconde de São Leopoldo. Pensava nesta instituição enquanto aluno de História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Ele concebeu e dirigiu o Museu por muitos anos, mas precisou se afastar, contra a sua vontade, no ano de 2007 por motivos de saúde.

Quando criado o Sistema Estadual de Museus, o MHVSL já estava alocado em sua nova sede – desde 1985. A ampliação se deu pela necessidade de se ter um lugar que abrigasse melhor seu acervo e acolhesse melhor seu público. Atualmente, o prédio de dois andares está pequeno para a quantidade de acervo, oriundo de doações, compras ou até mesmo recolhidos do lixo. O Museu acabou por abraçar tudo aquilo que considera importante, sem seguir um planejamento e o que é fundamental: ter sua missão definida.

O que impressiona, pela situação do Museu, é que Telmo Müller foi fundamental para a museologia no Rio Grande do Sul e descobrimos esse recorte de sua história através da tese de Márcia Bertotto (2013). Não existem indícios no próprio Museu da relevância e do papel que a instituição teve no Estado na figura do seu então diretor. Existem lacunas na história do MHVSL. E isso se dá pela ausência de uma sistematização das informações ao longo de seus 50 anos de história.

A instituição, hoje, não se faz presente nos debates museais do Rio Grande do Sul. Não é mais ativa. Todavia, é parceira de vários museus. Inclusive foi partícipe no processo de implantação de algumas instituições, tais como Museu do Trem de São Leopoldo e Museu Histórico de Esteio. Para muitas instituições museológicas, o MHVSL é visto como um modelo para pensar nos seus espaços. Tudo isso, mesmo sem ter um plano museológico, essencial nesses espaços.

De acordo com Hugues de Varine-Bohan (2008, p. 18), “o social significaria publicamente a vontade do museu de cumprir suas obrigações junto à sociedade local, no senso largo, na linha direta do *museu integral* definida pelo Seminário de Santiago”. Como já vem sido posicionado, talvez o discurso, não só no espaço do MHVSL, como também em outros museus, não esteja contemplando na sua prática o cumprimento de suas obrigações junto ao

seu público e ao seu entorno. O anseio está atrelado ao profissional de museu, o ator social, que deve tornar seu discurso concreto, através de suas ações sociais, educativas e culturais.

Questiona-se assim, diante do quadro do Museu Histórico Visconde de São Leopoldo e das tendências recentes no cenário dos museus, se é a Nova Museologia que prepondera ou ela já está velha? Basta seguirmos adiante através das políticas culturais de forma a visualizá-las sobre seu posicionamento da função social das instituições museológicas.

3.2 A FUNÇÃO SOCIAL SOB A ÓTICA DAS POLÍTICAS CULTURAIS

Com o intuito de fortalecer a área da cultura no País, através do Ministério da Cultura, no ano de 2009 foi criada a Secretaria de Políticas Culturais¹⁹, regida pelo Decreto nº 6.835. Dentre suas competências, está subsidiar e coordenar a formulação, a implementação e a avaliação das políticas públicas do Ministério. Ela também se articula com os Ministérios da Educação e da Comunicação para integrar as políticas públicas de cultura e as políticas públicas de educação e comunicação nos âmbitos federal, estadual, distrital e municipal.

No mesmo ano foi criado o Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM,) autarquia federal vinculada ao Ministério da Cultura. O IBRAM foi instituído a partir do antigo Departamento de Museus que estava sob a responsabilidade do Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional (IPHAN). Compete ao IBRAM – disposto no artigo 3º do Decreto nº 8.124/2013 – regular, fomentar e fiscalizar o setor museológico; coordenar e monitorar a elaboração e implementação do Plano Nacional Setorial de Museus (PNSM); coordenar o Sistema Brasileiro de Museus (SBM); regular, coordenar e manter atualizado para consulta o cadastro dos museus, inventário nacional de bens musealizados bem como os desaparecidos; elaborar, divulgar e manter atualizado material com recomendações técnicas relacionadas a preservação, conservação, documentação, segurança dos bens culturais; estudo de público, entre outros.

Há uma gama de pressupostos que a secretaria acima citada poderia cumprir com mais rigor, inclusive atuando conjuntamente com o IBRAM e com a Política Nacional de Museus (PNM), união que parece ser ainda lenta para a implementação, até mesmo em razão da juventude destas instituições (BERTOTTO, 2013, p. 104).

Márcia Bertotto (2013) expõe o embate que se dá entre as instituições. Em vez de partilharem das ações para o fortalecimento de ambas e dos processos culturais, acabam por se distanciarem. Os próprios equipamentos das políticas públicas se tornam ineficazes diante da relutância frente a parcerias. Talvez isso esteja relacionado a egos partidários, porém, deixamos

¹⁹ Disponível em:< <http://www.cultura.gov.br/secretaria-de-politicas-culturais-spc>>. Acesso em: 2 dez. 2015.

esse assunto para outra oportunidade.

Waldisa Rússio (2010, p. 57), em 1976, dizia que “uma política cultural só se desenvolve através dos poderes públicos, diretamente ou por delegação destes a outrem”. Percebe-se que, na própria política pública, há falhas diante da função social de estar a serviço da sociedade ao possibilitar as ferramentas possíveis para o desenvolvimento dos programas e projetos nas instituições culturais e de memória. Neste sentido, sugere Bertotto (2013, p. 84),

[...] comumente, as políticas públicas são desconhecidas pela maioria da população. Há lançamentos de programas, projetos, apoios, mas a população não (re)conhece da melhor forma a implantação dos mesmos. A sociedade fica impossibilitada de realizar um acompanhamento crítico, além de não vislumbrar uma prestação de contas desta implementação. O poder público deveria atentar para a diversidade cultural e para a universalidade das políticas, voltado para o resgate das identidades e memórias, contribuindo efetivamente para a ampliação da cidadania.

Bertotto (2013, p. 91) diz, ainda, que “a área da cultura é vista como suplementar para a criação de políticas públicas”. Por fim, são os profissionais da área os únicos interessados em formular essas políticas. A população fica fora do debate. “Isto acontece (em parte) em razão de o público não se reconhecer nos museus” (BERTOTTO, 2013, p. 91), pois não existe uma apropriação da instituição museal pela sociedade. Isso se comprova ao observamos a relação entre as temáticas das exposições, pesquisas e práticas dos museus diante de seu público. A população desconhece o seu direito de reivindicar a melhoria dos serviços e atividades oferecidos pelos museus.

Uma política cultural abrangente e de caráter democrático propõe uma ampla participação cultural, com atividades permanentes de formação, criação, debate e fruição que tenham continuidade, busquem seu enraizamento na comunidade e muitas vezes partam desse enraizamento (FARIA, 2003, p. 39).

Conforme Feijó (1992, p. 75), todas as políticas culturais, quando legítimas, são transformadoras e “principalmente quando entendem que cultura se faz, não se consome nem se ganha de graça, muito menos se impõe”. A formulação das políticas poderia atender aos anseios do público. Todavia, os museus carecem de maior atenção do poder público.

Seguindo o pensamento de Bertotto (2013, p. 93), acredita-se que “as políticas governamentais deveriam estimular o debate, as experiências e vivências, a comunicação entre os paradigmas da museologia tradicional e das necessidades atuais e, ainda, os caminhos da construção da cidadania”. A política é um ato de democracia, o acesso aos bens culturais é um direito de todos. Para isso, ela deve ser realizada junto à comunidade e aos atores sociais, sem ficar em segundo plano.

3.2.1 Plano Nacional de Cultura

O Plano Nacional de Cultura (PNC) foi instituído pela Lei 12.343/2010. Tem por finalidade o planejamento e a implementação de políticas públicas de longo prazo – até 2020 – voltadas à proteção e promoção da diversidade cultural brasileira. Diversidade que se expressa em práticas, serviços e bens artísticos e culturais determinantes para o exercício da cidadania, a expressão simbólica e o desenvolvimento socioeconômico do País.

Os objetivos do PNC são o fortalecimento institucional e a definição de políticas públicas que assegurem o direito constitucional à cultura; a proteção e promoção do patrimônio e da diversidade étnica, artística e cultural; a ampliação do acesso à produção e fruição da cultura em todo o território; a inserção da cultura em modelos sustentáveis de desenvolvimento socioeconômico e o estabelecimento de um sistema público e participativo de gestão; acompanhamento e avaliação das políticas culturais. A lei prevê 53 metas a serem atingidas até 2020. Para o trabalho, verificam-se três metas voltadas para os museus, as quais serão apresentadas a seguir.

- A meta número 29 estabelece que todas as instituições – bibliotecas públicas, museus, cinemas, teatros, arquivos públicos e centros culturais – atendam aos requisitos legais sobre acessibilidade, além de desenvolver ações de promoção da fruição cultural por parte das pessoas com deficiência. Esta meta destaca a garantia do atendimento à Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e ao cumprimento da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Ou seja, diante da cultura, a Convenção defende o acesso das pessoas com deficiência aos bens e atividades culturais de forma acessível, assim como aos locais que promovem ações culturais, além da “promoção do seu potencial artístico, criativo e intelectual e do reconhecimento de sua identidade cultural e linguística” (PNC, 2011, p. 62). A não acessibilidade inviabiliza a qualidade de vida e o exercício, por essas pessoas, dos direitos à educação, saúde, cultura e trabalho. Verifica-se que faz parte do papel do museu garantir que seu espaço acolha todos os indivíduos. Para isso, são necessários alguns itens, tais como banheiros adaptados, acesso a pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, sinalização visual e tátil para orientação de pessoas portadoras de deficiência auditiva e visual, conforme a ABNT.
- A meta 31 dispõe que os municípios brasileiros tenham um número mínimo de equipamentos culturais – museu, teatro ou sala de espetáculo, arquivo público ou centro de documentação, cinema e centro cultural – de acordo com o número de habitantes. O município de São Leopoldo está na faixa que compreende de 100 e 500 mil habitantes. Nesta, as cidades

precisam contemplar pelo menos quatro tipos. Neste caso, o município possui museu, teatro e cinema (privado). O PNC (2011, p. 65) verifica que “as instituições e os equipamentos culturais são lugares de trocas e disseminação de cultura, que contribuem para a constituição da memória social. São também importantes elementos no processo de revitalização dos centros urbanos e de integração de áreas periféricas”.

- A meta 41 intui 100% de bibliotecas públicas e 70% de museus e arquivos disponibilizando informações sobre seu acervo no Sistema Nacional de Informações e Indicadores Culturais (SNIIC²⁰). Para isso, as instituições precisarão tratá-los, inventariando-os e catalogando-os. Essas ações, além de qualificar os acervos, ampliam as possibilidades de acesso e fruição da cultura. Os cadastros nacionais de museus, bibliotecas e arquivos serão integrados ao SNIIC. Em 2010, 48% dos museus cadastrados no Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM) tinham alguma informação sobre seu acervo em página eletrônica na internet.

3.2.2 Política Nacional de Museus

A Política Nacional de Museus intui a valorização do patrimônio cultural brasileiro, o desenvolvimento e a revitalização dos museus. De acordo com a PNM,

[...] os museus conquistaram notável centralidade no panorama político e cultural do mundo contemporâneo. Deixaram de ser compreendidos por setores da política e da intelectualidade brasileira apenas como casas onde se guardam relíquias de um certo passado ou, na melhor das hipóteses, como lugares de interesse secundário do ponto de vista sociocultural. Eles passaram a ser percebidos como práticas sociais complexas, que se desenvolvem no presente, para o presente e para o futuro, como centros (ou pontos) envolvidos com criação, comunicação, produção de conhecimentos e preservação de bens e manifestações culturais. Por tudo isso, o interesse político nesse território simbólico está em franca expansão (PNM, p. 18).

Em maio de 2002, foi realizado, na cidade de Rio Grande-RS, o 8º Fórum Estadual de Museus, sob o tema *Museus e globalização*. Nele, foi elaborada a *Carta de Rio Grande*. No mesmo ano, o Conselho Federal de Museologia (COFEM) elaborou e divulgou o documento denominado *Imaginação museal a serviço da cultura*. Estes dois documentos corroborariam para a Política Nacional de Museus.

Durante a semana de comemorações do Dia Internacional de Museus (18 de maio), foi lançada a Política Nacional de Museus no Museu Histórico Nacional, no Rio de Janeiro. Seu funcionamento se dá pelo caráter de movimento social, bem como da ação que ultrapassa as molduras políticas tradicionais. A Política Nacional de Museus possui sete eixos programáticos

²⁰ O SNIIC é o instrumento de acompanhamento, avaliação e aprimoramento da gestão e das políticas públicas relacionadas à cultura.

capazes de aglutinar, orientar e estimular a realização de projetos e ações museológicas, tais como: gestão e configuração do campo museológico; democratização e acesso aos bens culturais; formação e capacitação de recursos humanos; informatização de museus; modernização de infra-estruturas museológicas; financiamento e fomento; e aquisição e gerenciamento de acervos culturais.

A PNM foi desenhada a partir de pontos fortes e de pontos críticos do cenário museal. Destacam-se, aqui, alguns pontos críticos onde se acredita que o MHVSL está enquadrado, diante da perspectiva deste trabalho, sendo eles a falta de eficácia nos procedimentos técnicos de documentação e gestão de acervos; a fragilidade dos instrumentos de gestão dos museus e o desempenho pouco eficaz da sua função social; coleções deficientemente inventariadas, conservadas, estudadas e divulgadas.

Na crise da modernidade, evidencia-se a proliferação de museus. Uma política se faz necessária para a sistematização dessas instituições e de sua modernização. Os museus brasileiros estavam sob responsabilidade do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), onde existia o Departamento de Museus (DEMU), criado em 2003. O DEMU foi um dos primeiros desdobramentos da Política Nacional de Museus (PNM). A lei de criação do IBRAM diz que são características básicas das instituições museológicas “o desenvolvimento de programas, projetos e ações que utilizem o patrimônio cultural como recurso educacional e de inclusão social” e “o compromisso com a gestão democrática e participativa”. E entre as finalidades do Instituto está “garantir os direitos das comunidades organizadas de opinar sobre os processos de identificação e definição do patrimônio a ser musealizado”.

As instituições museológicas também se fortaleceram com a criação, em 2003, da Política Nacional de Museus. Começava, assim, o delineamento de um novo percurso de discussões no âmbito museal brasileiro. Em 2009 é criado o Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), afirmando a força e a importância das instituições museológicas que somam mais de três mil unidades em todo o País (BRASIL, 2009).

O surgimento do DEMU no cenário museal brasileiro acarretou, de imediato, o fortalecimento de todos os museus do MinC. Na sequência deste processo, foi criado o Sistema Brasileiro de Museus, outra ação fundamental para a implantação da Política Nacional de Museus (BRASIL, 2007, p. 27).

A Política Nacional de Museus (BRASIL, 2003) destaca que as instituições museais servem como ferramenta estratégica de aprimoramento dos processos democráticos para a valorização do patrimônio cultural. A PNM surge para auxiliar e fortalecer os museus do País.

A partir do ano de 2003 um novo contexto é delineado para as instituições museológicas e seus profissionais. O MHVSL adota a proposta de Cadastro Nacional de Museus e faz o seu registro.

Moraes (2010) afirma que os estudos sobre o museu e as políticas culturais no País implicam um estudo sistemático sobre o poder.

Estudar o Museu no contexto das políticas públicas exige considerar os sentidos e os limites da democracia, da universalização do direito e do acesso à informação na sociedade brasileira; saber quem tem o poder de definir e de orientar ações, garantindo a sua continuidade, quem é capaz de pautar e se fazer permanente, bem como o faz (MORAES, 2010, p. 10).

A Política Nacional de Museus diz que os museus devem ser

[...] unidades de investigação e interpretação, de mapeamento, documentação e preservação cultural, de comunicação e exposição dos testemunhos do homem e da natureza, com o objetivo de propiciar a ampliação do campo das possibilidades de construção identitária e a percepção crítica acerca da realidade cultural brasileira. (BRASIL, 2003, p. 8).

Com isso, a reflexão crítica sobre as práticas das instituições museológicas necessita ser exercitada pela equipe do museu e, especialmente, incentivar que a população também faça essa reflexão cotidianamente (NASCIMENTO JUNIOR, 2009). A participação contínua pode ser um sentido buscado na função social dos museus, sendo, assim, uma prática de emancipação social.

Durante a construção da Política Nacional de Museus destacaram-se pontos fortes e críticos do cenário nacional museológico. Entre pontos críticos, destaque para um em especial: “a fragilidade dos instrumentos de gestão dos museus e o desempenho pouco eficaz da sua função social” (BRASIL, 2007, p. 31). Faz parte da função social do museu o exercício do direito à memória, à história e à educação. Sem dúvida, o campo museal é campo de tensão e, por isso mesmo, nele há espaço para múltiplas e diferentes práticas, abordagens e enfoques (NASCIMENTO JUNIOR, 2009). Segundo Chagas (2006, p. 33), o

[...] diferencial não está no mero reconhecimento do poder da memória, e sim na colocação dos “lugares de memória” a serviço do desenvolvimento social, na compreensão teórica e no exercício prático da memória como direito de cidadania e não como privilégio de grupos economicamente abastados.

Assim, ao trabalharmos os museus e a museologia na perspectiva do poder da memória sugere-se assegurar o poder dos museus como “agências capazes de servir e de instrumentalizar indivíduos e grupos de origem social diversificada para o melhor equacionamento de seu acervo de problemas”. O museu que adota esta vereda não está focado apenas em democratizar o acesso

aos bens culturais acumulados, mas, sobretudo, em “democratizar a própria produção de bens, serviços e informações culturais” (CHAGAS, 2006).

Desse modo, as políticas culturais são fundamentais para o processo de crescimento da área museológica, pois elas ampliam as perspectivas para o crescimento técnico por meio da capacitação dos profissionais de museus e da modernização das instituições.

3.2.3 O Estatuto de Museus sob a ótica do MHVSL

Conforme o Estatuto Brasileiro de Museus – Lei nº 11.904/2009 –, é considerada museu a instituição sem fins lucrativos que conserva, investiga, comunica, interpreta e expõe, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer outra natureza cultural, aberta ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento.

De acordo com o Artigo 2º do Estatuto um dos princípios fundamentais dos museus é o cumprimento da função social. Evidencia-se, assim, o norte do trabalho. De acordo com o diretor²¹ do MHVSL, o Museu ainda não segue todas as diretrizes expostas nos documentos apresentados, pois já existem diversas demandas que a própria instituição museológica exige. Este é um dado pelo qual os funcionários do Museu não conhecem a legislação e estão distantes da elaboração do plano museológico e de entenderem a relevância de tal documento.

Sabe-se que se trata de um museu privado, porém, possui caráter público – como apresentado no capítulo 2 a partir de Renato Janine Ribeiro (1994). O MHVSL foi o primeiro museu da cidade de São Leopoldo. Ele é fundamental para a história da formação da cidade e da região. Ele é responsável por um amplo acervo que deveria ressignificar a memória social, através da memória coletiva e individual. Ou seja, ele deve ser aberto para o diálogo e para a participação da comunidade por meio de depoimentos, histórias de vida e sugestões de como gostariam que suas histórias fossem representadas.

O Museu deve estar em conformidade com o Instituto Brasileiro de Museus e o Sistema Estadual de Museus. Conforme o Estatuto de Museus, em seu Artigo 5º,

[...] § 1º consideram-se bens culturais passíveis de musealização os bens móveis e imóveis de interesse público, de natureza material ou imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência ao ambiente natural, à identidade, à cultura e à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira (BRASIL, 2009).

²¹ Entrevista concedida à autora em 25 de maio de 2015.

Pode-se dizer, assim, que os bens culturais são aqueles ligados aos processos e manifestações culturais da sociedade. Desta forma, busca-se evidenciar o Estatuto de Museus sob a ótica do MHVSL, de forma a refletir parte das ações propostas pelo Estatuto e quais delas são consideradas pelo Museu. Para isso, verifica-se a formação da autora em Museologia, bem como a observação participante ao analisar parte do Estatuto de Museus que dialoga com o trabalho. Para tanto, criou-se uma tabela a fim de expor de forma clara o que é exercido ou não pelo Museu Histórico Visconde de São Leopoldo.

Tabela 1 – Análise da Lei 11.904/2009 junto às ações desenvolvidas pelo MHVSL

Seções/ Subseções	Artigos	MHVSL
Seção II Do Regimento e das Áreas Básicas dos Museus	Art. 18. As entidades públicas e privadas de que dependam os museus deverão definir claramente seu enquadramento orgânico e aprovar o respectivo regimento.	Não possui seu Regimento Interno, somente Estatuto aprovado pela sua diretoria em assembleia geral e registrado em cartório.
	Art. 19. Todo museu deverá dispor de instalações adequadas ao cumprimento das funções necessárias, bem como ao bem-estar dos usuários e funcionários.	Dispõe de um espaço amplo, porém não existe um espaço de acolhimento ao público ²² .
	Art. 20. Compete à direção dos museus assegurar o seu bom funcionamento, o cumprimento do plano museológico por meio de funções especializadas, bem como planejar e coordenar a execução do plano anual de atividades.	O funcionamento administrativo da instituição é garantido. Todo ano é elaborado um relatório de suas atividades, mas não há plano museológico.
Subseção II Do Estudo, da Pesquisa e da Ação Educativa	Art. 28. O estudo e a pesquisa fundamentam as ações desenvolvidas em todas as áreas dos museus, no cumprimento das suas múltiplas competências.	Por falta de profissionais técnicos, a pesquisa é desenvolvida, ainda, de forma tímida.
	§ 1º O estudo e a pesquisa nortearão a política de aquisições e descartes, a identificação e caracterização dos bens culturais incorporados ou incorporáveis e as atividades com fins de documentação, de conservação, de interpretação e exposição e de educação.	Neste caso, pela falta dos mesmos, inexistente uma política de aquisição e descarte do acervo. Considera-se, na visão dos responsáveis pelo Museu, que um livro de doação cumpriria esta ação.

²² Espaço destinado à recepção do público a fim de dialogar com o mesmo antes da visita.

	<p>§ 2º Os museus deverão promover estudos de público, diagnóstico de participação e avaliações periódicas objetivando a progressiva melhoria da qualidade de seu funcionamento e o atendimento às necessidades dos visitantes.</p>	<p>O estudo de público é realizado de forma quantitativa sobre as escolas, grupos e público em geral. Até o mês de novembro de 2015, o livro de visita não possuía o campo relacionado à idade. Não há uma metodologia voltada para a avaliação, como um todo.</p>
	<p>Art. 29. Os museus deverão promover ações educativas, fundamentadas no respeito à diversidade cultural e na participação comunitária, contribuindo para ampliar o acesso da sociedade às manifestações culturais e ao patrimônio material e imaterial da Nação.</p>	<p>Não foi implantado, ainda, um programa educativo pelo Museu. Porém, as ações acontecem de forma pontual por meio de projetos de extensão das universidades e ações de voluntários.</p>
	<p>Art. 30. Os museus deverão disponibilizar oportunidades de prática profissional aos estabelecimentos de ensino que ministrem cursos de museologia e afins, nos campos disciplinares relacionados às funções museológicas e à sua vocação.</p>	<p>O espaço é aberto a essa prática. Para tanto, foi criado o cargo de coordenador de Estágios.</p>
	<p>Art. 37. Os museus deverão disponibilizar um livro de sugestões e reclamações disposto de forma visível na área de acolhimento dos visitantes.</p>	<p>Não possui.</p>
	<p>Art. 38. Os museus deverão formular, aprovar ou, quando cabível, propor, para aprovação da entidade de que dependa, uma política de aquisições e descartes de bens culturais, atualizada periodicamente.</p>	<p>Não realiza.</p>
	<p>Art. 39. É obrigação dos museus manter documentação sistematicamente atualizada sobre os bens culturais que integram seus acervos, na forma de registros e inventários.</p>	<p>A sistematização é precária. Ao longo dos anos foram adotadas diversas formas de documentação, ineficazes pela falta de conhecimento na área museal dos agentes voluntários.</p>
	<p>Art. 43. Os museus garantirão a proteção dos bens culturais que constituem seus acervos, tanto em relação à qualidade das imagens e reproduções quanto à fidelidade aos sentidos educacional e de divulgação que lhes são próprios, na forma da legislação vigente.</p>	<p>Garante a proteção de seu acervo, tanto imagem quanto conteúdo, no que se refere a publicações. Porém, em alguns momentos, é falho. Por exemplo, as imagens expostas no livro comemorativo aos 50 anos do MHVSL.</p>

	Art. 44. É dever dos museus elaborar e implementar o Plano Museológico.	Não possui.
	Art. 45. O Plano Museológico é compreendido como ferramenta básica de planejamento estratégico, de sentido global e integrador, indispensável para a identificação da vocação da instituição museológica para a definição, o ordenamento e a priorização dos objetivos e das ações de cada uma de suas áreas de funcionamento, bem como fundamenta a criação ou a fusão de museus, constituindo instrumento fundamental para a sistematização do trabalho interno e para a atuação dos museus na sociedade.	Falta de conhecimento dos funcionários diante desse contexto.
	Art. 46. O Plano Museológico do museu definirá sua missão básica e sua função específica na sociedade e poderá contemplar os seguintes itens, dentre outros: I – o diagnóstico participativo da instituição, podendo ser realizado com o concurso de colaboradores externos; II – a identificação dos espaços, bem como dos conjuntos patrimoniais sob a guarda dos museus; III – a identificação dos públicos a quem se destina o trabalho dos museus; IV – detalhamento dos Programas: Institucional; de Gestão de Pessoas; de Acervos; de Exposições; Educativo e Cultural; de Pesquisa; Arquitetônico-urbanístico; de Segurança; de Financiamento e Fomento; de Comunicação.	Sua missão não está clara para a equipe, bem como para o seu público.

Fonte: elaborada pela autora

A partir do comparativo exposto na tabela, das ações definidas em lei e das ações desenvolvidas no MHVSL, percebe-se que há um longo caminho a ser percorrido por este museu. Para isso, é fundamental que ele se profissionalize a fim de garantir as ações básicas de preservação, de pesquisa e de comunicação. Para compreender melhor essa instituição, parte-se para o seu estudo e apresentação detalhada dos espaços e de suas ações.

4. MUSEU HISTÓRICO VISCONDE DE SÃO LEOPOLDO

As coleções do Museu Histórico Visconde de São Leopoldo são de tipologia da história – bens culturais que ilustram acontecimentos ou períodos da História –, classificadas de acordo com o Guia de Museus (2010).

Os museus, lugares privilegiados de construção de memórias, são também palco apropriado para a invenção e a teatralização de tradições. Esta é uma das razões pelas quais eles frequentemente são associados ao tradicionalismo conservador, em termos artísticos, culturais e sociais. Deriva-se desta constatação um certo incômodo que favorece a emergência de questões do tipo: um museu pode ser ruptura? Há nos museus espaço para o novo? (CHAGAS, 2006, p. 119)

O MHVSL é colocado diante deste norte: pensá-lo para o novo, com o intuito de torná-lo um espaço dinâmico envolvido com o seu público, garantido a abertura para um público em potencial. A função social do museu está atrelada às suas ações na sociedade, voltadas para o seu interior e também extramuros. A partir do que já foi explorado, percebemos algumas deficiências no espaço do Museu.

Não deixamos, também, de evidenciar que o Museu constitui um patrimônio de suma relevância para o município de São Leopoldo e região. Todavia, é necessário olhar para esses espaços de forma profissional, a fim de colaborar, através da crítica construtiva, com suas ações. Parte-se, então, para a apresentação da Instituição a partir de sua estrutura física e institucional e sob diferentes olhares.

4.1 O MHVSL: ESTRUTURA FÍSICA E INSTITUCIONAL

Desenvolvemos, até o momento, considerações a partir dos conceitos de cultura, memória e identidade no contexto contemporâneo. Além de explanarmos sobre as discussões e políticas na área dos museus, posicionando o MHVSL. Neste subcapítulo, evidenciamos seu espaço sob diferentes perspectivas da instituição museológica.

4.1.1 Estatuto: discurso e poder

O Museu Histórico Visconde de São Leopoldo tem um estatuto desde sua criação, em 1959. Ele é revisado pela diretoria de forma a garantir suas adaptações ao longo dos anos. Sua última revisão foi feita no ano de 2012 sendo aprovada em assembleia geral e substituindo a aprovada no ano de 2005. Porém, percebemos durante a análise do documento que há falhas referentes à sua aplicabilidade, pois o que está em seu discurso não foi verificado em sua prática.

Talvez isso ocorra pelos interesses pessoais, quando conferimos no indivíduo detentor do poder certas prioridades. Examinemos o Artigo 1º do estatuto.

[...] o Museu Histórico Visconde de São Leopoldo, com sede na Av. Dom João Becker, 491, Centro, São Leopoldo, é uma associação civil de direito privado sem fins lucrativos ou econômicos, fundada em 20 de setembro de 1959, que tem por fim adquirir, estudar, ensinar, catalogar, colecionar e expor, sistematicamente, documentos e objetos concernentes aos devidos aspectos relativos principalmente à colonização e imigração alemã no Brasil, bem como de outras etnias.

Sua finalidade é definida como sua missão. Compreendemos que a mesma não contempla as ações voltadas para a conservação, bem como para a comunicação. As ações de adquirir, colecionar e expor são cumpridas pelo Museu. Elas estão fundamentadas por um caráter colecionista neste espaço. Já as ações de estudar e ensinar ficam soltas, já que não identificamos como são realizados e por quem seriam realizados esse estudo e ensino. Já a catalogação tem como base a metodologia de arquivo e não de museu. Observamos esse processo. Isso se dá pelo perfil dos profissionais que já contribuíram com essa ação. O arquivo é organizado a partir de fundos documentais. Os mesmos se dão por “um conjunto de documentos produzido e armazenado por uma mesma fonte geradora, no decorrer de suas funções, mantido de forma orgânica e protegido com a finalidade de provar ou testemunhar algo legal e cultural” (PADILHA, 2014, p. 16). É preciso rever os conceitos junto à equipe e aos estagiários para garantir a eficácia e veracidade dos dados.

O Capítulo 2 do estatuto apresenta as atividades que o Museu se propõe a desenvolver. Dentre elas, exposta no Artigo 2º, está a ampliação da biblioteca, a organização de um documentário sobre o MHVSL, a manutenção e ampliação das coleções, bem como a realização e a atualização de seu planejamento estratégico a fim de definir com clareza seus objetivos futuros e suas estratégias de execução. Por último, destacamos o exercício de suas finalidades educativas por meio da exposição e consulta de acervo, do convênio com escolas e entidades culturais; de aulas, cursos, palestras, seminários, encontros, simpósios, painéis, concursos, pesquisas, edições e/ou publicações, e outras atividades destinadas ao aprimoramento cultural; de sua responsabilidade com a Casa do Imigrante e com a sede do Museu (manter e ampliar); bem como de atividades que julgarem relevantes para atingir suas finalidades.

Ao explorarmos o Artigo 2º, verificamos que a diretoria não está ciente de sua responsabilidade como instituição e não assinala que o seu planejamento estratégico deveria estar diretamente ligado à elaboração de um plano museológico. O item relacionado às questões educativas do Museu delimita o que seria um programa educativo estruturado, pautado na missão da instituição. Os profissionais não reconhecem o que deveria fazer parte do educativo

de um museu, há a carência do conhecimento técnico. O estatuto expõe no Artigo 3º no § 3 que, em caso da dissolução do Museu, o seu patrimônio social reverterá em benefício das seguintes entidades: Instituto Martius-Staden, em São Paulo; Fundação Ernesto Frederico Scheffel, em Novo Hamburgo e Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), em São Leopoldo. Os critérios de partilha do patrimônio social serão definidos em assembleia geral, procurando preservar o legado cultural adquirido desde a sua fundação. Neste sentido, o MHVSL se previne diante de uma possível ruptura, tomando as medidas cabíveis para a continuidade de preservação de seu patrimônio.

Já no Capítulo 6, os Artigos 11 e 12 dispõem que a associação será administrada por uma Diretoria e um Conselho Fiscal e os mesmos serão exercidos sem remuneração. A Diretoria, que é eleita por assembleia geral, fica responsável pela gestão do Museu por dois anos e deve ser composta pelos seguintes membros: presidente, vice-presidente, 1º secretário, 2º secretário, 1º tesoureiro, 2º tesoureiro e três vogais, podendo o seu presidente ser reconduzido somente uma vez. Fazem parte da diretoria, ainda, os cargos de confiança indicados pela Diretoria, divididos nas seguintes categorias: Coordenador de biblioteca, Coordenador de pesquisa, Coordenador de genealogia, Coordenador de arte, Coordenador de patrimônio, Coordenador jurídico, Coordenador de restauração, Coordenador de *Site*, Coordenador de arquivo, Coordenador da Casa do Imigrante, Coordenador de estágios.

A diretoria e seus coordenadores, grupo composto por 27 pessoas, deveriam ser, bem como os funcionários do MHVSL, os atores sociais da instituição, atores ativos que busquem a melhoria da interação, da participação e da cooperação do visitante, do pesquisador e dos amigos e simpatizantes do Museu Histórico Visconde de São Leopoldo. Porém, observamos que a maior parte (70%) não participa das ações desenvolvidas no espaço.

A diretoria é responsável pela administração do patrimônio da Associação; por propor, discutir e deliberar sobre qualquer assunto ou medida de interesse para a vida e progresso do Museu; por submeter à aprovação do Conselho Fiscal as suas contas antes de apresentá-las à discussão e aprovação da assembleia geral; bem como de contratar o Diretor do Museu. Como apresentado acima, essas ações são realizadas pela minoria, pois muitos acabam “emprestando” seus nomes para fechar o número ideal de integrantes. Dentro da própria instituição existem lacunas voltadas para o envolvimento e a aproximação. É preciso um trabalho conjunto dos indivíduos ativos para atrair aqueles que não perceberam, ainda, o seu papel dentro do Museu.

Para isso, é necessário o desenvolvimento de um trabalho voltado para o aprendizado do que é Museu e do papel de cada um na sociedade, bem como para a apresentação da trajetória museológica no País e no Estado, a fim de trazer novos atores sociais para o espaço.

Nesse sentido, a capacitação da diretoria seria fundamental.

Desta forma, essas ações poderiam ser avaliadas. O presidente é responsável por implantar e atualizar o Planejamento Estratégico anual; cumprir e fazer cumprir o presente Estatuto; administrar o Museu e suas atividades gerais e delegar ao diretor e a outros membros da diretoria atividades conforme as competências de seus cargos; entre outros. Portanto, o presidente deveria estar ciente de que é sua responsabilidade fazer cumprir com as ações que lhe competem, bem como estar a par da política voltada aos museus, de forma a garantir que seu planejamento estratégico anual seja repensado a partir da elaboração do plano museológico, este voltado também para o planejamento, porém ampliado – de dois a cinco anos. Além disso, se exercido de forma correta, o mesmo contemplaria ações voltadas para o educativo e cultural. Ações essas carentes na instituição e que estão diretamente voltadas para o cumprimento da função social do museu.

O diretor geral do Museu, mencionado no Artigo 24, é o funcionário contratado pela Diretoria. Citamos algumas de suas funções: organizar, dirigir, coordenar, fiscalizar e administrar os serviços do Museu, de comum acordo com a Diretoria e por delegação do Presidente; promover o enriquecimento do acervo do Museu; propor e acordar permuta de duplicatas disponíveis por peças inexistentes no Museu e que sejam de seu interesse; resolver pedidos de consulta do acervo do Museu; responsabilizar-se pelas informações prestadas pelo Museu; promover a divulgação do Museu; representar o Museu em reuniões técnicas ou científicas; entre outras.

Percebemos que o diretor possui diferentes funções, desde a administração até o atendimento ao público. Isso se dá pela falta de funcionários técnicos, ocasionando o acúmulo de tarefas. O diretor também é o único contratado com formação em História. Os demais não possuem, ainda, ensino superior completo. Os mesmos estão cursando áreas distintas como Administração e Relações Públicas. Desde o ano de 2013, o diretor conta com o auxílio voluntário de um historiador, que coordena os estágios e demais demandas que lhe são solicitadas.

Destacamos uma das ações designadas ao diretor: o enriquecimento do acervo do Museu. O próprio estatuto incentiva o crescimento do acervo sem explicitar que exista uma política para isso. Desse modo, acarreta problemas como o acúmulo de objetos sem referência e tratamento técnico. Esse é um dado que preocupa ao estudarmos essa instituição, pois o quantitativo está acima do qualitativo, os números valem mais do que a própria informação. A ausência de informações intrínsecas e, em especial, extrínsecas são frequentes no espaço.

Há, ainda o dado de que o ato de recolher objetos significa, além do acúmulo, custos

para a instituição. O conselho consultivo, citado no Capítulo 7 do estatuto, deveria atuar junto ao diretor para verificar o que é prioridade. O ideal seria que a instituição museológica tivesse uma comissão de acervo para a avaliação dos mesmos. Na ausência dela, sugere-se que o conselho seja partícipe das ações voltadas para o acervo. Porém, neste caso, verificamos que existe certa relutância relacionada ao ato de verificar o que deve ou não se tornar acervo. Em alguns casos, os interesses pessoais e as relações políticas e sociais se tornam um impasse.

Para visualizar essa discussão, apresentamos o acervo e o prédio – fundamentais para pensarmos o tratamento dos objetos e a ocupação dos espaços como influência para o cumprimento da função social.

4.1.2 O acervo e o prédio

A instituição possui um dos acervos mais importantes sobre a imigração alemã no Brasil, segundo o diretor do MHVSL. Situados em um prédio de 846 m², os números impressionam. São mais de 35 mil itens do acervo tridimensional, 30 mil fotografias e cerca de 360 títulos de jornais, grande parte em alemão, compreendidos num período de mais de cem anos. Possui uma biblioteca que ultrapassa 20 mil livros referentes à história do Rio Grande do Sul, da imigração alemã, além de publicações do meio museológico, entre outras. Ainda abrange mais de 250 mil documentos. Diante dos números, é possível perceber a dimensão do acervo museológico e sua relevância cultural para a cidade e para a região.

Nos anos seguintes à fundação do Museu, em 1959, foi divulgada a ação de doação de acervo, propiciando a reconstrução da identidade do grupo local e da região por meio de bens culturais que contam a história da imigração alemã. Assim, iniciou-se a construção de coleções voltadas para diferentes temáticas. O processo de doação contribuiu para a aproximação da sociedade junto ao Museu. É possível verificar que as famílias que participaram de sua construção ainda procuram por seus objetos e sentem orgulho de os mesmos estarem sob a guarda de um espaço de memória.

A partir da participação e da contribuição da sociedade para o Museu, doando seus objetos, demandou aos responsáveis pela instituição que fosse criada uma nova sede. Porém, apesar de terem conseguido um novo espaço, desde 1985, o mesmo se tornou pequeno, novamente, para o acervo. Não há uma Política de Acervo voltada para a aquisição e descarte, o que acarreta a entrada excessiva de objetos e de documentos sem avaliação pela equipe ou pelo Conselho Consultivo do MHVSL.

Os números não param de crescer e a preocupação maior desta gestão é que o prédio

também cresça para que possa abrigar mais objetos. Este é mais um dado preocupante. Sem informação, sem um banco de dados eficiente, sem se preocupar com o qualitativo e sem retorno para a sociedade, de que forma esta instituição museal está cumprindo com a sua função social? Antes de tentarmos responder, o que se pretende no capítulo 5, apresentamos os diferentes acervos do MHVSL.

De acordo com o *site* institucional²³ do MHVSL, seus bens são divididos em antigo arquivo municipal, pinacoteca, biblioteca, acervo de peças e acervo fotográfico e de postais.

O Antigo Arquivo Municipal possui livros e documentos relativos à Administração Municipal de São Leopoldo desde o tempo do Império Brasileiro, principalmente quando foi elevada à categoria de Vila, em 1846, passando a ter uma Câmara Municipal de Vereadores. A pinacoteca está voltada para o acervo de obras obtidas através de doações de artistas plásticos²⁴ de destaque no cenário local e internacional. A biblioteca, como já mencionado, possui um número elevado de diferentes publicações em português e alemão, como podemos visualizar na Figura 6. Nela, avaliamos a organização dos livros – ação que levou cerca de dez anos para sua concretização – cujo responsável foi o voluntário e coordenador de biblioteca, Sr. Gunter Sydow.

Figura 6 – Biblioteca do Museu



Fonte: Registro da autora

O acervo de peças, acervo tridimensional ou museológico, pode ser visto nas vitrines em exposição e, outra parte, no que deveria ser uma reserva técnica. Porém, como podemos perceber na Figura 7, o acervo não se encontra em condições ideais de acondicionamento. As

²³ Disponível em: <http://www.museuhistoricosl.com.br/>. Acesso em: 10 set. 2015.

²⁴ Artistas: Pedro Weingärtner, Ernesto Frederico Scheffel, Fahrion, Alice Soares, Xico Stockinger, Walmyr Crusius.

caixas de papelão evidenciam essa afirmação. Verificamos, ainda, que não existe controle ambiental. A figura 8 remete a um novo dado, não menos importante: há repetição de objetos de mesma função, como as máquinas de escrever que somam em torno de 15 unidades. Entre os objetos, podemos citar, ainda, louças, material escolar, medalhas, moedas, relógios, armas.

Figura 7 – Parte do acervo tridimensional e documental do MHVSL



Fonte: Registro da autora

Figura 8 – Parte do acervo tridimensional, máquinas de escrever, do MHVSL



Fonte: Registro da autora

Destaque para as frases expostas no *site* institucional, referentes à apresentação do acervo: *sombrinhas dos "bons tempos"; material para a árvore de Natal, uma das mais marcantes contribuições da imigração; o ninho de Páscoa também uma notável contribuição; instrumentos de música com destaque para o velho e simpático gramofone*. A passagem mostra uma exaltação e uma nostalgia através da lembrança vinculada ao discurso individual e não

coletivo. Pierre Nora (2009) relata que a ideia de que são os coletivos que têm uma memória implica numa profunda transformação do lugar dos indivíduos na sociedade e de sua relação com o coletivo; é lá que está o segredo, por trás da emergência misteriosa de algo mais: a identidade. O museu deve desmitificar o pré-conceito de que é feito de “coisas velhas” e mostrar que é o resultado de pessoas, de discursos, de saberes e de fazeres. Assim, ao se posicionar, é preciso ter cuidado.

O acervo fotográfico está relacionado a vários períodos da cidade e da região. É dividido por coleções referentes às celebrações, aos prédios, aos monumentos, às famílias, às cidades e à própria história do MHVSL. A Figura 9 ilustra as caixas de material polionda – ideais para a conservação – onde são acondicionadas as fotografias. Entretanto, algumas fotografias, originais estão em exposição. Inclusive álbuns de família, ilustrados na Figura 10. Verifica-se a incidência de luz constante nas mesmas. Para exposição, recomenda-se reproduções.

Figura 9 – Estantes com o acervo fotográfico em caixas de polionda



Fonte: Registro da autora

Figura 10 – Álbuns de fotografias em exposição

Fonte: Registro da autora

Em novembro de 2014, foi lançado o projeto de ampliação da instituição museológica. A proposta é que os espaços sejam distribuídos em três andares com laboratórios de restauro e conservação, reserva técnica, salas expositivas de curta duração, auditório e café. Os mesmos estão sendo estudados para preservar, divulgar e difundir o acervo museológico com o intuito de atrair um novo público. Porém, novamente, verifica-se que não existe um acompanhamento técnico para a elaboração do projeto, em especial de um profissional museólogo. De acordo com a Lei 7.287/1984, o museólogo é responsável por executar todas as atividades concernentes ao funcionamento dos museus, por definir o espaço museológico adequado à apresentação e guarda das coleções, dentre outras atividades.

Destacamos, ainda, que o Artigo 4º diz que, para o provimento e exercício de cargos e funções técnicas de Museologia na Administração Pública Direta e Indireta e nas empresas privadas, é obrigatória a condição de museólogo, nos termos definidos na presente Lei. Não só o museólogo, mas também a efetivação de uma equipe interdisciplinar precisa ser considerada. A nova concepção de Museologia dialoga com as outras disciplinas de pensamento, com a História, com a Filosofia e com a Sociologia.

Verificamos, ainda, que o público do Museu também não está presente nas discussões de ampliação do espaço de forma a considerar as demandas e sugestões para ele. O projeto de ampliação não garante o aumento do quadro técnico do Museu. Mesmo que se considerem espaços fundamentais para a preservação do acervo, não é viável se não forem selecionados profissionais qualificados para a execução. Um projeto voltado para a área museológica deve ser levado a sério, em especial pelas empresas responsáveis pela captação de recursos e pelas empresas destinadas à execução. Não estamos aqui desmerecendo as ações, mas evidenciando

para algo mais que o espaço. O museu deve pensar no território de forma a garantir que sua função social esteja sempre contemplada em todas as suas ações. A utilização de novos mecanismos, expositivos e de acondicionamento, evidenciam novas possibilidades de ações de forma a garantir a salvaguarda dos bens materiais. Porém é preciso, para isso, eleger profissionais capacitados. A instituição deve repensar suas ações diante da legislação.

Em relação ao prédio atual, seu espaço expositivo de longa duração será mantido para que possa manter a característica do Museu. O espaço é amplo, possui expositores que destacam acervos doados por descendentes de alemães que contam a história daqueles que reiniciaram suas vidas na colônia alemã. Parte de seu público, de origem alemã, identifica-se com os objetos expostos. Mas como fazer com que o outro também se perceba diante dessa história? As novas abordagens, do índio e do afrodescendente, solucionam este impasse?

A ideia do novo espaço talvez solucione este questionamento, pois a proposta é contemplar as exposições de curta duração. Isso tornaria possível a rotatividade do acervo e suas distintas possibilidades de abordagem, como política, religiosidade, cultura, educação, relações inter-étnicas, entre outras. Com isso, ele amplia seu potencial para ser um espaço significativo para pesquisas e outras manifestações culturais, museológicas e educacionais acerca de outras temáticas.

Diante do exposto, bens culturais e espaço, é possível perceber a dimensão do acervo museológico e de sua relevância cultural para a cidade e para a região. O museu é espaço de permanência, considerando seu papel preservacionista, embora também deva ser espaço de novas práticas museais. É preciso optar pelo meio termo, de forma a contemplar o acervo e o público do museu. Desta forma, partimos para a apresentação de sua expografia.

4.1.3 Exposição: seus signos e a cidade

O Museu Histórico Visconde de São Leopoldo possui uma exposição emblemática, pois, além de expor objetos relacionados à história da imigração alemã e de São Leopoldo – a cidade antiga –, vem incorporando ao seu espaço peças relacionadas aos índios e aos escravos. Martin Dreher (2014) é um historiador que colabora para essa interface de trazer junto ao contexto da história da imigração alemã no País a história repensada, incorporando o outro ao seu discurso, além de apresentá-los como indivíduos ou grupos fundamentais para a história da colônia alemã. Neste sentido, para nos posicionarmos sobre exposição, pontuamos que

[...] exposição é, didaticamente falando, conteúdo e forma, sendo que o conteúdo é dado pela informação científica e pela concepção de comunicação como interação. A forma da exposição diz respeito à maneira de como vamos organizá-la,

considerando a organização do tema (enfoque temático e seu desenvolvimento), a seleção e articulações dos objetos, a elaboração de seu desenho (a elaboração espacial e visual) associado a outras estratégias que juntas revestem a exposição de qualidades sensoriais (CURY, 2006, p. 42).

A partir do trecho acima podemos situar que o conteúdo da exposição em questão é falho, assim como a sua forma. Falta informação, em especial do trabalho voltado para a pesquisa. Já em relação à forma, não existe um estudo de equipe para a organização do espaço a fim de garantir a interação e circulação do público. Isso se dá, novamente, pela ausência de uma equipe técnica. Para tanto, conforme Noris Leal (2010), para entendermos a exposição, é preciso avaliar os códigos da representação ali presentes no discurso montado sobre a história de uma determinada instituição, cidade, povo, nação, entre outros, e, muito particularmente, a autoria da mesma e a concepção de mundo e sociedade expressos para o público. Apresentemos a exposição para melhor visualização desse ponto.

O espaço não possui uma divisão cronológica. É dividido por objetos afins. Porém, no *hall* de entrada percebemos uma miscelânea de objetos relacionados à religião, aos personagens de São Leopoldo, às vestimentas dos descendentes de alemães, a placas comemorativas, bem como uma cadeira de arruar, um caiaque suspenso e o canto do índio, ilustrado na Figura 11. O último situado embaixo da escada, junto aos cofres. Nesse mesmo espaço, há estantes com livros do Museu e de São Leopoldo, cartões postais, chaveiros, marcadores de página, entre outros, para a venda. Ao lado está a mesa disposta para o livro de visitação. Este mesmo espaço é cedido para se juntar, a todas estas peças, exposições de curta-duração e itinerantes.

Figura 11 – Hall de entrada do MHVSL e parte da exposição relacionada ao índio



Fonte: Registro da autora

Só com os objetos expostos na entrada poderíamos criar diversos temas de exposição. A falta de critérios do que expor é uma problemática para a própria comunicação. Acreditamos que o espaço destinado ao índio (Figura 11) é fundamental para o diálogo entre diferentes culturas, mas, para isso, é preciso saber a procedência dos artefatos. Neste caso, a presença de um arqueólogo ou antropólogo junto ao historiador ou museólogo seria o caminho para a releitura do espaço. Não podemos expor por expor, precisamos buscar informações e averiguar a origem e a veracidade dos mesmos.

A religião está presente não somente nos objetos expostos – como a árvore de Natal, os ovos de Páscoa e as imagens de santos –, mas também no discurso de parte da diretoria do Museu. A ligação maior é com a igreja luterana, em especial a Igreja do Relógio, situada na cidade de São Leopoldo. O vice-presidente do MHVSL, Walter Altmann, é pastor. No encerramento do ano de 2015, em 8 de dezembro, no espaço expositivo, Walter celebrou o espírito natalino junto à equipe. Nesse mesmo espaço, em janeiro de 2012, Telmo Lauro Müller, ex-diretor do Museu, foi velado no lugar que idealizou. Esse é um dado importante para a história do Museu, já que a exposição revelou a morte de quem lhe deu a vida²⁵.

No mês de novembro de 2015, saiu do espaço expositivo do Museu um carro da década 1920, ilustrado na Figura 12. O automóvel pertencia a uma pessoa da cidade de Esteio. De acordo com a presidente do MHVSL, a saída do carro era necessária porque o Museu está crescendo e precisa de mais espaço. A presidente afirma que o carro não dialogava com a exposição. Assim, concordamos que a saída do carro foi positiva e corrobora para que os ruídos sejam diminuídos.

²⁵ Essa passagem pretende ser ampliada fora desta dissertação, pois não cabe aqui nos aprofundarmos no tema. Porém, entende-se que é essencial o seu estudo.

Figura 12 – Carro na exposição

Fonte: Registro da autora

A exposição apresenta, também, itens relacionados à comunicação. Permite ao visitante visualizar e comparar os aparelhos com os que utilizamos atualmente. Em seguida, estão expostas quatro vitrines com diversos utensílios, tais como louças, prataria, cristais, ferro de passar, moedores, entre outros. São objetos que evidenciam a imponência dessa etnia que, neste caso, vivia na cidade. Os utensílios relacionados à colônia ficam expostos na Casa do Imigrante. Ou seja, percebe-se que o espaço é voltado para uma sociedade abastada.

Há, ainda, expositores com instrumentos musicais, evidenciando a forte presença da música que caracteriza a tradição mantida pelos descendentes. O MHVSL é marcado por abrigar e incentivar a música, além de oferecer, no espaço expositivo, concertos ao longo do ano. Há os canecos de chope que remetem aos *kerbs* e objetos relacionados à tradição das sociedades de canto, de tiro, entre outras. Uma cadeira de dentista fica disposta entre os instrumentos musicais. Mesmo destoada do contexto, chama a atenção do visitante. Três vitrines são destinadas à temática da escravidão, como mostra a Figura 13.

Figura 13 – Expositores relacionados aos escravos



Fonte: Registro da autora

De acordo com o historiador voluntário do MHVSL, foi a partir da presença do professor Dr. Marcos Witt no espaço do Museu que o tema, que até então não era trabalhado, começou a ser abordado. Ainda nesta linha, o historiador afirma:

Sobre a temática da escravidão na região de colonização alemã, um assunto ainda controverso, que durante muito tempo passou despercebido (muitas vezes propositalmente) ou que foi (e ainda é) relativizado por pesquisadores, também encontramos consideráveis dados em meio aos documentos (SANTOS, 2015, p. 7).

Esses documentos estão no arquivo do MHVSL. Percebemos que existe em seu espaço um leque grande de informações que contribuiriam para a ampliação das informações compartilhadas na exposição. É preciso ampliar a pesquisa, bem como os meios de acesso à pesquisa no próprio espaço expositivo de forma interativa.

Há, ainda, vitrines representando brinquedos antigos, alguns personagens do contexto político e social de São Leopoldo, álbuns de família, máquinas fotográficas, o ensino, as armas e a indústria. Além disso, algumas vitrines – de moedas, cédulas, ferros de passar, maquete do prédio de ampliação do Museu – precisaram ser dispostas no segundo andar do prédio, por falta de espaço, assim como os quadros que ficam dispostos em diversas paredes do Museu pela ausência de traineis que os acondicionem.

Diante da dimensão dos diferentes temas expostos, verificamos que os responsáveis pela instituição não dimensionam o número exato de objetos em exposição. Desta forma, averiguamos que não há também um laudo do estado de conservação dos mesmos para o acompanhamento por meio da avaliação. No primeiro andar há, ainda, duas salas utilizadas

para os cursos de línguas e de música. Além disso, existem banheiros para o visitante. A parede que divide as salas de aula do espaço expositivo foi utilizada como painel de fotografias, como ilustra a Figura 14 a seguir.

Figura 14 – Painel de fotografias dispersas



Fonte: Registro da autora

Assim como acontece com os objetos, as fotografias também carecem de informação. Porém, esta situação é agravante. Talvez a intenção tenha sido colaborar para tornar o espaço “bonito”, mas é preciso cautela nas ações relacionadas à exposição, pois ela deveria ser o veículo de comunicação do museu com a sociedade, a qual legitima o mesmo, pois ela é o resultado dos bastidores da instituição. Conforme Tereza Scheiner (2001, p. 1), “exposições são o espelho e a síntese dos caminhos que o Homem vem trilhando, na marcha da Evolução”. Não se pode negar ao seu público o direito à informação. É necessário informar a origem das fotografias e dispô-las de forma que exista a possibilidade de cooperação do visitante com a informação das mesmas.

Verificamos que não há um projeto expográfico que considere a concepção museológica onde se dá a discussão do tema, bem como a definição do desenvolvimento conceitual, seleção dos objetos e execução do laudo técnico do estado de conservação, entre outros. Ocasionalmente, assim, a inexistência de um circuito da experiência do público e da linguagem acessível a todos. Além disso, a avaliação, tanto por questionários quanto pelo livro de sugestões, não é considerada no espaço.

Passamos, assim, para a apresentação dos projetos e ações educativas e culturais desenvolvidas pelo Museu Histórico Visconde de São Leopoldo a fim de compreender o posicionamento deste espaço, significativo, diante da sociedade.

4.1.4 Projetos e ações educativas e culturais

Destacamos o Museu nos anos de 2014 e 2015 para compreender sua posição no contexto contemporâneo direcionados pela sua gestão atual. Consideramos as ações fundamentais para o comprometimento dessa gestão com a sociedade que se dá através de seus projetos, sejam eles educativos ou culturais.

Nos dois anos consecutivos, o MHVSL participou da programação nacional da Semana de Museus e da Primavera de Museus organizados pelo Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM). As atividades relacionadas a esses eventos específicos são oferecidas de forma gratuita, com isenção de ingresso para a visita ao espaço do Museu.

Na 12ª Semana Nacional dos Museus, organizada pela professora Roswithia no ano de 2014, o MHVSL recebeu o grupo infantil de dança típica alemã, composto por crianças de três a nove anos de idade que estudam na rede municipal de ensino. O grupo é um projeto da Secretaria de Cultura e Turismo da Prefeitura Municipal de São Leopoldo. Os alunos de dança se apresentaram para a Escola Municipal Borges de Medeiros de São Leopoldo. Já no dia 17 de maio as crianças retornaram para apresentação. Além disso, foram oferecidas atividades na Casa do Imigrante.

A 13ª Semana de Museus – cujo tema foi *Museus para uma sociedade sustentável* – foi composta por diferentes atividades. Dentre elas, contou com o encontro *Venha contar como você faz parte da História dessa casa*, realizado em uma parceria entre Museu Casa do Imigrante, Museu Histórico Visconde de São Leopoldo, Clube de Mães Feitoria e Universidade Feevale (por meio do projeto de extensão *Museu como espaço de ação*) O evento reuniu ex-alunos, funcionários e professores da Escola João Daniel Hillebrand que funcionou no prédio do atual Museu Casa do Imigrante.

Na Universidade Feevale, foi oferecida a palestra *Museu Histórico Visconde de São Leopoldo: história e acervo* ministrada pelo diretor do MHVSL, Márcio Linck. Evidencia-se o Museu saindo de seu lugar para dialogar em sala de aula.

A programação contemplou, ainda, a atividade *Pedalada Cultural* (Figura 15), um passeio ciclístico que contou com o apoio do Museu do Trem, da Secretaria de Esporte e Lazer, Secretaria de Cultura e Turismo e Secretaria de Segurança Pública de São Leopoldo. Foram percorridos alguns pontos históricos e culturais da cidade. O passeio ciclístico considerou em seu trajeto locais como a Igreja de Cristo (Igreja do Relógio – IECLB), Praça 20 de Setembro (da Biblioteca), Largo da Antiga Prefeitura, Antiga Prefeitura, Igreja Nossa Senhora da Conceição, Antiga Sede da Unisinos, Rodoviária, Praça do Imigrante, Prédio da Câmara de

Vereadores, com encerramento no Museu Histórico Visconde de São Leopoldo. Depois, o público pode visitar o MHVSL.

Figura 15 – Passeio ciclístico na Praça do Imigrante - Monumento ao Centenário da Imigração Alemã



Fonte: Rodrigo Luís dos Santos

A 8ª Primavera de Museus, que ocorreu no ano de 2014, ofereceu a Roda de conversa *O monumento da Praça do Imigrante em cena* (Figura 16). A atividade foi realizada em parceria com o Projeto de Extensão *Museu como espaço de ação*. Além disso, o projeto lançou o catálogo do acervo documental *São Leopoldo no Período do Império*, coordenado por Roswithia Weber.

Figura 16 – Atividade do projeto de extensão *Museu como espaço de ação*



Fonte: Registro da autora

Também fizeram parte da programação da 8ª Primavera de Museus oficinas de teatro, ilustrada na Figura 17, e de dança, como mostra a Figura 18. Alunos na faixa etária de 12 a 17 anos, do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos – Artecriando – Unisinos participaram das aulas ministradas por Alexandre Lucas e Catiúcia Dias.

Figura 17 – Oficina de teatro



Fonte: Registro da autora

Figura 18 – Oficina de dança



Fonte: Registro da autora

Já a 9ª Primavera de Museus, cujo tema foi *Museus e Memória Indígena*, foi realizada no dia 26 de setembro de 2015 e contou com a oficina *História da imigração e a presença indígena: construção do conhecimento histórico e reflexões contemporâneas* – com emissão de certificados. A oficina teve como ministrantes a professora Clede Markus (COMIN/EST), com a palestra *As relações entre a sociedade brasileira e os povos indígenas na atualidade*, e o historiador Rodrigo Luís dos Santos (Unisinus), com a palestra *Indígenas e Imigrantes: aspectos da construção de relações interétnicas na literatura e no nacionalismo brasileiro entre as décadas de 1920 e 1940*. Teve organização de Camila Silva da Rosa, funcionária do MHVSL, Clede Markus, professora, e Rodrigo Luís dos Santos, voluntário.

Como já citado, o projeto de extensão *Museu como espaço de ação* coordenado pela professora Roswithia Weber é desenvolvido desde 2007 pela Universidade Feevale. A ação tem por objetivo promover atividades diversificadas voltadas para a comunidade, construídas com sua participação. Além dos alunos, participam da ação o Clube de Mães do Bairro Feitoria de São Leopoldo. As mães ajudam no desenvolvimento das ações do projeto e em visitas guiadas na Casa do Imigrante.

O Museu e o Instituto Sonarte²⁶ formaram parceria em 2007 para oferecer curso de educação e formação musical para jovens de 7 a 14 anos, com ênfase para violino, viola e violoncelo. Em 2010, iniciaram as aulas para adultos. O Museu disponibiliza o espaço para as aulas e, em contrapartida, o Instituto Sonarte realiza apresentações mensais, de abril a dezembro, no intitulado *Projeto Música no Museu*, que é aberto à comunidade. Também em 2010 foi iniciado um novo projeto, o *Música no Museu para Escolas*, em que é realizada uma apresentação com a Orquestra para uma escola convidada, seja ela da rede Municipal, Estadual ou Particular.

As ações culturais do Museu estão relacionadas a diversas atividades. Ele cede seu espaço para lançamentos de livros, ciclo de palestras, exibição de filmes, permitindo a circulação de um novo visitante. No ano de 2014, promoveu a venda de mais de 300 obras, de cerâmica e pinturas, do médico laboratorista e artista plástico leopoldense Walmyr Crusius²⁷. O médico havia deixado um testamento para o Museu permitindo a ação com o intuito de cooperar para a ampliação da instituição.

O projeto de ampliação se deve à presidente, Ingrid Marxen. Ela relatou que precisava

²⁶ Em novembro de 2015, o grupo Sonarte parou de ministrar aulas no espaço do Museu.

²⁷ No seu currículo constam exposições no I e II Salão de Cerâmica do MARGS – Museu de Artes do Rio Grande do Sul. Exposição por ocasião dos Destaques do Ano 1992, promoção da Revista Rua Grande, com curadoria do marchand Carlos Gallo da Galeria Gestual. “1ª Mostra de Artes plásticas Semana de São Leopoldo” realizada na Câmara Municipal de São Leopoldo em julho de 1987. “Coletiva São Leo” Galeria Liana Brandão, 1987, entre outras mostras.

de uma meta maior de gestão, por isso decidiu pela ampliação do prédio. Por ser um projeto que já estava parado há alguns anos, por falta de recursos, optou-se por retomá-lo, pois a manutenção do Museu estava funcionando. Ingrid relatou, ainda, que a equipe trabalha de forma segura e com a ajuda da comunidade, pois o museu transmite confiabilidade e transparência (MARXEN, 2015). Ingrid explica que o MHVSL está se transformando e isso é possível através da renovação da equipe, o que vem acontecendo gradualmente.

A parceria com as universidades (Unisinos, Feevale e Unilasalle) permite que os alunos dos cursos de História realizem seus estágios curriculares no espaço do Museu. As transformações são positivas, pois hoje o Museu possui seu *site* institucional e uma página em rede social, além de disponibilizar computadores para a pesquisa. São oferecidos, ainda, cursos de alemão, italiano e espanhol, bem como de pintura alemã.

Em 23 de abril de 2015 ocorreu a Assembleia Geral do Instituto Martius-Staden. Na ocasião, houve a entrega do Prêmio Martius-Staden ao Museu Histórico Visconde de São Leopoldo. O diretor do Museu recebeu a homenagem em São Paulo-SP.

No mês de outubro de 2015, o Museu participou da série *RS na Panela*, do programa televisivo Jornal do Almoço, da RBS TV. A presidente do MHVSL apresentou os detalhes dos rituais de café, almoço e jantar dos imigrantes alemães e de seus descendentes. A gravação foi realizada no espaço expositivo e os objetos utilizados para a demonstração pertenciam à presidente.

Em 2015, a fim de cooperar com a pesquisa, os voluntários do Museu passaram a organizar eventos para o ano de 2016. Um deles será a I Mostra de Pesquisas do Museu Histórico Visconde de São Leopoldo intitulado *Pelos caminhos da pesquisa: fontes, abordagens e relações*.

Verificamos que não existe um projeto educativo por iniciativa da própria Instituição. A ausência de uma ação continuada reflete no seu posicionamento diante da sua responsabilidade social. As ações partem dos voluntários do Museu. Os funcionários se envolvem esporadicamente com as iniciativas, devido à quantidade de tarefas que lhe são atribuídas. Para que existam ações voltadas para a exposição do MHVSL, é preciso ampliar seu quadro técnico. A reflexão deve ser um exercício contínuo de forma a garantir o maior fluxo de informações sobre o acervo com a colaboração da sociedade.

4.1.5 Público em números

Em 2014, o Museu recebeu – entre grupos, visitantes, pesquisadores, cursos, escolas e

eventos – em torno de 4,4 mil pessoas, incluindo visitantes de outros Estados e países. O público escolar totalizou 2.468 mil alunos. A fim de fazer um comparativo com os dados do ano de 2015 (considerado até o dia 8 de dezembro), optamos por analisar algumas categorias de público, deixando cursos, eventos e outras categorias para outro momento. Assim, o público considerado, apresentado na Tabela 2, é de 3.054 pessoas. Os números estão relacionados a pesquisadores, visitantes, grupos e escolas.

Tabela 2 – Público 2014

Atividade	Participações
Pesquisa	245
Visitantes	661
Grupos	130
Escolas	2.468
Total	3.504

Fonte: Museu Histórico Visconde de São Leopoldo

A Tabela 3, referente ao ano de 2015, apresenta um crescimento de visitas em grupos. Todavia, há um declínio considerável em relação a todos os outros acessos ao Museu. Percebe-se que o número total de público em 2015 – 2.283 visitantes – é inferior ao número de alunos – 2.468 – que acessaram o Museu em 2014.

Tabela 3 – Público 2015

Atividade	Participações
Pesquisa	100
Visitantes	460
Grupos	309
Escolas	1.414
Total	2.283

Fonte: Museu Histórico Visconde de São Leopoldo

O comparativo entre números destaca um fator relevante voltado ao interesse do Museu no ano de 2014. Neste ano se completaram 190 anos da Imigração Alemã no País. Desta forma, por iniciativa das escolas, dos grupos e de interesses pessoais o MHVSL foi visado. Destaca-se que o crescente número está voltado para a divulgação realizada pela mídia. Ou seja, não partiu do Museu. Já o ano de 2015 estabeleceu como público em evidência aquele que tem o interesse de visitar de fato a instituição. No ano de 2015, somente 12 escolas de São Leopoldo levaram

seus alunos ao espaço. A maioria delas privada.

A visitação aos espaços do Museu ocorre com uma contribuição de cinco reais individuais e de 40 reais por grupo. As crianças de até dez anos, os mantenedores e as escolas municipais são isentas²⁸. A instituição atende às visitas de segunda a sábado das 14 horas às 17 horas e 30 minutos. Para que aconteça a visitação, nos bastidores do Museu, encontram-se pessoas fundamentais para a manutenção deste lugar de memória: seus voluntários.

4.1.6 O voluntariado no espaço do Museu

O trabalho voluntário no MHVSL é essencial para o desenvolvimento de suas ações. Como já apresentado, sua equipe é pequena e carece de um quadro técnico. Para isso, conta com a colaboração de pessoas que acreditam no espaço.

A diretoria do MHVSL é composta por voluntários. Nela estão situados os coordenadores. Dentre eles, retomemos, o de Arte, o de Genealogia, o de Pesquisa, o de Arquivo, o de Patrimônio, o da Casa do Imigrante, o de Biblioteca, o de *Site*, o de Acervo, o de Restauração, o Jurídico, o de Estágios, bem como o do Conselho Fiscal. Optamos por destacar aqueles que se fazem presentes no dia a dia da gestão 2014/2016 do MHVSL.

A presidente da instituição, Ingrid Marxen, contribui com as mediações, com a divulgação e difusão do Museu, participando de eventos e formando parcerias com diferentes grupos sociais, políticos e culturais da cidade e da região.

A coordenadora de Restauração, Hanny Sporket, realizou cursos técnicos voltados para a conservação e restauração, especialmente em papel. Trabalha com a encadernação das clipagens de jornais relacionadas à história do Museu, assim como auxilia no controle do acervo, verificando a necessidade de possíveis intervenções. Conta com o auxílio da voluntária Regina Galão, que viu no MHVSL a possibilidade de colaborar e aprender.

Gunther Sydow é o coordenador de Biblioteca e responsável pela catalogação de mais de 20 mil livros dispostos para consulta. Verificamos que Gunther é um dos voluntários mais ativos do Museu, pois está praticamente todos os dias na instituição. No segundo semestre de 2015, iniciou, junto à funcionária Kárin Sporket, a identificação do acervo em exposição. Contando com o auxílio de informações da autora, que também coopera com o Museu, neste caso, de forma voluntária.

A coordenadora de Arquivo, Roswithia Weber, também se faz presente na instituição. Além de pesquisar e sistematizar o arquivo, ela realiza ações voltadas para a comunidade,

²⁸ A Prefeitura Municipal de São Leopoldo ajuda o Museu com um valor mensal. A contrapartida do MHVSL é isentar o valor do ingresso das escolas municipais.

através do projeto, já apresentado, *Museu como espaço de ação*.

O MHVSL, há pouco tempo, está adotando as redes sociais como ferramenta para a divulgação de suas atividades e de seu acervo. O trabalho acontece devido ao voluntariado que existe no espaço do Museu e que se dá pelo coordenador de Estágios, Rodrigo Luís dos Santos. Sua função também inclui acompanhar os estagiários, a fim de garantir uma metodologia voltada para a documentação do acervo. Rodrigo iniciou o trabalho com oito estagiários, no segundo semestre de 2014 – quando realizaram a identificação de três mil fotografias que já estavam digitalizadas. No segundo semestre de 2015, foram nove estagiários que contribuíram para a digitalização e identificação de aproximadamente 700 fotografias.

Valdir Malacarne, bancário aposentado, também é voluntário no Museu. Propôs catalogar e organizar as moedas que estavam esquecidas nos cofres. Foi apresentado ao Museu pelo coordenador de Biblioteca, seu amigo.

Percebe-se que devido ao número restrito de funcionários, o voluntariado se torna uma solução – ou não – para o desenvolvimento das atividades na instituição. Para tanto, estes estão exercendo sua cidadania ao se importarem com uma instituição que se tornou responsável pela memória e identidade da cidade de uma São Leopoldo que não mais existe.

4.2 DIFERENTES OLHARES

O primeiro olhar para o Museu foi durante o jardim de infância. A mediação foi realizada pelo professor Telmo Lauro Müller, diretor do MHVSL, no prédio em que o Museu ainda se encontra. Na época, os objetos pareciam grandes, o espaço escuro expunha vestimentas, assim como diferentes objetos. Recordamos, em especial, das lousas. Foi algo marcante. Pensamos como as crianças poderiam recordar de tudo aquilo que já haviam escrito naquele pequeno quadro negro. Após anos, retornamos ao Museu, já em 2009. Na época cursando o quarto semestre de Museologia na Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). A exposição, além da já existente – de longa duração –, abordava a criança na imigração. Ela não nos cativou. Ficamos cansados ao ver tantos objetos expostos e *banners* com reproduções de fotografias sem informação.

Retornamos no ano de 2011, logo após a colação de grau em Museologia. Realizamos a visita com a professora da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) Francisca Michelin, que tinha interesse no acervo fotográfico do MHVSL porque estava desenvolvendo o projeto *Memória do Trabalho no RS*. A ideia era criar uma rede de diálogo entre as instituições de memória que estivessem vinculadas com o projeto. Saímos questionando, novamente, o motivo

de tantos objetos expostos. Aquele cenário nos remetia às discussões realizadas no primeiro semestre da faculdade, quando fomos apresentados, através dos livros, aos gabinetes de curiosidade – processo de colecionismo, século XV e XVI, devido às expedições de Arqueologia – formados pelos mais diferentes objetos originários principalmente da América e da Ásia, selecionados por aspectos curiosos e exóticos aos olhos de seus proprietários, famílias reais e nobres (RIBEIRO, 2007).

No mesmo ano, propomos ao MHVSL a captação de recursos através do Edital de Modernização de Museus do Instituto Brasileiro de Museus (Ibram), autarquia do Ministério da Cultura. A proposta era voltada para a climatização, expografia e reserva técnica da instituição. Porém, não foi possível dar continuidade ao projeto. Com isso, os dados referentes à instituição ficaram guardados.

Dois anos depois, em 2013, resolvemos dar vida à proposta. Tentou-se novamente. Visualizamos, também, a possibilidade de, enfim, estudar o Museu. O mestrado seria o caminho. Retomamos a atividade voltada para a captação de recursos no MHVSL e, no início de 2014, fomos contemplados com o Fundo Municipal de Cultura de São Leopoldo através do projeto intitulado *Coleção Carlos de Souza Moraes*²⁹: *aplicabilidade da Documentação Museológica*.

A partir desse contexto, começamos a realizar a observação participante e colher informações para a pesquisa, analisando de que forma o Museu cumpre com a sua função social. Percebe-se que as políticas culturais não estão presentes nas discussões de diretoria e da equipe. Isso causa estranhamento ao nosso olhar, pois ela deveria ser a base para o desenvolvimento das ações. Com isso, diversos questionamentos surgiram. Assim, teve início a busca por respostas. O diretor do Museu foi o primeiro a contribuir com informações, compartilhando suas memórias e percepções.

O diretor tem formação na área da História e percebe o Museu cumprindo com suas responsabilidades, porém, ainda não de forma satisfatória ou perto do ideal. É preciso melhorar. Todavia, existem limitações. O Museu se mantém com recursos próprios³⁰. As memórias de sua família estão imbricadas no Museu, bem como na cidade de São Leopoldo. Por isso, sua ligação e defesa em prol do patrimônio cultural. É na figura do diretor que, na maioria das vezes, o Museu é representado nos eventos e festividades da cidade.

²⁹ A coleção foi doada ao Museu Histórico Visconde de São Leopoldo no dia 22 de outubro de 2013 e foi nomeada Carlos de Souza Moraes por ter pertencido ao ex-prefeito da cidade de São Leopoldo.

³⁰ O MHVSL se mantém através das contribuições de sócios mantenedores que escolhem um valor específico para doação. Conta, ainda, com o auxílio mensal da Prefeitura Municipal de São Leopoldo que deposita para a Instituição R\$ 12 mil. Além disso, o Museu loca seu espaço para eventos, mostras de artistas e cursos de línguas.

O diretor salienta que o espaço precisa ser ampliado, assim como seus recursos humanos. Ele enfatiza que o MHVSL é uma fonte de aprendizado através dos cursos, das atividades. Comenta que não sabe ao certo o número total de objetos que a instituição possui. Sempre descobre algo novo, pois a documentação museológica iniciou recentemente, com o projeto da *Coleção Carlos de Souza Moraes*. Antes, sempre houve a tentativa de organização das coleções, mas as iniciativas eram através de trabalhos voluntários e não havia continuidade. Para mudar esse quadro, após o término da sistematização, a mesma será replicada para as outras coleções. Contudo, é um processo lento, principalmente para aplicar em um acervo que perpassa mais de 50 anos na instituição. Esse é um desafio à gestão da presidente do Museu que traz à instituição um novo olhar: o de empreendedora empresarial.

Para a presidente, o MHVSL é um lugar muito especial para conhecer o passado, contextualizando-o com o presente, e visualizar o futuro. Seu discurso é colocado em prática durante suas mediações, porém, verifica-se que a mesma não possui formação na área. Quando o diretor não está, ela é responsável por mediar a visita dos alunos e do público em geral. Aos 67 anos, é guia em uma empresa de Turismo. Porém, não deixa de participar ativamente das ações na instituição, onde abraçou o trabalho voluntário como presidente. Ela identifica que a missão do Museu, entre outras, é semear entre as próximas gerações o interesse e a manutenção deste local tão importante para a história de São Leopoldo, do Rio Grande do Sul, do Brasil e também para os estrangeiros, que sempre que podem visitam o Museu. Uma das responsáveis por essa ação – cativar o público – é a recepcionista do MHVSL.

Além de recepcionista, poderíamos dizer que ela é, ainda, a guardiã da exposição. Sua função é receber o público e informá-lo sobre o pagamento de ingresso no valor de cinco reais para a visita, sobre a venda do livro do Museu a 15 reais, bem como outras notícias de eventos realizados no espaço. A funcionária fala alemão fluentemente e auxilia, quando necessário, nas traduções. Ela percebe que a missão do Museu é mostrar ao público a relação da imigração com a cidade que leva o título de berço da imigração alemã. Diz que tem afeição pelo Museu por ser, também, de origem alemã. Além disso, identifica-se com a língua e com os objetos. Relata que o quadro retrato do professor Telmo Lauro Müller³¹, ex-diretor do Museu, que está em exposição, parece acompanhar os passos de todos na instituição. O ex-diretor ainda está de olho no Museu, assim como vários personagens que fizeram história em São Leopoldo e no Estado, como conta o historiador e coordenador de estágios do MHVSL.

³¹ Telmo Lauro Müller faleceu em janeiro de 2012. Seu corpo foi velado no espaço expositivo do Museu Histórico Visconde de São Leopoldo.

O historiador iniciou no Museu em 2013 através das horas práticas exigidas pela disciplina de Patrimônio do Curso de História da Unisinos. Aos poucos, foi se envolvendo e hoje, como voluntário, é responsável pelos estágios realizados na instituição. Ele visualiza a riqueza do acervo, assim como o papel social que a história da imigração tem para a cidade. Acredita que, aos poucos, por meio de diferentes iniciativas, é preciso profissionalizar o espaço. Percebe que o Museu precisa mudar em relação à administração e ao processo museológico e histórico. É preciso deixar a característica bairrista para se adaptar. Porém, entende que, aos poucos, isso já vem acontecendo. Essa afirmação também é percebida por uma voluntária do MHVSL.

A voluntária iniciou no Museu com vontade de cooperar. Não sabia em que poderia ajudar e, aos poucos, foi descobrindo a vocação para a conservação e restauração do acervo em papel. Ela não possui formação na área, aprendeu as técnicas com a coordenadora de Restauração da instituição. Ela relata que, quando o professor Telmo deixou seu cargo de diretor, o Museu começou a mudar, as coisas começaram a acontecer. Todos respeitavam o ex-diretor. Porém, hoje, na sua concepção, o MHVSL é mais colorido e alegre. Ele está se abrindo para o novo. Comenta que, apesar de não ter acesso aos documentos e textos da área museal, responde à pergunta de Chagas – que colocamos no início deste capítulo. *Há espaço para o novo no museu?* Ela afirma que, sim, o Museu tem espaço para se abrir para o novo e isso está relacionado com os atores sociais da instituição.

A coordenadora de Arquivo do MHVSL é uma profissional de museu, não como funcionária, mas como personagem social. Ela desenvolve o projeto de extensão intitulado *Museu como espaço de ação* na instituição. É na figura da coordenadora que se dá a abertura do Museu para a sociedade. De acordo com Roswithia Weber (2012, p. 17), “[...] para São Leopoldo o Museu Histórico Visconde de São Leopoldo é um lugar fundamental de memórias”. A historiadora afirma que o museu é um lugar que completa o conjunto histórico da cidade e que é fundamental para a construção da identidade local.

Percebemos, através das ações desenvolvidas pela professora e de seu olhar, o potencial do Museu para ser um espaço crítico através da resignificação e reflexão de suas memórias junto à sociedade e à cidade de São Leopoldo. Para isso, é preciso se abrir para o novo, não só pelo discurso, mas também na prática. Assim, partiremos para a próxima explanação, que revela o MHVSL como museu local de acordo com a percepção conceitual de um museólogo.

4.2.1 O Museu pelo olhar do profissional

Hugues de Varine é consultor internacional na área da museologia e do desenvolvimento. Formado pela Universidade de Paris, com pós-graduação em História e Arqueologia. Foi diretor do Conselho Internacional dos Museus (ICOM) de 1965 a 1974. Este diretamente envolvido com a Nova Museologia, especialmente com os ecomuseus. A partir dos conceitos do teórico, verifica-se o lugar do MHVSL como museu local.

Conforme Varine (2008), os museus locais estão vinculados a um território ou a uma cidade. Eles não estão exclusivamente vinculados ao que desenvolvemos sobre a Nova Museologia. Eles são pequenos, possuem poucos profissionais técnicos, ocasionando um embate para estarem no mesmo patamar que os grandes museus. Neste caso, sob a mesma política museológica. Os museus locais, segundo Varine (2008), têm acesso facilitado aos políticos, bem como aos responsáveis pelas instituições culturais e sociais. Possuem seu estatuto associativo, com conselhos de administração, voluntários ativos, e, geralmente, são estreitamente ligados ao seu território.

Analisamos nesta perspectiva de Hugues de Varine (2008) o museu local, neste caso o Museu Histórico Visconde de São Leopoldo, que demonstra, ou deveria mostrar, no seu cotidiano, a sua utilidade para o desenvolvimento local. Para isso, é preciso explorar alguns recursos do seu território: o patrimônio cultural e natural, na sua concepção global e na troca das culturas vivas dos grupos. Ou seja, o capital cultural através do capital social – este enraizado no cenário do patrimônio, onde se verificam os elementos de identidade, de cooperação, de trocas. E o patrimônio econômico – voltado para as produções e transformações internas – que difunde e atrai a indústria de turismo exógeno.

Esses museus ainda traçam seu próprio caminho e são identificados a partir do grupo que os fundou. Verificamos o mesmo no MHVSL. Ele está fortemente ligado aos seus fundadores, em especial à figura de Telmo Lauro Müller, ex-diretor da instituição. Verifica-se que os museus locais não se conformam em se adaptar às normas oficiais. Isso se dá através do posicionamento de parte da equipe da instituição museológica. Constatamos essa posição no espaço do Museu Histórico Visconde São Leopoldo.

O Museu foi e é apoiado pelos poderes políticos. Na sua criação, podemos verificar uma reivindicação identitária por parte dos idealizadores do MHVSL – diante das discussões voltadas para a diversidade cultural no Estado do Rio Grande do Sul. Percebemos que, devido ao contexto de pós-nacionalização, era necessário que se retornasse às origens através dos bens culturais, com o intuito de não perder a tradição.

Como museu local, sua rede de relações deveria estar aberta à colaboração da sociedade, de forma a ampliar suas informações, bem como de atender às demandas de seu público e de seu entorno. O MHVSL deve ser um lugar de trocas. Conforme acrescenta Varine (2008), a partir da vontade de atuação do museu perante o desenvolvimento social, os atores sociais podem surgir com ideias e projetos novos. Assim, a partir de sua abertura, o museu permite a existência de um novo diálogo, agora voltado para os problemas da sociedade. Os atores sociais serão o caminho para que a instituição se torne acessível através de sua linguagem adaptada, de forma a suprir as necessidades da população que não está acostumada a visitar seu espaço.

Esta colaboração auxilia na aproximação do museu junto ao indivíduo e ao coletivo. Os atores sociais são responsáveis pela mediação, ou seja, facilitam o diálogo entre o visitante e o bem cultural. Desta forma, o MHVSL deve ter claramente em sua missão a questão social, assegurando a diversidade cultural como um todo. Para isso, é preciso refletir sobre a forma como seus atores estão agindo e, em especial, como o Museu está posicionado na cidade de São Leopoldo.

4.2.2 Sob o contexto da cidade

A primeira exposição do Museu foi inaugurada em 25 de julho de 1960, quase um ano após sua criação, no Salão Nobre da Prefeitura Municipal de São Leopoldo. Atualmente, a relação do MHVSL junto à prefeitura continua profícua, todavia um pouco distante comparando-se ao contexto inicial da instituição. A relação mudou porque os sujeitos não são os mesmos. A diretoria é outra e os gestores políticos também. Mas o espaço ainda é respeitado e, sempre que necessário, consultado pela prefeitura. Isso ocorre, especialmente, nas festividades do 25 de julho³², quando é realizada a *São Leopoldo Fest*.

Em 2014, o MHVSL fez parte da comissão organizadora da festa. A edição comemorava os 190 anos da imigração alemã no País. A prefeitura chegou a pedir que a instituição fosse sua proponente para a arrecadação de verbas para a festa. Porém, não foi viável a sua participação, visto que o Museu tinha outras prioridades, como os projetos de ampliação do prédio e de restauração da Casa do Imigrante. Houve impasse antes da decisão porque alguns membros da diretoria temiam que o Museu perdesse a verba que é repassada mensalmente pela prefeitura. Como museóloga, a autora se fez presente na reunião para discutir o posicionamento do MHVSL, defendendo a ideia de que o mesmo não poderia emprestar seu nome por ser uma

³² Data da chegada dos imigrantes alemães em São Leopoldo.

instituição museal que tem propósitos diferentes de uma festa. Consideramos, ainda, que com a situação financeira inadimplente, o município não estava apto para concorrer e, por isso, dependia do nome do MHVSL. Além disso, desde a posse do novo governo municipal, já estavam no sexto secretário de Cultura, indicando, assim, o descomprometimento com a pasta.

A festa foi realizada, mas de forma menor – o que repercutiu de forma positiva já que a mesma teve o caráter voltado para a ressignificação da memória e da identidade cultural da região, através de apresentações de danças folclóricas, teatro e bandas locais, e deixou de lado atividades que pretendiam a diversidade com *shows* nacionais de grande porte. Acreditamos que estas devem estar ligadas ao aniversário da cidade de São Leopoldo, em 16 de abril, quando não há uma comemoração específica. O aniversário, inclusive, se confunde com a data da chegada dos imigrantes alemães.

De modo geral, pode-se afirmar que a municipalidade, em diferentes governos, frente às demandas do museu a partir de sua criação, atuou mais com a contribuição de verbas – o que não implicou um comprometimento com a memória local como um todo. Em muitos casos, o próprio museu acabou abarcando produtos da memória pública da cidade, uma vez que agrega, além de um acervo composto por doações privadas, a documentação produzida pela administração local, ou seja, a documentação pública.

O Museu Histórico Visconde de São Leopoldo, como já enunciado, possui uma cadeira no Conselho do Patrimônio Cultural (COMPAC) de São Leopoldo. Em outubro de 2015, colaborou com a organização do I Seminário Patrimônio Histórico de São Leopoldo, *Cidade: Patrimônio da Nação Brasileira*, realizado por iniciativa do COMPAC e da Prefeitura Municipal de São Leopoldo, com apoio da Unisinos e da Câmara Municipal de Vereadores. O Museu também foi partícipe na criação do Museu do Trem, inaugurado em 1976, primeiramente sob tutela do Museu Histórico Visconde de São Leopoldo. Atualmente, também é conhecido como Centro de Preservação da História Ferroviária do Rio Grande do Sul³³. Este é o principal equipamento público na temática ferroviária em toda a região Sul do Brasil. Responsável pela salvaguarda e cuidado da primeira estação ferroviária construída no Estado, possui em suas dependências a guarda de parte do acervo da extinta Rede Ferroviária Federal Sociedade Anônima (R.F.F.S.A.) e de sua seção no Rio Grande do Sul. Verificamos, aqui, o

³³ Em 1983, a R.F.F.S.A. retomou a responsabilidade pelo Museu, iniciando uma completa restauração em suas dependências e dando origem ao Centro de Preservação da História Ferroviária do Rio Grande do Sul, inaugurado em 1985. Já em 1990, a R.F.F.S.A. decidiu fechar o Museu, mas a sociedade leopoldense não aceitou e criou uma campanha pela permanência da instituição museológica na Cidade. Quatro meses depois, o Museu foi tombado como patrimônio histórico por intermédio do Secretário da Cultura do Estado do Rio Grande do Sul. No ano seguinte, em 1991, foi firmado um termo de comodato entre a R.F.F.S.A. e a Prefeitura Municipal de São Leopoldo, que tem a função de zelar e manter a instituição museológica atualmente.

Museu sob responsabilidade de novos espaços de memória, sem deixar de cumprir com sua responsabilidade de estar a serviço da sociedade. Para visualizarmos o Museu, contextualizamos sua localização na cidade.

A Figura 20, a seguir, ilustra a imagem capturada via satélite³⁴ do MHVSL e de seu entorno. Percebemos que, atrás do Museu, localizado na Avenida Dom João Becker, existe a sede de piscinas da Sociedade Orpheu³⁵ – logo atrás está o Rio dos Sinos. Do lado direito da imagem, na parte superior, está o Ginásio Municipal. Entre ele e o Museu, encontra-se o prédio da Receita Federal. À sua frente, situam-se um prédio residencial, a garagem e o prédio de um Centro de Formação de Condutores (CFC). Na mesma quadra está, ainda, ao lado da instituição, a Câmara de Vereadores – situada em um prédio histórico da cidade. Na quadra ao lado, na parte superior esquerda da imagem, encontra-se a Praça do Imigrante, onde se localiza o Monumento ao Centenário da Imigração Alemã. Em seguida, aparece a Ponte 25 de Julho, primeiro bem tombado no livro de registros do Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Estadual (IPHAE). Em frente à ponte, está situada a Igreja Nossa Senhora da Conceição, padroeira da cidade. Ao lado, está a antiga sede da Universidade do Vale dos Sinos (Unisinos) e, em seguida, está a Prefeitura Municipal de São Leopoldo.

Figura 19 – Imagem via satélite do entorno do MHVSL



Fonte: Google Eart³⁶

³⁴ Extraída com o uso do Google Maps Earth (2015).

³⁵ Sociedade Orpheu, fundada em 20 de janeiro de 1858, o clube mais antigo em funcionamento no Brasil.

³⁶ Disponível em: <<https://www.google.com.br/maps/@-29.7605934,-51.1481152,331m/data=!3m1!1e3>>. Acesso em: 8 dez. 2015.

Percebemos que a relação com o entorno apresentado é ainda tímida. O que predomina são as relações voltadas para as doações, seja de acervo, de verbas, de trocas, ou de mão de obra. Não existe um projeto que contemple o entorno do Museu. Verificamos, ainda, que o único interesse que a Câmara de Vereadores tinha pelo Museu era o de utilizar seu estacionamento, sem ao menos pedir o usufruto do espaço. A direção optou por colocar uma placa com os dizeres: estacionamento privado.

Muitas pessoas confundem o prédio do MHVSL com o prédio da Receita Federal porque ambos são vizinhos de esquina. Isso nos leva a acreditar que os sujeitos não sabem da existência do Museu. A seguir, nas Figuras 20 e 21, o comparativo entre os prédios.

Figura 20 – Fachada do prédio do MHVSL em 2015



Fonte: Registro da autora

Figura 21 – Fachada do prédio da Receita Federal em 2015



Fonte: Registro da autora

A nosso ver, a comparação dos prédios se dá por ambos terem o aspecto administrativo. Construções quadradas e frias. Além disso, nos dois espaços, as placas informativas não estão em evidência. Destaca-se, ainda, que se acredita que a maioria da população visualiza os prédios dos museus como suntuosos e antigos, o que não é o caso da estrutura externa do MHVSL. Ou seja, ele não está “de acordo” com os padrões imaginados pela sociedade. Destacando o prédio por diferentes perspectivas, parte-se para o estudo do MHVSL a partir de seu público.

4.2.3 O olhar do público

Realizamos três abordagens distintas para armazenagem de dados através de entrevistas, questionários via *e-mail* e, por último, com o intuito de testar um possível meio de avaliação, utilizamos o aplicativo de celular *WhatsApp*. A partir deste, ao considerarmos que o Museu precisa se adaptar a fim de atrair um novo público, aplicamos na prática uma abordagem distinta para o estudo. O primeiro e o último foram os únicos procedimentos em que 100% dos indivíduos corresponderam. Por isso, optamos por avaliar o aplicativo como uma nova forma de interação e de participação dos sujeitos.

Verificamos que as perguntas enviadas pelo *WhatsApp* foram respondidas instantaneamente, em especial aquelas expostas em conversas de grupo, que geraram um diálogo entre os participantes e motivaram, assim, a curiosidade para a visita do espaço estudado. Alguns, inclusive, sugeriram que o Museu criasse uma página nas redes sociais digitais. Destaca-se, então, que o MHVSL já a possui e ela é administrada pelo historiador voluntário. Acreditamos que as redes sociais não são mais um meio eficaz de divulgação e, por isso, deve-se pensar em novos caminhos para a comunicação do MHVSL.

Para o aplicativo, foram considerados amigos, familiares e conhecidos da autora – todos naturais ou moradores de São Leopoldo –, pois percebemos que os mesmos não participam das atividades da instituição e, por isso, os avaliamos como público em potencial. Foram dispostas as seguintes perguntas:

- 1) Você já ouviu falar sobre o Museu Histórico Visconde de São Leopoldo?
- 2) Já visitou o Museu?
- 3) Se sim, quando e por quê?
- 4) O que achou da exposição?
- 5) Caso não tenha visitado, por que o Museu não atraiu o seu olhar?

Para a exposição das respostas, optamos por identificar os indivíduos através de

números – de forma a preservar a identidade de cada um. Entretanto, consideramos a faixa etária e, neste caso, o sexo para a apresentação.

- O indivíduo 1, de sexo feminino, possui 31 anos. Visitou o Museu há mais de 20 anos, na época da escola (instituição pública). Porém, relata que não sabia que o MHVSL ainda se encontra no mesmo lugar. Ela comenta que tem uma filha de 15 anos, que estuda em escola pública, e que nunca visitou o espaço. Acredita que as escolas deveriam abordar estas questões novamente com as crianças, como forma de despertar a criação. Após sua resposta, perguntamos, ainda, se sabia que o MHVSL é privado e ela respondeu que não. Consideramos o questionamento para todos a seguir.
- O indivíduo 2, também do sexo feminino, tem 24 anos e não sabia que naquele espaço existe um museu. Descobriu há pouco tempo, quando foi pesquisar sobre os pontos turísticos de São Leopoldo. A partir da pesquisa, pensou que o MHVSL pertencia à prefeitura. Acredita que o Museu deveria usufruir das redes sociais. Porém, como já mencionamos, a instituição já possui uma página no *Facebook*, além de um *site* institucional. A entrevistada finalizou suas considerações questionando se no espaço do MHVSL existem “coisas” sobre a história de São Leopoldo. Percebemos, em diferentes momentos, que os objetos, bens culturais, são identificados como “coisas”.
- O indivíduo 3 possui 43 anos e também é do sexo feminino. Respondeu brevemente às perguntas, dizendo que ficou encantada com tudo.
- O indivíduo 4, de sexo masculino, tem 50 anos. Ele relatou que conhece o Museu e que gostou dos detalhes e da forma da exposição – especialmente medalhas, roupas, utensílios domésticos, armas. Recorda que havia informações ao lado dos objetos expostos. Assim como o indivíduo 3, acreditava que o espaço pertencia à Prefeitura Municipal de São Leopoldo, mas descobriu recentemente que não.
- O indivíduo 5, de sexo feminino, possui 27 anos. Disse que já ouviu falar do Museu, mas nunca o visitou. Justifica que foi por falta de conhecimento, informação ou algum projeto que a fizesse ir até lá. Acredita que as escolas deveriam levar os alunos a todos os museus de São Leopoldo.
- O indivíduo 6, do sexo feminino, tem de 26 anos e relatou que foi ao MHVSL com a escola (privada), mas não lembra da exposição visitada. Segundo ela, a divulgação é a “alma do negócio”.
- O indivíduo 7, também do sexo feminino, possui 25 anos. Comentou que foi ao Museu com o colégio e, recentemente, no ano de 2014. Em sua última visita, percebeu que o espaço é

praticamente o mesmo, mas não identifica se isso também se aplica ao acervo. Ao mesmo tempo, questiona: *acervo é tudo que é exposto?* Diz que não parece ter muita “coisa” nova entre o espaço-tempo das visitas, mas achou legal ter conhecido a história de São Leopoldo. Destacou alguns objetos como “*aquelas ‘coisas’ de dentista*”. Justifica que o motivo pelo qual voltou ao Museu foi entender um pouco do trabalho da autora e para se “atualizar” em relação ao museu.

- O indivíduo 8 possui 27 anos e é do sexo feminino. Comentou que já visitou o espaço com o colégio. Não recorda da exposição, pois já faz muitos anos que a viu. Porém, lembra que existem aulas de alemão. Acredita que deveria ir novamente ao Museu, pois ele deve estar diferente.
- O sujeito 9, igualmente do sexo feminino, com 32 anos, visitou o MHVSL apenas uma vez, com a escola. Recorda que o que viu eram “coisas” ligadas à imigração alemã.
- O indivíduo 10, do sexo masculino, possui 29 anos. Visitou o MHVSL no ano de 2014, pela primeira vez. Comenta que gostou da exposição, em especial da parte que está relacionada aos utensílios do dia a dia e das armas. Os itens relacionados à igreja, assim como a cadeira de arruar não atraíram seu olhar. Talvez porque não estão contextualizados no espaço.
- O indivíduo 11, último desta etapa da pesquisa, é do sexo feminino e possui 16 anos. A entrevistada relata que já foi duas vezes ao Museu. A primeira foi com a escola e a última foi no ano de 2014. Optamos por expor sua resposta – a mesma escolhida como epígrafe deste trabalho –, pois acreditamos que a adolescente refletiu, sem saber, sobre a essência do estudo, desenvolvendo uma crítica construtiva. Este é um exercício de cidadania.

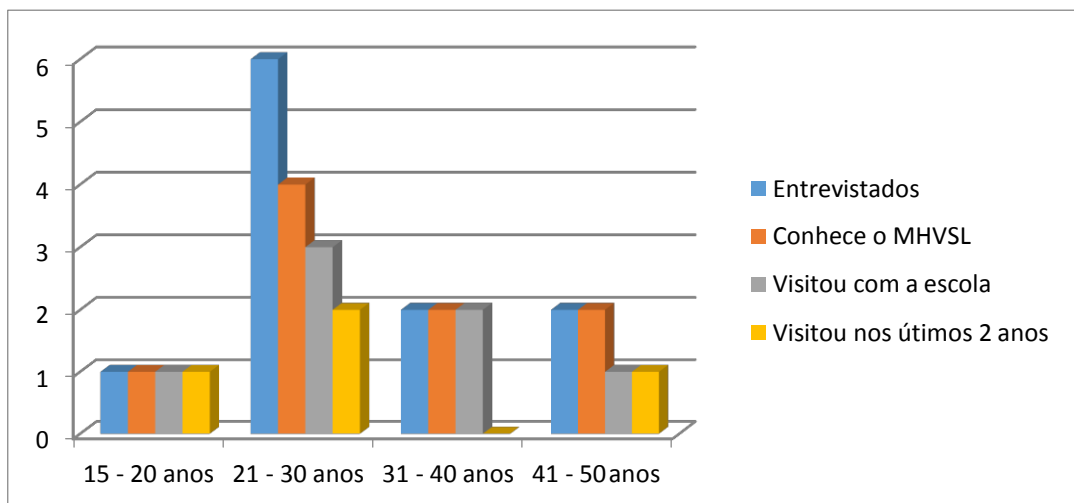
Porém, o público da minha idade não é muito com a cara dos museus. Não que seja algo irrelevante, mas preferimos coisas que interagem, pois somos inquietos e ficar parado olhando objetos velhos não é algo divertido. Além de faltar alguém do lado guiando e dando informação para o visitante (mais um motivo que leva a ser desinteressante). Todavia, se arranjassem uma forma diferente e criativa de apresentar o acervo, com certeza, atrairia mais pessoas. Vocês precisam se **adaptar** mais com a tecnologia, pois hoje é muito fácil pegar informações na internet. Por isso, tem que pensar diferente e ser estratégico. E outra, falar resumidamente sobre cada objeto da exposição, porque é chato ficar escutando, escutando, escutando... (INDIVÍDUO 11, 2015, entrevista à autora, grifo da autora).

O posicionamento perante o Museu e seu patrimônio é fundamental para a avaliação dos diferentes espaços de memória. Neste caso, percebe-se, na prática, através da observação participante e dos depoimentos de diferentes sujeitos, se o seu discurso é fundamentado. A passagem mostra que a instituição está distante de ser um espaço de diálogo junto à sociedade. A palavra *adaptação*, em destaque no trecho acima, evidencia um posicionamento que deve ser

considerado pelos responsáveis do MHVSL. Para isso, seus profissionais precisam refletir de forma coletiva sobre suas ações e metodologias.

A seguir, o comparativo dos dados – no formato de gráfico – divididos pela faixa etária dos indivíduos apresentados acima. Consideramos o número de entrevistados pelo aplicativo, se conheciam o Museu, se visitaram com a escola e se visitaram nos últimos dois anos.

Gráfico 1 – Entrevistados pelo aplicativo *WhatsApp*



Fonte: elaborado pela autora

Percebemos que as escolas são essenciais para que ocorram as visitas ao espaço. Porém, por não ter um projeto voltado para o público, os sujeitos, na maioria das vezes, não retornam ao Museu. Também comentamos anteriormente que as peças são definidas como “coisas” e também são nomeadas como objetos velhos. Os sujeitos ainda apontam a falta de informação na exposição. Talvez, se tivesse mais dados, poderia atrair o olhar de mais pessoas. Três indivíduos citaram a falta de informação e de divulgação da instituição na cidade. Neste caso, salientamos que o jornal da cidade, *Jornal VS*, divulga o Museu constantemente, pois é seu parceiro. Além disso, como citamos, o MHVSL possui página em uma rede social digital.

No entanto, se existem ações pontuais de divulgação do espaço, o que está faltando para atrair, de fato, o olhar da sociedade? A subdivisão *Crise ou adaptação*, do capítulo 5, intui responder a esse questionamento.

As entrevistas³⁷ foram realizadas, como já apresentadas, com alguns funcionários do Museu. Os questionários encaminhados via *e-mail* não geraram o retorno esperado. Foram enviados para 28 pessoas. Destas, somente cinco retornaram. Dentre eles estavam voluntários,

³⁷ Optamos por deixá-las dispersas ao longo do trabalho a fim de contribuir para as exposições.

estagiários voluntários, funcionários, professores de escola pública e privada e público em geral. Enfatizamos que os professores não deram retorno para a pesquisa. Isso salienta o interesse em exercer sua cidadania diante de um espaço que compreende também seu patrimônio cultural. Para a apresentação, preferimos continuar não identificando os sujeitos.

- O sujeito 1, de 60 anos, diz que não consegue identificar uma missão, um foco no Museu e visualiza pouco a cidade de São Leopoldo na exposição. Em relação à exposição, disse que a mudaria, pois tem muitas coisas guardadas em gavetas ou empilhadas que poderiam ser expostas, sem a necessidade de muito espaço. Sugere que as exposições focadas ficariam legais. Percebe pouco da ação educativa e cultural – somente pelas visitas de colégios e de alguns concertos. Acredita que o MHVSL tem pouca atratividade. Além disso, não percebe o Museu engajado junto à sociedade de São Leopoldo.

- Na concepção do sujeito 2, de 19 anos, a missão do Museu é contribuir para a salvaguarda da memória da sociedade local, regional e nacional do País, desenvolvendo atividades que fomentem ações de ensino, pesquisa e cultura. Diz, também, que visualiza a cidade no Museu, especialmente pelo acervo bibliográfico, documental e fotográfico. Relata que a exposição deveria ter maior interação com os públicos, bem como utilização de eletrônicos. Por não estar sempre presente no Museu, não acompanha suas ações culturais e educativas, mas visualiza a divulgação no perfil da instituição na página do *Facebook*. Ao responder se percebe o MHVSL engajado junto à sociedade de São Leopoldo, disse que, compreendendo a conjuntura institucional e social, acredita que o Museu poderia investir especialmente em ações que convidem à participação a comunidade leopoldense. Considera fundamentais as atividades que a instituição realiza junto às escolas.

- Conforme o sujeito 3, de 50 anos, “a missão dos museus é resgatar um importante elemento de construção do nosso passado, onde somente as memórias podem nos servir como transporte para um pouco da compreensão do mesmo”. Ele compreende uma missão específica de forma igualitária para todos os museus. Consideramos que, neste caso, existe um conceito de missão equivocado, pois é colocado de forma generalizada. O entrevistado diz que visualiza a cidade no Museu, pois “ele reflete a mais ampla de todas as estruturas que podemos ter de nossa cidade, pois nos dá traços memoráveis de um esqueleto invisível, ao qual o tempo conseqüente tenta apagar”. Relata que a exposição está bem planejada, porém, “o ideal seria que estas maravilhosas imagens pudessem chegar a todo instante aos olhos do público de trânsito que circula nas imediações do museu”. Diz que não teve a oportunidade de observar pessoalmente os eventos realizados pela instituição, mas conhece algumas movimentações que acontecem no espaço. Acredita que os administradores da cidade de São

Leopoldo, principalmente aqueles responsáveis pela educação e pela cultura, deveriam realizar a inserção de atividades obrigatórias a todas as escolas, relacionando-as aos museus, às bibliotecas e aos centros históricos e de cultura. Ele afirma que o museu está engajado junto à sociedade pelas diretrizes daquilo que é o objetivo de todos os museus. Porém, é preciso uma trama direta com as instituições de ensino porque podem cair ao descaso, se distanciando cada vez mais da “rotina do povo e da cidade”. Desta forma, ele reafirma “a necessidade de uma mobilização em nível de administração municipal para o reavivamento desse nosso magnífico patrimônio histórico”. Percebemos, neste caso, a presença da exaltação ao patrimônio e ao Museu.

- O sujeito 4, de 39 anos, relata que conheceu o Museu Histórico Visconde de São Leopoldo quando criança, em uma excursão promovida por uma escola do município de Estância Velha. O mediador da visita foi o professor Telmo Müller. Em sua opinião, a missão do MHVSL é salvar o acervo de várias famílias, divulgar as tradições alemãs da região e oportunizar momentos de lazer através da cultura. O entrevistado visualiza uma parte da história de São Leopoldo na instituição, pois a cidade se desenvolveu economicamente e recebeu muitos migrantes que talvez não se sintam representados. No entanto, afirma que o Museu abriga muitos objetos que remetem à história dos imigrantes, indígenas e escravos que viveram no município no século XIX. De acordo com ele, a exposição do MHVSL tem muitos objetos que fazem parte de temas ou contextos diversos, o que, em sua opinião, dificulta uma mediação linear e/ou por temas, além de faltar uma padronização das informações nas etiquetas, bem como mais informações de determinados objetos. Através das apresentações culturais, dos cursos e palestras oferecidos na instituição, visualiza as ações culturais. Por fim, diz que percebe o Museu engajado junto à sociedade de São Leopoldo porque é uma instituição que fornece cursos nas diversas áreas, recebe doações da comunidade e proporciona eventos com o objetivo de levar o público para dentro do Museu.

- Por último, o sujeito 5, que tem 44 anos, visualiza a missão do MHVSL como uma importante ferramenta nos estudos dos imigrantes na região. Visualiza pouco a cidade no espaço. Acredita que a exposição é estática, que deveria ter algum atrativo interativo. Vai ao Museu com frequência, pois costuma levar diversos grupos. Afirma que vê o Museu junto à sociedade por meio da participação e doações realizadas pela mesma.

Percebemos que os discursos não são lineares, mas, ao que se refere à exposição, todos concordam com ruídos. O retorno dos indivíduos para o trabalho se dá de acordo com o comprometimento da sociedade perante o seu patrimônio. Acreditamos que a função social não está somente atrelada aos museus, mas também aos atores sociais – e não somente os

profissionais. Entendemos que os atores também são os indivíduos e o coletivo inserido na sociedade. Contudo, é preciso um trabalho voltado para a identidade cultural dos grupos, de forma a ressignificá-los e compreendê-los diante do contexto contemporâneo, onde a permanência é fluida. Para a interpretação dos resultados e do acompanhamento deste Museu, o capítulo 5 propõe a análise e divulgação dos dados a fim de contribuir para o desenvolvimento social do MHVSL.

5. DISCURSO E PRÁTICA: A FUNÇÃO SOCIAL DE UM MUSEU HISTÓRICO

Ao apresentarmos um museu específico nos colocamos, também, como participantes desse espaço. Participantes porque estamos, através do trabalho acadêmico, contribuindo para o posicionamento crítico desta instituição.

Verificamos em seu espaço diferentes interesses evidenciados nos discursos individuais, porém, o que predomina no discurso institucional do MHVSL, na gestão 2014/2016, é a ideia defendida pelos seus gestores, presidente e diretor.

De acordo com a mensagem de final de ano de 2015, passada aos seus funcionários e a voluntários, o Museu possui três frentes norteadoras para 2016: 1) manter a sede atual, 2) obter aprovação em projetos a fim de poder reabrir a Casa do Imigrante e 3) dar início à obra de construção da segunda etapa do MHVSL. Todavia, fica evidente que a prioridade da gestão está voltada para a ampliação do prédio.

Observamos que o Museu Histórico Visconde de São Leopoldo cumpre parcialmente com sua função social a partir de algumas ações, mas não explora a relação com o seu público e a cidade. Hoje a ideia é angariar verbas para sua ampliação. Junto a isso, é preciso pensar que a sociedade deveria ser consultada, assim como seus mantenedores e público.

É na figura de um funcionário e de um voluntário que percebemos a preocupação para a função social. Os mesmos sugeriram que o Museu deve ofertar, ao longo do ano, datas com entrada franca a fim de garantir o acesso de todos. Ao expor em reunião, foi verificado que o período da Semana de Museus e da Primavera de Museus poderia estar ligado ao acesso gratuito. Entretanto, acompanhamos que uma das preocupações está relacionada a ter ações sociais que garantam a captação de recursos junto às leis de incentivo à cultura, de nível estadual e nacional. É priorizada a aprovação de projetos de instituições ligadas à responsabilidade social. Desta forma, verificamos que o Museu atualmente precisa da aprovação de dois projetos em andamento, em especial o de sua ampliação. Para isso, seu discurso e espaço se abrem. O exercício da função social se dá pela troca de interesses.

Ainda neste contexto, o MHVSL entende a importância das políticas culturais voltadas para área museal. As mesmas são pensadas, também, para a modernização das instituições museológicas. Assim, os discursos estão atrelados a verbas. Talvez, se não existisse este norte, os museus se distanciaram cada vez mais do cumprimento de sua função social. Se, como diz Foucault (1974), o que existe são *relações de poder*, então, ao reavaliarmos a instituição, as tensões e os discursos se chocam no Museu, a partir do jogo desse poder.

Considerando esta afirmação, partimos para a análise a partir da categorização das

representações discursivas encontradas no espaço do MHVSL, tais como gestores – presidente e diretor –, funcionários, voluntários, público, público em potencial. Para tanto, analisam-se as diferentes percepções e processos culturais para a sua construção identitária. Baseia-se, ainda, para a análise nas recomendações expostas pela Nova Museologia, pela Política Nacional de Museus e pelo Estatuto de Museus, documentos norteadores para o desenvolvimento da função social.

5.1 ESPAÇO DE MEMÓRIA E DE PODER

No espaço expositivo do Museu Histórico Visconde de São Leopoldo, percebemos o acúmulo de objetos, sem informações. Objetos que muitas vezes são vistos como “coisas”, seja pelo seu público ou aquele em potencial.

Destaca-se que o espaço destinado à Reserva Técnica do Museu está pequeno diante da quantidade de peças e documentos que chegam a todo o momento como doações ao MHVSL. Para nossa surpresa, a maioria é aceita, pois, na concepção de seus gestores, são peças únicas. Questionamos: mas qual é a missão deste museu? Ser espaço de resignificação da memória da história da imigração alemã e da cidade de São Leopoldo junto àquelas etnias que fizeram parte do seu contexto ou ser um espaço de colecionismo?

O discurso de seus gestores está ligado especialmente à história da imigração alemã, porém, na prática percebemos que o quantitativo é um fator considerado. Para eles, quanto mais acervo, melhor. Este pensamento está distante das recomendações expostas pela Nova Museologia, discutidas já no início da década de 1970. Em pleno século XXI ainda encontramos o caráter colecionista.

O Museu também não possui uma política de acervo voltada para a aquisição e descarte. Esta seria o norte para que a instituição refletisse sobre suas ações. Estas são falhas na exposição, pois destacamos diferentes ruídos.

O subcapítulo referente ao olhar do público verificou que a exposição é vista de forma estática por uns e bem planejada por outros, entretanto, ambos concordam que a exposição precisa investir em novos mecanismos para a interação com o público, a fim de garantir o melhor aproveitamento da visitação. Há também a exaltação perante o olhar de alguns que ainda estão pautados na Museologia Tradicional. De acordo com a Nova Museologia, os museus precisam repensar e modernizar suas exposições. Isso é colocado por uma estudante de 16 anos, que diz que o Museu precisa pensar em novos mecanismos, a fim de não tornar cansativa a visita ao espaço expositivo.

Todavia, as ações voltadas para a preservação e recuperação do patrimônio – destacadas em Santiago do Chile –, especialmente os bens imóveis da cidade, no MHVSL, na figura de seu diretor, desempenham seu papel social de lutar pela salvaguarda dos mesmos perante os órgãos públicos. É atuante, também, junto ao Conselho do Patrimônio Cultural de São Leopoldo e junto às entidades envolvidas pelas mesmas causas.

A exposição está voltada, a partir de seus objetos, à história de uma São Leopoldo antiga. Não reflete os problemas do desenvolvimento urbano contemporâneo e isso é percebido também no discurso de um voluntário do MHVSL. Ele considera importante que exista uma exposição crítica, deixando de ser bairrista, sem exaltação. É preciso mostrar outras histórias.

Desta forma, no discurso do voluntário, a exposição é vista com desatenção ao negar os diferentes códigos, bem como a diversidade e a valorização cultural. Não há a preocupação com um discurso voltado para o presente, de forma a apresentar o significado dos objetos na cultura e na sociedade contemporânea. Isso é visto, também, por parte do público.

O diretor do MHSL acredita que seria ideal ter o acervo relacionado ao colono alemão na exposição e não só ao imigrante bem-sucedido. Se estivesse contemplado esse contexto, o Museu estaria bem representado como missão.

Os responsáveis pela exposição precisam considerar, ainda, os diferentes níveis de leitura dos discursos expositivos, de forma a buscar o diálogo a partir dos múltiplos olhares. Percebemos essa passagem, também, no olhar da estudante de 16 anos. Entretanto, a recepcionista do Museu relata que

[...] as pessoas que possuem conhecimento permanecem por mais tempo, porém aquelas que não conhecem visualizam a exposição, assinam o livro e vão embora. O visitante fica no mínimo vinte minutos e no máximo uma hora no Museu. Os pais trazem as crianças, mas elas não têm paciência. Falta um atrativo. As crianças não enxergam o Museu. Existe a dificuldade para entender o conteúdo das etiquetas, além do obstáculo imposto pela altura dos expositores e a falta de acessibilidade (SPORKET, 2015, entrevista à autora).

Está dado o desafio à equipe do Museu: dialogar sobre os percalços evidenciados na exposição e nas suas ações, de forma a proporcionar ao público o melhor acolhimento e atratividade. As exposições refletem os bastidores das instituições museais. No espaço estudado, um dos ruídos refletidos na exposição é a ausência de livro de registros dos objetos, bem como a deficiência da documentação museológica. Na mesma linha, um dos voluntários concorda que a linguagem deve ser comprometida com a realidade. Acreditamos que aqueles que compreendem a exposição como satisfatória estão distantes da concepção de museu e de sua relação com o seu território.

Considerando a Lei 11.904/2009, que fala do Estatuto de Museus, o Artigo 28 destaca o estudo e a pesquisa. Ambos baseiam as ações de todas as áreas do museu. Pela falta de profissionais no MHVSL não existe um setor específico para o desenvolvimento da pesquisa. O que existe são atendimentos aos pesquisadores e estes, quando convém, contribuem doando seus resultados. Em diferentes discursos, percebemos que voluntários e públicos são carentes de informações relacionadas ao acervo em exposição.

Por ser um acervo diversificado, com números elevados, é necessária atenção por parte da equipe. Para ocorrer o processo de musealização são necessários a pesquisa e o estudo. Todavia, o objeto não será reconhecido como patrimônio se não o identificarmos e o interpretarmos através dos símbolos presentes. O profissional de museu deve dar sentido aos objetos. Junto à pesquisa, é preciso considerar, ainda, o estudo de público e as avaliações museológicas, a fim de adaptar a prática. Os museus são mediadores da memória social. Para tanto é preciso que seus atores sociais se comprometam com o desenvolvimento da instituição.

É necessário repensar a história na exposição do MHVSL. Há uma exaltação dos personagens ligados à cidade e das famílias consideradas importantes pelo Museu. Muitas contribuíram para a sua fundação com doações por meio de objetos e das vitrines. Nessas estão identificados os nomes dos doadores, em placas. Percebemos a luta pelos espaços. Quem realiza a doação de alguma peça quer que a mesma esteja exposta com o registro do seu nome.

Destacamos, ainda, o espaço destinado ao índio que se encontra abaixo da escada, como já apresentado. Há, neste caso, ruídos a serem considerados, pois não podemos pensar que ao expormos os objetos vamos conseguir contextualizar a história. É preciso cautela. As exposições, ao abordarem o índio e o negro, devem ser problematizadas de forma plural, dialogando e instigando novas ideias, reflexões e visões. Para isso, o estudo e a pesquisa são essenciais, pois, através dos objetos, considerados suportes de memória, haverá a memória coletiva – para tanto eles precisam ser ritualisticamente compartilhados.

A exposição do MHVSL tem muitos objetos que fazem parte de temas ou contextos diversos, o que dificulta uma mediação linear ou por temas. Também falta uma padronização das informações nas etiquetas, bem como mais informações sobre determinados objetos. Nesta linha, o diretor concorda.

A interação é razoável. Dá-se pela mediação com os grupos ou escolas, utilizando o referencial teórico relacionado à imigração alemã, o Museu, São Leopoldo. A expografia deveria contemplar painéis ilustrando a história com textos e linha do tempo, não expor só objetos. Ainda utilizar os recursos de visor, de exibição de vídeos e de som ambiente. O uso de totens iria auxiliar em todos os níveis, individual ou grupo (LINCK, 2015, entrevista à autora).

A presidente do MHVSL também concorda que seria preciso mudar a exposição. Porém, a falta de espaço limita a ação. Todas as mudanças estão previstas após a conclusão da ampliação do prédio. Nesta gestão, as ações se justificam a partir desta ampliação. Para tanto, o que acaba por influenciar o aumento do prédio é o número de acervo. Não satisfeitos, seus gestores garantem que, com mais espaço, será possível abrigar mais peças e documentos. Entretanto, os discursos voltados para a mudança não se aplicam na prática. Há certa relutância das partes.

O público se assusta com os números do Museu: 30 mil fotografias, 365 títulos de jornais, cerca de 200 mil documentos e 35 mil objetos e mais de 25 mil livros na biblioteca. Verifica-se por parte da Instituição o orgulho em divulgar esses dados ao seu público. Assim, é o quantitativo que prevalece.

Os museus trabalham com a construção de discurso, o que diferencia suas exposições são as múltiplas formas nas quais a mensagem é construída e trabalhada com o público. No caso do MHVSL, não acontece. Os gestores acreditam que é necessário mudar, mas não o fazem. O que prevalece é a prática, pois é nela que visualizamos de fato as ações.

Após a saída do carro da década de 1920, que gerou conflitos de opiniões por seus gestores, coloca-se o desafio de perceber o que chama mais atenção do público. Antes, o carro era suntuoso no meio do restante do acervo, agora é possível perceber que cada objeto/documento possui sua peculiaridade. Talvez o carro tenha sido um ruído na exposição, agora é a vez do acervo do Museu se fazer presente contribuindo para uma possível troca de informações com o seu público.

Há, ainda, a abertura para as exposições de curta duração sem contexto com o Museu, que evidenciam mais ruídos no espaço. Dentre elas estão obras de artistas que não dialogam com o que deveria ser a proposta desta instituição. Talvez ela, a instituição museal, esteja se encaminhando para ser um centro cultural, ao considerar diferentes manifestações culturais que não conversam com o seu acervo. Se considerarmos que Bauman (2013) diz que a cultura consiste em ofertas, o MHVSL está testando este caminho. Contudo, de forma errônea.

Destacamos, através de um voluntário e de um funcionário, que foram iniciadas ações voltadas para o controle do acervo exposto. Os mesmos estão identificando as peças com etiquetas através de uma numeração corrida para o primeiro momento. Após será dado continuidade através da aplicação da documentação museológica, em que um dos funcionários intui realizar um curso de extensão na área.

O Museu Histórico Visconde de São Leopoldo ainda está sob o aspecto de acervos e coleções personalistas. Como diz Mário Chagas (2006), esta celebração da memória do poder

tende a este esquema simplista sem considerar os procedimentos técnicos. Para tanto, é preciso avaliar, em meio às ações para o desenvolvimento da exposição, também as práticas voltadas para as estratégias educacionais e culturais.

5.2 AÇÃO EDUCATIVA E CULTURAL PARA QUEM?

Ao iniciarmos com um questionamento apresentemos os discursos e as práticas voltadas para as ações educativas e culturais no contexto da Nova Museologia, bem como das políticas culturais. De acordo com a Declaração de Caracas (1992), o museu deve ter um serviço educativo para que possa cumprir com sua função de ensino. Para tanto são necessárias instalações adequadas e meios para agir dentro e fora do museu. Percebemos estas considerações no discurso de parte do público e de voluntários, pois o MHVSL não considera um espaço de acolhimento ao público, assim como o serviço educativo.

Desta forma, um programa de formação de professores dos diferentes níveis de ensino proporcionaria uma nova proposta de ação junto ao aprendizado não-formal. Contudo, não identificamos essa sensibilidade por parte dos sujeitos envolvidos com a instituição.

O discurso dos funcionários e gestores do MHVSL, voltado para o setor educativo, está ligado à ausência. Entretanto, percebemos que isso se dá pela falta de conhecimento sobre a relevância dessa ação. Eles não percebem o território, o entorno do Museu. Para a maioria, o museu está atrelado às coleções.

Verifica-se que, para pensarmos em profissionais de museus, precisamos considerar aqueles que são técnicos na área ou que, ao menos, dialoguem e reflitam sobre a sociedade diante do contexto urbano contemporâneo. Este profissional de museu será responsável por tornar o discurso concreto.

Parte do público – sem mesmo conhecer a legislação – destaca nas suas respostas a mesma linha exposta no Artigo 28 da Lei 11.904/2009, que diz que os museus devem promover estudos de público, diagnóstico de participação e avaliações periódicas a fim de melhorar a qualidade de seu funcionamento e o atendimento às necessidades do visitante. O público evidencia que é preciso melhorar o atendimento, bem como perceber melhor seu visitante.

Para a análise, consideramos, ainda, o Artigo 29 que recomenda a promoção de ações educativas que estejam fundamentadas no respeito à diversidade cultural e na participação comunitária, contribuindo para ampliar o acesso da sociedade às manifestações culturais e ao patrimônio material e imaterial da Nação. Concluímos esta percepção ao entrevistarmos um dos voluntários do Museu. Todavia, não verificamos em nenhum dos discursos o olhar voltado

para a disponibilização de um livro de sugestões e reclamações, indicado pelo Artigo 37 do Estatuto de Museus. No Estatuto do Museu Histórico Visconde de São Leopoldo, percebemos a falta de preparo perante o programa educativo, pois delimita as ações relacionadas ao mesmo. Entendemos a carência de conhecimento técnico.

Durante a observação participante, presenciamos os alunos agitados. Uma professora chamou a atenção deles dizendo que precisavam falar baixo, pois estavam em um museu. Verificamos, nessa passagem, o despreparo dos indivíduos. Isso se dá pela falta de arranjo desta instituição para as ações educativas. Para tanto, a capacitação se torna essencial. Contudo, além do voluntário do Museu, é na figura da professora Dra. Roswithia Weber que são desenvolvidas ações junto à sociedade. Como verificamos, seu projeto de extensão *Museu como espaço de ação* objetiva promover ações diversificadas, construídas com sua participação. Porém, são ações pontuais que precisam da disponibilidade da professora e de seus estagiários, pois a equipe do Museu não desenvolve e não participa do projeto.

A auxiliar de serviços do MHVSL percebe que não existe um público considerável. São poucos. Ela diz que sua família não tem interesse em conhecer o Museu e relata que não percebe a cidade de São Leopoldo na instituição. O que vê é a história dos imigrantes. Percebemos, neste caso, que antes de realizar ações voltadas para o público é preciso pensar na capacitação da equipe a fim de mostrar aos funcionários que eles também são partícipes da representação do museu, e, para isso, precisam se fazer presentes nas discussões e reflexões acerca do patrimônio musealizado.

Um voluntário do MHVSL relata que as pessoas não conhecem o Museu. Acredita que a placa fica escondida. Para torná-la visível, é preciso adaptar a fachada do prédio a fim de dialogar com o seu entorno. Como já abordado, geralmente confundem o Museu com o prédio da Receita Federal. São os cursos oferecidos, especialmente os de línguas, que auxiliam os sujeitos a descobrirem o Museu.

O público, funcionários e gestores acreditam que é nos eventos culturais que ocorre a integração entre Museu e comunidade, permitindo dar um novo sentido ao espaço. Nesses, existe a integração pela música, por palestras, por seminários, por exibição de filmes, entre outros. São nesses momentos que o Museu Histórico Visconde de São Leopoldo, a partir de seu espaço, se torna vivo ao dialogar e trocar experiências.

Entretanto, como já apresentado, a instituição falha ao não dialogar com o espaço que está inserida. Verificamos que aos arredores dela se encontram instituição de ensino, igreja, praça, Prefeitura, Câmara de Vereadores, monumentos, clube de piscinas, bem como prédios residenciais e comerciais. Sendo que, para muitos, no dia a dia, o MHVSL passa despercebido.

Ao entrevistarmos uma das funcionárias da instituição, percebemos otimismo em seu discurso. Ela acredita que, através da visita das escolas, o Museu proporciona uma aula de História. As pessoas acham que o Museu é parado, que não tem vida, porém, ela destaca que ele tem vida, sim, e está em movimento, mas poderia melhorar. Uma forma seria através de um cronograma específico para as ações educativas e culturais no MHVSL.

Muitos dos discursos – público, gestores e voluntários – percebem, nas doações de objetos, o Museu junto à sociedade, além da oferta de cursos nas diversas áreas e por proporcionar eventos. Todavia, creem que o museu poderia investir especialmente em ações que convidem a participação da comunidade leopoldense. Já no discurso de outros – público e voluntários – a instituição não é percebida como engajada junto à sociedade.

Outro dado importante é o baixo índice de visitas das escolas da cidade. No ano de 2015, das 37 visitas de escolas, somente 16 foram escolas da cidade de São Leopoldo. Destas, sete eram de escolas públicas. O número de cada grupo variou de 15 a 70 alunos. A ausência de um programa voltado para o educativo justifica o quadro.

Para inverter essa situação, o Museu deve explorar sua exposição e inovar a partir dos recursos disponíveis para suas ações. Para a realização de uma boa ação educativa é necessário o envolvimento de toda a equipe, além do auxílio dos profissionais da área da Educação. A continuidade dos projetos desenvolvidos é fundamental, assim como a adoção de novas propostas. O Museu tem potencial para ampliar suas ações educativas e culturais. Porém, precisa criar uma rede de contatos e oferecer cursos de capacitação aos funcionários e professores. Só assim o Museu Histórico Visconde de São Leopoldo poderá ser, de fato, um espaço extramuros, indo além do seu interior, para refletir junto à sociedade os problemas e as demandas diante do contexto de crise.

5.3 CRISE OU ADAPTAÇÃO: REPENSANDO A FUNÇÃO SOCIAL

Para que ocorra o cumprimento da função social o museu precisa, primeiramente, desenvolver suas funções básicas como preservar, pesquisar e comunicar a fim de garantir o direito à memória, à história e à educação. Ainda é preciso considerar as ações promovidas pelo museu e a forma que aborda sua exposição. Para tanto, é essencial conhecer as políticas culturais na área dos museus e a trajetória das instituições museológicas no País, como também a nível internacional. Documentos que refletem as novas formas de se pensar os museus, como as cartas de Santiago, Quebec e Caracas devem ser debatidos pelos atores sociais com o intuito de torná-los críticos em seus espaços de atuação.

Como verificamos, o Museu Histórico Visconde de São Leopoldo não dialoga com o Movimento da Nova Museologia por não o conhecer. Percebemos isso nas falas de parte dos voluntários, dos funcionários e dos gestores. Já alguns reconhecem o Instituto Brasileiro de Museus e o Sistema Estadual de Museus do Rio Grande do Sul.

Desta forma, evidenciamos um contexto de crise por parte do MHVSL. Antes, na figura de seu ex-diretor, Telmo Lauro Müller, participava ativamente das discussões na área dos museus no RS, ajudando na criação do Sistema Estadual de Museus. Atualmente, o Museu não está posicionado diante das políticas culturais e não se faz presente nos debates museais. Porém, é visto como modelo para a criação de outras instituições museológicas – o que deveria acarretar um novo posicionamento perante o contexto contemporâneo.

Destacamos um dos pontos críticos considerados pela Política Nacional de Museus: a fragilidade dos instrumentos de gestão dos museus e o desempenho pouco eficaz da sua função social. O mesmo é verificado pelo público em potencial e por um dos voluntários. O trabalho evidencia a fragilidade da gestão desse museu, especialmente na realização de sua função social. Há, ainda, muito a ser desenvolvido para que exista, de fato, uma gestão eficaz diante das ações recomendadas pela Nova Museologia.

De acordo com o diretor do MHVSL, a gestão não segue todas as diretrizes por consequência das distintas demandas no dia a dia do Museu. Isso se dá também pela não implementação e elaboração do seu plano museológico. Os gestores acreditam que, talvez, seria um desgaste desnecessário. Entretanto, começaram a considerá-lo por precisarem do mesmo para sua apresentação na captação de recursos, pois consta na Lei 11.904/2009.

Verificamos também que a presidente do Museu, na condição de voluntária, não possui formação na área. Para tanto, ao assumir um cargo de gestor é preciso conhecer a legislação, bem como os documentos norteadores da museologia. Consideramos fundamental o trabalho voluntário, mas é preciso profissionalizar o espaço de forma a garantir a salvaguarda do acervo, bem como a sua difusão e divulgação através das práticas exercidas pelo Museu em parceria com a comunidade, a fim de fazer cumprir com sua função social.

Para o diretor, o Museu cumpre com suas responsabilidades, mas precisa ser ampliado, assim como seus recursos humanos. Os atores sociais são os profissionais de museus e somado a eles está o público. Para tanto, a partir de seus gestores, será fundamental a capacitação da equipe bem como a contratação de novos sujeitos com experiência na área. A equipe precisa ser adaptada, para que a crise não se perpetue no espaço.

O voluntariado, por meio de alunos da graduação, é uma saída para a adaptação. O coordenador de estágios, que também é voluntário, está buscando a continuidade e ampliação

da parceria com instituições de ensino superior. Destacamos também que seria interessante o MHVSL abrir seu espaço para alunos do ensino médio, a fim de estimular que se tornem novos profissionais de museus. Um dos voluntários destaca que é através do voluntariado que o Museu está se abrindo para o novo, pois são novas ideias e reflexões que começam a gravitar sobre o espaço. Os novos atores sociais poderão influenciar a novos projetos e ações voltadas para os problemas da sociedade, além disso, poderão trabalhar junto à exposição a fim de garantir uma linguagem adaptada e acessível. Os mesmos poderão amparar os gestores nas ações envolvendo o entorno do Museu.

A parceria com outras instituições de memória da cidade e com projetos sociais poderia criar uma rede de diálogo e uma rede de museus, a fim de conversarem com a cidade e com o seu desenvolvimento. É preciso se adaptar para instigar novos atores que se envolvam com a diretoria, pois a mesma atua de forma tímida. Apresentamos que cerca de 70% dela não participa e não está presente no Museu. É preciso convidar novos olhares que estejam engajados e com vontade de fazer a diferença na instituição, sem estar ali a título de nomenclaturas de cargos. Trabalhando de forma eficiente, a instituição poderá colaborar com o seu desenvolvimento local mostrando no seu cotidiano a sua utilidade como ferramenta cultural. Para isso, seria necessário incluir também o público na discussão voltada para a ampliação do prédio, pois ele deveria estar diretamente ligado às ações desenvolvidas no espaço por meio da avaliação. O MHVSL precisa, antes de tudo, identificar as necessidades de seu público e da sociedade. Talvez essa iniciativa poderia fazer com que o outro também se perceba no espaço por ser chamado a ser partícipe das decisões do Museu. Almejamos que, além das abordagens referentes ao índio e ao negro, outros estejam presentes, mas é preciso ter precaução a fim de dialogar com a temática da imigração alemã, bem como da cidade de São Leopoldo.

Destacamos as possíveis providências a serem consideradas pelo Museu para sua adaptação, a fim de possibilitar o cumprimento eficaz de sua função social:

- exercer suas funções básicas: preservar, pesquisar e comunicar;
- capacitar a equipe a partir do estudo voltado para as políticas culturais e documentos da Nova Museologia;
- estimular a equipe a pesquisar sobre o acervo e sobre outras instituições museológicas;
- elaborar seu plano museológico;
- elaborar um programa educativo;
- deixar de atuar com caráter colecionista;
- repensar a exposição a fim de apresentar os problemas e as contradições da sociedade;
- explorar o território;

- dar voz ao público;
- possibilitar o acesso a todos;
- ser espaço de relação e estímulo às novas produções.

A partir dessa perspectiva, consideramos que a crise nos leva à adaptação, a repensar nossas ações. Para isso, o museu precisa ser um espaço aberto, de diálogo, de interação. Recortamos fatos de uma sociedade para construir o museu, porém, é sempre possível uma nova leitura. Percebemos que o indivíduo sozinho não dá conta de todas as recomendações das políticas culturais e dos documentos considerados. Para tanto, a fim de evidenciar os diferentes discursos, pois os mesmos oscilam entre si, é preciso pensar na multiplicidade. Não será um ator social que fará a diferença no espaço museal, mas vários, cooperando para que a instituição possa fazer cumprir com a sua função social. Por fim, o MHVSL deve ser um referencial e parâmetro reflexivo para a sociedade agora múltipla e fragmentada.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho partiu de uma motivação pessoal, de querer contribuir de forma construtiva com o primeiro museu visitado. Assim, após dois anos acompanhando atividades, reuniões e visitas no Museu Histórico Visconde de São Leopoldo, percebeu-se diferentes posicionamentos e ações que permitiram traçar caminhos diferentes para o seu desenvolvimento. Considerou-se trilhar uma metodologia que se pode adaptar perante os percalços, bem como das evidências não consideradas até então.

Aspirou-se que o estudo corrobore com os desafios a serem enfrentados pela instituição, além de cooperar para o seu planejamento estratégico em que se avalie se o mesmo desempenha sua função social. Para isso, evidenciou-se que ele precisa ser um espaço aberto, de diálogo e de interação junto ao seu público, inserindo a cidade nas suas discussões e ações.

A luz de um curso interdisciplinar se tentou explorar um museu histórico como objeto de pesquisa. Constatou-se que o mesmo apresenta a cidade antiga. Deixando, assim, de ser crítico e partícipe do processo de transição da cidade através de sua exposição. Para tanto, deveria ser espaço de afirmação da identidade local e de ressignificação da memória social.

O estudo pretendeu responder à problemática **de que forma o Museu Histórico Visconde de São Leopoldo cumpre com a sua função social (e com quais tendências) considerando as políticas culturais?** Para tanto, evidenciaram-se as políticas culturais na área dos museus e da função social, somando-se as ações desenvolvidas pelo MHVSL e sua relação com a sociedade e com o seu entorno. A partir da verificação dos dados atrelada à observação participante se verificou que a instituição museológica coloca em questão a função social de forma a garantir a aprovação de projetos por meio de leis de incentivo à cultura, promovidas através das próprias políticas culturais. Há uma tendência de se posicionar para ser bem visto pelos avaliadores dos projetos a fim de aprová-los, em especial, para a ampliação do prédio. Todavia, na prática, o trabalho é exercido, na maioria das vezes, através dos voluntários do Museu, eximindo a diretoria de seu exercício junto à instituição. Vale salientar, que esse é um dado que não é exclusivo deste Museu.

O capítulo 2 teve como objetivo explorar os conceitos por meio da fundamentação teórica sob a luz da área interdisciplinar. Assim, pela perspectiva do conceito de *cultura* e de *museu*, através da linha de pesquisa Memória e Identidade do Mestrado em Processos e Manifestações Culturais, o trabalho valeu-se de distintos teóricos para dar conta do material empírico, em especial de Clifford Geertz (2008) – para quem a cultura é vista como *discurso*, como comunicação. Para tanto, interpretamos os museus, espaços imbricados de teias de

significados, no contexto da crise da cidade moderna, ordenada pela fragmentação.

Apresentou-se o MHVSL como processo e manifestação cultural situado na cidade de São Leopoldo e percebeu-se que o mesmo contribuiu para que a tradição e a memória dos imigrantes alemães e de seus descendentes não se esvaeçam no esquecimento.

No capítulo 3, pretendeu-se apresentar a função social no contexto contemporâneo, amparada em documentos, em discussões da museologia tradicional e da nova museologia e das políticas culturais. Compreendeu-se o MHVSL partícipe das discussões na figura do ex-diretor, Telmo Lauro Müller. Contudo, não existem registros dessas ações no Museu. Os dados foram descobertos, especialmente, a partir da leitura da tese de doutorado de Márcia Bertotto (2013). Entretanto, notou-se que a gestão atual 2014/2016 não está presente e não percebe as políticas culturais, ao menos quando é conveniente para a captação de recursos. Ainda, a maior parte dos funcionários e dos voluntários não conhecem a Política Nacional de Museus, nem o Estatuto de Museus.

O capítulo 4 evidenciou o MHVSL sob diferentes percepções, tanto do seu aspecto institucional quanto físico. Através da observação participante, de entrevistas e de questionários, percebeu-se que a instituição precisa repensar seu posicionamento diante da sociedade. É necessária, sobretudo, a definição de sua missão.

Existe um público em potencial, mas este ainda não foi instigado a participar das atividades do Museu. A maioria de suas ações, educativas e culturais, está pautada no trabalho voluntário, pois seu quadro de funcionários carece de técnicos da área dos museus. Para tanto, seu estatuto precisa ser revisto, bem como as ações relacionadas à preservação, à pesquisa e à comunicação. Ambas são essenciais para a o exercício da função social.

No capítulo 5, foram analisados os dados através do estudo comparativo. Percebeu-se que no seu discurso o Museu está aberto para todos, mas, por ser privado, acaba por cobrar a entrada, limitando seu público.

Verificou-se que as ações educativas estiveram presentes na Semana de Museus e na Primavera de Museus, em 2014 e em 2015. Contudo, isso só é possível por ser iniciativa do trabalho voluntário ou por meio do projeto de extensão *Museu como espaço de ação*, coordenado pela professora Dra. Roswithia Weber, da Universidade Feevale. Já as ações culturais, na maioria das vezes, estão relacionadas a lançamento de livros, concertos, apresentação de corais, exposições de artistas com venda de quadros – todas voltadas para locação do espaço, à cobrança de ingresso ou à venda de algum produto.

Verificou-se que a exposição está pautada na cidade antiga de São Leopoldo: o que se evidencia é o contexto urbano. Personagens importantes da vida política, social, cultural e

ambiental estão presentes na sua releitura, bem como em objetos de famílias consideradas importantes. O que predomina são as memórias individuais destas. Mas é preciso ir além para ressignificarmos a memória social da cidade. Se fôssemos de acordo com o que o museu discursa, a exposição representaria uma pequena parte da população atual.

Desta forma, constatou-se que o MHVSL precisa se adaptar, sem perder sua essência, para cumprir com sua função social. Porém, é preciso deixar seu caráter colecionista para dialogar com a cidade contemporânea e com seus novos migrantes e imigrantes que não estão inseridos, ainda, na história deste Museu. Pois o mesmo se colocou não só como responsável pela história dos imigrantes alemães, mas também da cidade de São Leopoldo – que hoje possui um universo fragmentado.

O município de São Leopoldo ultrapassa o número de 200 mil habitantes. O público do MHVSL ficou em torno de 4 mil pessoas nos anos de 2014 e de 2015. Considerou-se também que o mesmo conta com um acervo que está relacionado à história de diferentes cidades. Diante dos números, percebeu-se que a cidadania não é exercida. Ela está ligada aos direitos e deveres do cidadão. Dentre estes, compreende-se o dever de se fazer presente perante seu patrimônio, a fim de auxiliar a cidade no contexto contemporâneo ancorada ao seu passado.

Percebeu-se, ainda, que a investigação poderá perdurar durante toda a existência desse Museu em suas diferentes gestões, ou seja, não é um estudo acabado. Assim, estima-se ampliar o trabalho em outras circunstâncias, como tese e artigos, ou por outros sujeitos, como pesquisadores e estagiários que atuam no MHVSL.

Desta forma, verificou-se que a função social, bem como o Museu Histórico Visconde de São Leopoldo poderão ser estudados através de outras leituras de forma a complementar e ampliar para uma nova perspectiva e abordagem por diferentes áreas. Um exemplo é um trabalho voltado para o plano diretor deste Museu e de seus desdobramentos.

Considerou-se que, mesmo que não exista um posicionamento exato diante da função social dos museus junto à sociedade, ela está atrelada à relação e à troca entre instituição, através da exposição e de seu público, por meio do indivíduo.

Por fim, o trabalho analisou um espaço conhecido que, no entanto, é subutilizado pela comunidade. Essa dissertação de mestrado afirma que a função social exercida pelo Museu Histórico Visconde de São Leopoldo pode ser descrita como não apta e está distante do direito à memória, do direito à história, do direito à educação. Para tanto, diante dos novos tempos, se faz necessário um conjunto de adaptações.

REFERÊNCIAS

ANICO, Marta. A pós-modernização da cultura: património e museus na contemporaneidade. **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, ano 11, n. 23, p. 71-86, jan/jun. 2005. BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. ed. rev. e ampl. São Paulo: Edições 70, 2011.

BAUMAN, Zygmunt. **A Cultura no Mundo Líquido Moderno**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

BERTOTTO, Márcia. **Entre o paralelo 20 e o 30 – analisando e propondo políticas públicas para museus no Sul do Brasil**. (Tese de Doutorado), 2013.

Disponível em:

<<http://recil.grupolusofona.pt/bitstream/handle/10437/4980/Tese%20M%C3%A1rcia%20Bertotto.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 20 mai. 2015

BITTENCOURT, José Neves. **A pesquisa como cultura institucional: objetos, política de aquisição e identidades nos museus brasileiros**. Mast Colloquia, v. 7. Rio de Janeiro, Mast, 2005.

BOSI, Alfredo. **Dialética da Colonização**. 4ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BRASIL. Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009. **Estatuto de Museus**. Disponível em: <http://www1.museus.gov.br/IBRAM/PAG/legislacao_detalhe.asp?cn=32>. Acesso em: 19 set. 2013.

BRASIL. Ministério da Cultura. **Política Nacional de Museus: memória e cidadania**. Brasília, 2003. 37 p.

BRASIL Ministério da Cultura. **Plano Nacional de Cultura**. Brasília, 2011. Disponível em: http://www.cultura.gov.br/documents/10883/11294/METAS_PNC_final.pdf/ Acesso em: 30 jul. 2015.

BRUNO, Maria Cristina Oliveira. **Musealização da Arqueologia: um estudo de modelos para o Projeto Paranapanema**. (Tese de Doutorado). São Paulo: FFLCH/USP, 1995.

CÂNDIDO, Manuelina M. D. **A função social dos museus**. Disponível em: <http://www.academia.edu/2107555/2007_-_A_funcao_social_dos_museus>. Acesso em: 19 ago. 2014.

CATROGA, Fernando. Memória e História. In: PESAVENTO, Sandra Jatay. (Org). **Fronteiras do milênio**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2001.

CHAGAS, Mário. **Há uma gota de sangue em cada museu: a ótica museológica de Mário de Andrade**. Chapecó: Argos, 2006.

CHOAY, François. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: Estação Liberdade; São Paulo: Editora UNESP, 2001.

CURY, Marília Xavier. **Exposição: concepção, montagem e avaliação**. São Paulo: Annablume, 2006

_____. O sujeito do Museu. **MUSAS** – Revista Brasileira de Museus e Museologia, n. 4, 2009. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Museus, 2009. p. 86-97.

DREHER, Martin N. **190 anos de imigração alemã no Rio Grande do Sul: esquecimentos e lembranças**. 2. ed. São Leopoldo: Oikos, 2014.

FARIA, H. (2003). Políticas públicas de cultura e desenvolvimento humano nas cidades. In: BRANT, L. (Coord.). **Políticas culturais** (v. 1, pp. 35-51). São Paulo: Manole.

FEIJÓ, M. C. (1992). **O que é política cultural**. São Paulo: Brasiliense.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. Tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio. 23. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

GALVÃO, Regina. **Entrevista concedida à autora**. São Leopoldo: 22 out. 2015.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. 1. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GRANATO, Marcus. A diversidade de profissionais que atuam em museus e suas relações e funções. In: MICHELON, Francisca; TAVARES, Francine. (Org.). **Memória e Patrimônio: ensaios sobre a diversidade cultural**. 1 ed. Pelotas: Editora da UFPEL, 2009, v. 1, p. 43-76.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HOFMEISTER, Carlos Filho. **SOGIPA - Doze décadas de história**. Porto Alegre: 1987.

HORTA, Maria de Lourdes Parreira. (1995) 20 Anos depois de Santiago: A Declaração de Caracas – 1992. In: Araujo, M. M., & Bruno, M. C. O. **A memória do pensamento museológico contemporâneo – Documentos e depoimentos** (pp. 26 - 29). Rio de Janeiro: Comitê Brasileiro do ICOM.

JENKINS, Keith. **A História repensada**. São Paulo: Contexto, 2013.

LEAL, Noris Mara Pacheco Martins. História, Literatura, Patrimônio e Museus. **Anais do IV SIMP: Memória, patrimônio e tradição**, 2010. Disponível em: <<https://simpufpel.files.wordpress.com/2010/09/comunicacoes-museus.pdf>>. Acesso em: 10 mar. 2015.

LINCK, Márcio. **Entrevista concedida à autora**. São Leopoldo: 25 mai. 2015.

MARONEZE, Luiz Antônio Gloger. **Porto Alegre em dois cenários: a nostalgia da modernidade no olhar dos cronistas**. (Tese de Doutorado). Programa de Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2007. Disponível em: <<http://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/3975/1/000395023-Texto%20Completo-0.pdf>>. Acesso em: 7 abr. 2014.

MARXEN, Ingrid **Entrevista concedida à autora**. São Leopoldo: 20 fev. 2015.

MEIRA, Marcel Ronaldo Morelli de. Os novos museus e a estética na contemporaneidade. **VI EHA – Encontro De História Da Arte – Unicamp**, 2010, p. 287- 292.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra. O museu na cidade X a cidade no museu: para uma abordagem histórica dos museus de cidade. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v.5, n. 8/9, set.1984/abr.1985, p. 197-205.

_____. A problemática da identidade cultural nos museus: de objetivo (de ação) a objeto (de conhecimento). **Anais do Museu Paulista**. Nova série, n. 1, 1993, p. 207-222. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/anaismp/v1n1/a14v1n1.pdf>>. Acesso em: 5 out. 2015.

MORAES, Nilson Alves de. Políticas públicas, políticas culturais e museu no Brasil. **Museologia e Patrimônio** - vol. II n. 1, 2009.

MORAES, Nilson. Museus e poder: enfrentamentos e incômodos de um pensar e fazer. **MAST Colloquia 12**. O Caráter Político dos Museus /Museu de Astronomia e Ciências Afins-Organização de: Marcus Granato, Cláudia Penha dos Santos e Maria Lucia de Niemeyer Matheus Loureiro. — Rio de Janeiro: MAST, 2010.

MORIN, Edgar. Por uma reforma do pensamento. In: PENA-VEJA, Alfredo; ALMEIDA, Eliamar Pinheiro de. (Orgs). **O pensar complexo: Edgar Morin e a crise da modernidade**. Rio de Janeiro: Garamond, 1999. p. 21-34.

MOUTINHO, Mário. **Palestra proferida no Museu de Ciências e Tecnologia – PUC-RS**. Ago. 2014.

_____. 1995). A Declaração de Quebec de 1984. In: Araujo, M. M., & Bruno, M. C. O. **A memória do pensamento museológico contemporâneo – Documentos e depoimentos** (p. 26-29). Rio de Janeiro: Comitê Brasileiro do ICOM.

MOVIMENTO INTERNACIONAL PARA UMA NOVA MUSEOLOGIA [MINOM – ICOM]. (2011). Disponível em: <<http://www.minom-icom.net>>. Acesso em: 23 mai. 2015.

MUSEU HISTÓRICO VISCONDE DE SÃO LEOPOLDO. Disponível em: <<http://www.museuhistoricosl.com.br/>>. Acesso em: 12 jun. 2015.

NASCIMENTO JUNIOR, José do. Museus como agentes de mudança social e desenvolvimento. **MUSAS – Revista Brasileira de Museus e Museologia**, n. 4, 2009. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Museus, 2009. p. 148-162.

NORA, Pierre. Entre a memória e a história: a problemática dos lugares. **Projeto História** Tradução Yara Aun Khoury. São Paulo. n. 10, dez. 1993, p. 7-28.

_____. Memória: da liberdade à tirania. In: **MUSAS - Revista Brasileira de Museus e Museologia**, n. 4, p. 6-10, 2009.

PADILHA, Renata C. Documentação Museológica e Gestão de Acervo. In: **Coleção Estudos Museológicos**, v.2. Florianópolis, FCC, 2014. 71 p.

PRODANOV, Cleber; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do Trabalho Científico**. Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico. Novo Hamburgo: Feevale, 2009.

RIBEIRO, Renato Janine. A política como espetáculo. In: DAGNINO, Evelina (Org). **Os anos 90: política e sociedade no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 31-40.

RIBEIRO, Diego Lemos. **A ciência da Informação em Ação**: Um estudo sobre os fluxos da informação no Museu de Arqueologia de Itaipu (MAI). (Dissertação de Mestrado), 2007.

RUSSIO, Waldisa. Texto III. In: ARANTES, Antônio Augusto (Org.). **Produzindo o passado**, São Paulo: Brasiliense, 1984.

_____. Algumas considerações sobre uma política cultural para o estado de São Paulo. In: Bruno, M. C. O. (Coord.). **Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: textos e contextos de uma trajetória profissional**. (volume 1, p. 57-68) São Paulo: Pinacoteca do Estado, Secretaria de Estado da Cultura, ICOM-BR.

SANTOS, Rodrigo Luis dos. **Entrevista concedida à autora**. São Leopoldo: 22 out. 2015.

SANTOS, Myrian Sepúlveda. Museus brasileiros e política cultural. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 19, n. 55, p. 53-70, junho de 2004.

SANTOS, M. Reflexões sobre a Nova Museologia. **Cadernos de Sociomuseologia**, América do Norte, 18, Jun. 2009. Disponível em: <<http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/363/272>>. Acesso em: 19 nov. 2015.

SIMÕES, Janaina Machado; VIEIRA, Marcelo Milano Falcão. A atuação do Estado e do mercado na trajetória do campo organizacional da cultura no Brasil. In: VIEIRA, Milano Falcão; SILVA, Rosimari Carvalho da; RODRIGUES, Marcio Silva (Orgs.) **Cultura, mercado e desenvolvimento**. Porto Alegre: Dacasa, 2010. p. 15-40.

SPORKET, Kárin. **Entrevista concedida à autora**. São Leopoldo: 25 mai. 2015.

VARINE, Hugues. (1995). A Respeito da Mesa-Redonda de Santiago. In: Araujo, M. M., & Bruno, M. C. O. **A memória do pensamento museológico contemporâneo – Documentos e depoimentos** (p. 26 - 29). Rio de Janeiro: Comitê Brasileiro do ICOM.

_____. Museus e desenvolvimento Social: balanço crítico. In: BRUNO, Maria Cristina Oliveira; NEVES, Kátia Regina Felipini Revista RETC – Edição 13ª, outubro de 2013, página 15 (Orgs.). **Museus como agentes de mudança social e desenvolvimento: propostas e reflexões museológicas**. São Paulo Cristovão, SE: Museu de Arqueologia de Xingó, 2008.

WEBER, Roswithia. **Mosaico Identitário**: História, Identidade e Turismo nos Municípios da Rota Romântica – RS. (Tese de Doutorado em História). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UFRGS. Porto Alegre, 2006.

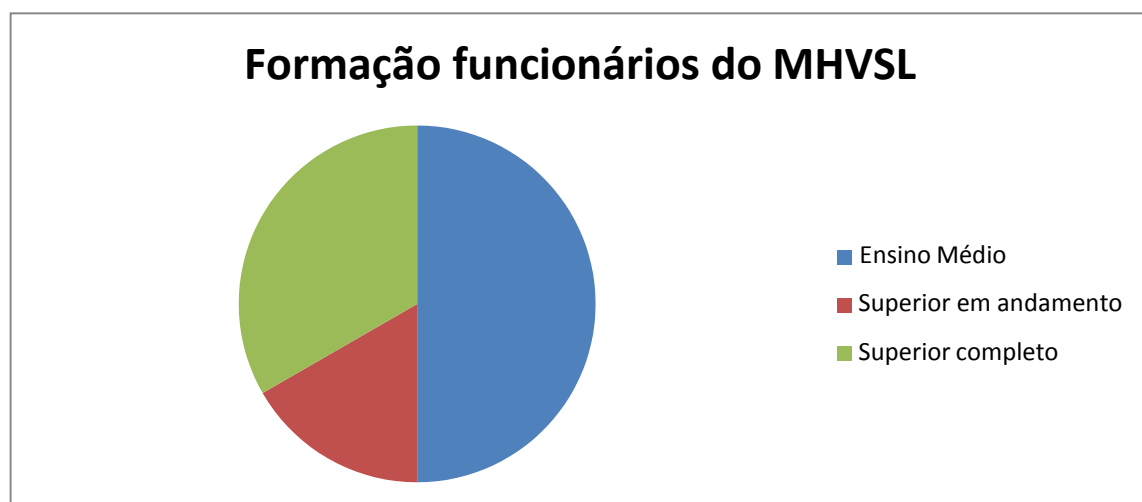
_____. O Museu. In: EGGERS, José Carlos; LINCK, Márcio. (Coords.). **Museu Histórico Visconde de São Leopoldo**: 50 anos de história. Novo Hamburgo: Um Cultural, 2012, p. 17-23.

_____. A criação de um museu de imigração alemã no pós-nacionalização. **Revista Memória em Rede**, Pelotas, v.3, n.9. Dez. 2013.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: HALL, Stuart; SILVA, Tomaz Tadeu da.; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e Diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis: Vozes, 2003.

APÊNDICES

APÊNDICE A – QUADRO DE FUNCIONÁRIOS E FORMAÇÃO



ANEXOS

ANEXO A – CARTAZ 1º SEMINÁRIO PATRIMÔNIO HISTÓRICO DE SÃO LEOPOLDO

1º Seminário
Patrimônio Histórico de São Leopoldo

Cidade
Patrimônio da
Nação Brasileira

*Histórico da foto: A imagem retrata o torçido de salvas ornamentais que ocorria nos águas do Rio dos Sinos, e era realizado pelo antigo Clube Inuphy (atual Clube de Regatas Hamant).
Fotografia: Museu Visconde de São Leopoldo.*

Data: 02 e 03 de Outubro de 2015
Local: Plenário da Câmara de Vereadores
Rua Independência, 66, Centro, SL
Inscrições: E-mail: seminariosl2015@gmail.com

Dia: 02/10
19:00 - Credenciamento
19:30 - Abertura Oficial
20:00 - Tema: O Conselho de Patrimônio Cultural de São Leopoldo
Palestrante: Me. Adalberto da Rocha Heck
20:30 - Tema: Patrimônio da Imigração no Rio Grande do Sul
Palestrante: Dra. Ana Lúcia Goelzer Meira
21:00 - Tema: A Paisagem em Cidades Históricas
Palestrante: Diretora do IPHAE RS - Mirian Sartori Rodrigues

Dia: 03/10
09:00 Credenciamento
09:30 - Tema: Atuação do IPHAN no Território Gaúcho
Palestrante: Superintendente do IPHAN RS - Eduardo Hahn

10:30 - Tema: Legislações Municipais de Incentivo a Preservação Histórica
Palestrante: Promotor de Justiça Ricardo Schinestock Rodrigues
13:30 Credenciamento
14:00 - Case: O Restauo da Praça da Alfândega em Porto Alegre
Palestrante: Coordenadora do PAC Cidades Históricas Briane Bicca
15:00 - Coffe Break
15:20 - Case: Preservação e Reciclagem de Edifícios Históricos
Palestrante: Arq. Rodrigo Poltosi
16:00 - Case: Preservação e Reciclagem de Edifícios Históricos
Palestrante: Arq. Lucas Volpatto

**"o patrimônio de um povo
faz a sua história"**

Realização: **São Leopoldo**
Cidade de Trabalho para uma Cidade Melhor

Apoio: **COMPAC**
Comissão Municipal de Patrimônio Cultural

UNISINOS
Serviço Público Municipal

Câmara Municipal de Vereadores

Patrocínio: **CAIXA**
 ANGINEL
 baliza